

SAPUCAIA DO SUL, RS, V.7, N.1, 2020

2º COLETÂNEA NACIONAL

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



Sapucaia do Sul, RS, V.7, N.1
Outubro de 2020

Expediente

Comissão Editorial Executiva

Aline Lemos da Cunha Della Libera

Débora Taís Batista de Abreu

Guilherme Reichwald Jr.

Maria Raquel Caetano

Patrícia Hammes Strelow

Suzana Trevisan

Conselho Editorial

Adriano Armando Amarante, IFRS/Câmpus Canoas

Ana Lúcia Sarmiento Henrique, IFRN/ Câmpus Zona Leste

Bárbara Alessandra Alves Mendonça, IFS/Proen

Camila Coelho Silva, IF Sertão/Câmpus Serra Talhada

Clisivânia Duarte de Souza, IFAM/PROEN

Gisele Jacques Holzschuh, CTISM/UFSM

Silvia Regina Montagner, IFFAR/Câmpus Júlio de Castilhos

Vânia do Carmo Nobile, IFRN/ Câmpus Macau

Projeto Gráfico e Diagramação

Patrícia Hammes Strelow

Periodicidade

Semestral

Histórias que Merecem ser Contadas

Sapucaia do Sul, RS, V. 7, N. 1, 2020



INSTITUTO FEDERAL

Sul-rio-grandense

Câmpus Sapucaia do Sul

Avenida Copacabana, 100, bairro Piratini

www.sapucaia.ifsul.edu.br

Sumário

- 11 *Prefácio* | Jaqueline Moll
- 15 *A história do #Histórias que Merecem ser Contadas* | Suzana Trevisan
- 18 *Minhas alunas negras: experiências educacionais compartilhadas* | Alba Cristina Couto dos Santos Salatino e Priscila Vieira Bastos. Câmpus Restinga, IFRS
- 21 *Manifestações de hospitalidade: a hora do cafézinho* | Aldo Rezende e Maria José de Resende Ferreira. Câmpus Vitória, IFES
- 23 *As mulheres estudantes da EJA/ÉPT* | Aline Severo da Silva. Câmpus Sapucaia do Sul, IFSul
- 26 *Mãos silenciosas* | Ana Caroline Chaves Manso Amaro. Câmpus Duque de Caxias, IFRJ
- 27 *O primeiro ingresso de estudantes da proeja no IFRS Câmpus Porto Alegre: um novo desafio para estudantes e educadores* | Ana Rosaura Moraes Springer. Câmpus Porto Alegre, IFRS
- 30 *Um encontro pessoal com a EJA* | André Guimarães Valente. Câmpus São Gonçalo, IFRJ
- 32 *Vistas das janelas da alma: Memórias gustativas afetivas* | Andréa Leite Costa e Graziela da Silva Suzuki. Campus São Luís – Maracanã, IFMA
- 35 *Nossas Histórias, Suas Histórias* | Andréa Ribeiro Gonçalves e Gleide Penha Oliveira. Câmpus Porto Alegre, IFRS
- 38 *Relato de experiência: desafios e prazeres de ser professor na EJA* | Andréia Rêgo da Silva Reis. Câmpus Guanambi, IF Baiano
- 41 *PRO-EJA: ensinar e aprender sem limites* | Anelise

Alves Monteiro e Manuela Rodrigues Santos. Câmpus São Cristóvão, IFS

44 O nascimento de uma nova Educadora: tecendo e sendo tecida como o trabalho de(a) Aluna(a)-Artesã(o) | Ângela Cristina Pereira Barros Marinho. Câmpus Maceió, IFAL

47 De fornecedora de alimentos a estudante do 1º Sertão-PE | Anna Wannessa Nunes Ferreira e Maria do Socorro Tavares Cavalcanti Vieira, Câmpus Petrolina, IF Sertão-PE

49 Meu querido diário do Proeja | Cleiva Aguiar de Lima. Câmpus Rio Grande, IFRS

52 Ler: um caminho para concretizar sonhos | Clóris Maria Freire Dorow. Câmpus Pelotas, IFSul

55 Relato de um professor de Física do Proeja do IFMA Câmpus Timon | Deusdete de Sousa Brito e Francisco Robert Santos de Souza. Câmpus Timon, IFMA

58 Educação profissional e busca por "ser mais": mulheres negras e suas vozes apontando caminhos | Doris Regina Barros da Silva. Câmpus Nilópolis, IFRJ

61 Das "brenhas" da Caatinga | Eduardo Barbosa Vergolino. Câmpus Floresta, IF Sertão

63 Naquela noite tudo foi diferente | Edvan Horácio dos Santos e Vanda Figueredo Cardoso. Câmpus Marechal Deodoro, IFAL

66 Olhar docente nas histórias de vida dos sujeitos que escrevem a trajetória do Proeja no IFAM em Parintins-AM | Elenice Szatkoski, Câmpus de Parintins, IFAM

69 Sobre aprender muito mais do que ensinar | Elis Magalhães Santos de Freitas. Câmpus Floresta, IF Sertão

- 71 *Vivências com o PROEJA no IFMS: Câmpus Dourados* | Eliton da Silva, Câmpus Dourados, IFMS
- 74 *Vivências e experiências que inspiram* | Fabiana Ana da Silva Mendes. Câmpus Floresta, IF Sertão
- 77 *Proeja: Um Projeto de Vida* | Fernanda Carvalho Ferreira. Câmpus Camboriú, IFC
- 80 *CID 10 F72* | Helen Rodrigues Cardoso. Câmpus Restinga, IFRS
- 83 *A formação técnica dos nossos jovens e adultos no interior do Amazonas* | Hudinilson Kendy de Lima Yamaguchi e Iracema Ramos Martins. Câmpus Coari, IFAM
- 86 *É necessário incomodar-se* | Ivete Scariot e Vanda Aparecida Fávero Pino. Câmpus Sertão, IFRS
- 89 *Proeja: o divisor de águas* | Izaias Magalhães Quintana. Câmpus Salvador, IFBA.
- 92 *De porta em porta - 20 anos na EJA* | Jaqueline Rosa da Cunha. Câmpus Porto Alegre, IFRS
- 95 *Da aula para a vida: uma contação de histórias contínua* | Juçara Benvenuti. Colégio de Aplicação da UFRGS
- 98 *"Ser" estudante do Proeja* | Lílian Dilli Gonçalves. Câmpus Pelotas, IFSul
- 99 *Maria da Penha visita o Proeja* | Luiza Ferreira Rezende de Medeiros. Câmpus Rio Verde, IFGoiano
- 102 *Quando a Sociologia problematiza o racismo estrutural: uma experiência pedagógica e fílmica no PROEJA* | Marcello de Moura Coutinho, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV) e Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)
- 105 *Ser professora da Educação de Jovens e Adultos: a amorosidade em que resgato a memória das minhas*

experiências | Marcia Leonora Dudeque. Secretaria de Estado da Educação do Paraná

108 O PRO-*EGJA* e sua implantação no Câmpus Sapucaia do Sul | Margarete Chiapinotto Noro, Câmpus Sapucaia do Sul, IFSul

111 Vozes ancestrais que ecoam na *EGJA* | Maria Adeilza Pinheiro da Silva e Sandra Cristinne Xavier da Câmara. Câmpus Natal-Zona Norte, IFRN

114 Outubro Rosa: quando o saber transcende a sala de aula | Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli. Câmpus Caxias do Sul, IFRS

116 O lugar do aluno da *EGJA/EPJ*: é onde ele quiser estar | Maria de Fátima Feitosa Amorim Gomes. Câmpus Marechal Deodoro, IFAL

119 Hospedando sonhos e degustando saberes: a educadora e pesquisadora antes e depois do PRO-*EGJA* | Maria do Socorro Ferreira dos Santos. Câmpus Marechal Deodoro, IFAL

122 Cordel da Primeira Alternância | Maria do Socorro Libório dos Santos e Melissa Michelotti Veras. Câmpus Maués, IFAM

124 Meus caminhos, os caminhos deles... nesse encontro na Arte presente | Maria Edneide Torres Coelho. Câmpus Petrolina, IF Sertão

127 Um ato de solidariedade | Maria Jeanna Oliveira, Câmpus Cubatão, IFSP

129 Constituir-se professora a partir e com a *EGJA* | Mariglei Severo Maraschin. Colégio Técnico Industrial de Santa Maria, UFSM

132 *EGJA-EPJ*: desafio, esperança e transformação | Marlúcia Alves Secundo White, Câmpus Aracaju, IFS

135 *Pedagogia do afeto: leitura e escrita nas salas de aula do Proeja* | Mírian Freitas, Câmpus Juiz de Fora, IF Sudeste MG

138 *Proeja, proveja, proseja* | Nivia Maria Vieira Costa. Câmpus Bragança, IFPA

140 *Balbúrdia ou Educação Transformadora? A alegria de estudantes da EJA no 11 Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica* | Pâmella Passos e Telma Alves. Câmpus Rio de Janeiro, IFRJ

143 *A professora, a Geografia e a EJA-EPT - trajetória em construção* | Patrícia Mendes Calixto. Câmpus Charqueadas, IFSul

146 *O Proeja tem feito falta!* | Paula Reis de Miranda. Câmpus Rio Pomba, IF Sudeste MG

149 *Sobre o que acontece fora dos limites da nossa percepção* | Ramon Marcelino Ribeiro Júnior, Câmpus Goiânia Oeste, IFG

152 *A Educação Popular nos Cursos FIC/EJA de IFPR* | Roberto Martins de Souza. Câmpus Paranaguá, IFPR

155 *Aula no cinema: entre suspenses e romances* | Roberto Remígio Florêncio. Câmpus Petrolina Zona Rural, IF Sertão

158 *Brilha e resiliência* | Roberto Rodrigues Cunha Lima. Câmpus Natal - Zona Norte, IFRN

161 *Mulheres, mães e estudantes da EJA* | Rosilene Lima da Silva. Câmpus São Luís/Maracanã, IFMA

164 *A pesquisa que me levou a um novo olhar* | Ruti Angela Barbosa Oliveira. Câmpus Venâncio Aires, IFSul

167 *Importância das histórias de vida no processo de ensino e de aprendizagem* | Sabrina Chapuis de Andrade. Câmpus Alvorada, IFRS

170 *Muito estranho: A história de uma pessoa que*

tinha tudo para não dar certo | Sérgio Adalberto Pavani.

Colégio Técnico Industrial de Santa Maria, UFSM

173 Espelho | Vanessa de Oliveira Dagostim Pires. Câmpus Sapucaia do Sul, IFSul

175 O Projeja no Theatre São Pedro de Porto Alegre | Vinícius Silveira Borba. Câmpus Charqueadas, IFSul

178 O dia a dia de uma professora | Wanda Silva Rodrigues. Câmpus Cubatão, IFSP

Jaqueline Moll

O nome desta segunda coletânea nacional, que gentilmente fui convidada a prefaciar, diz muito sobre contextos pessoais, relacionais e pedagógicos que costumam ficar submersos: ‘histórias que merecem ser contadas’.

Destas histórias são feitas as nossas vidas e a capacidade de narrá-las é, via-de-regra, uma construção proporcionada exatamente pelas oportunidades de formação que vivenciamos.

A educação escolar de mulheres e homens - jovens, adultas/os e idosas/os no Brasil - que na infância e na adolescência não tiveram essa oportunidade assegurada, é o espaço que muitas pessoas encontram para desenvolver este aprendizado da escrita que permite narrar-se e narrar o mundo tumultuado no qual nos tocou viver. E narrar/narrando-se é um jeito de curar-se, de ir além dos acontecimentos, de transcender a cotidianos muitas vezes difíceis de viver. Portanto é uma das condições para o processo de humanização.

Meu encontro com a EJA aconteceu no final dos anos 80, professora recém-concursada na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, fui convidada a coordenar um programa de alfabetização para funcionários da instituição.

Sim, eram tempos de muitos assombros, como os de hoje. O país despertava da longa noite que durou 21 anos, de muitos silenciamentos, exclusões e violências. E as universidades tinham funcionários que, por mecanismos pouco convencionais, acessavam seus quadros sem saber ler e escrever. Pessoas simples, ávidas de saber e que foram povoando meu universo de aprendizados como professora e pesquisadora.

No curso de Pedagogia, em que havia me graduado, pouco ou nada falamos sobre alfabetização de adultos, apesar

de termos sido iniciadas nos estudos da obra de Paulo Freire, ainda banido do país.

Da UFPel para a UFRGS trouxe esta tarefa e no campus central, articulamos uma ação expressiva entre a Faculdade de Educação e a, então, Superintendência de Recursos Humanos que permitiu a construção do PEFJAT, Programa de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos Trabalhadores da UFRGS. Este Programa fez escola e foi incorporado ao Colégio de Aplicação onde ganhou institucionalidade e abriu-se para a comunidade externa.

Nesta trilha, acompanhando e aprendendo com o prof. Nilton Bueno Fischer, meu saudoso amigo e orientador de Doutorado, conheci as mulheres e os homens do Galpão de Reciclagem da Rubem Berta, bairro popular localizado na zona norte da cidade de Porto Alegre. Lá articulamos uma das experiências inspiradoras para a construção do PROEJA, Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, implementado pelo MEC a partir de 2005, cujos ecos e resultados transpassam as múltiplas vozes das histórias que compõe este volume.

Aproximando vida e trabalho, amores e medos, experiências e sonhos, fomos tecendo possibilidades curriculares, aproximando a população do galpão – mulheres e homens marcadas/os pelas agruras de uma sociedade profundamente desigual e excludente – de estudantes de diferentes licenciaturas, além de entidades, organizações e da Escola Municipal Wenceslau Fontoura, localizadas nas proximidades. Organizarmos, a muitas mãos, a ‘escola do galpão’ na pequena casa extensiva às atividades de reciclagem.

Na leitura das sessenta e cinco histórias, que compõe este volume, “escuto” histórias que me remetem ao contexto da escola do galpão, com sotaques que vem das cinco regiões deste país-continente, país de nervo ético rompido - nas palavras de Darcy Ribeiro, país em busca de seu animus, cuja história democrática é marcada por rupturas e golpes que,

indelevelmente, aprofundam a exclusão e o descaso com o povo.

Em todas estas histórias encontro a diversidade que nos constitui, diversidade ainda maltratada pelas matrizes coloniais e patriarcais de nossa organização societária. Os espaços criados nos Institutos Federais são expressões das rupturas que foram e são possíveis, apesar de tudo.

Das “brenhas da caatinga”, dos “beiradões do Amazonas”, dos bairros populares de cidades espalhadas pelo Brasil em GO, RJ, RS, SP e em tantos outros estados, ressoam as vozes e as vidas de mulheres e homens, mães e pais, trabalhadoras/es, pobres, pretas/os, quilombolas, indígenas, deficientes, trazendo suas ancestralidades e resgatando dimensões de sua cultura nas expressões, nos sabores, nos saberes e na vontade de voltar a estudar. Condição para sair da precariedade além de condição para tomada de consciência e leitura da palavra através da leitura do mundo.

Histórias perpassadas por “incômodos”, por desassossegos, por resistências de Mariíinha, Arnaldo, Izaías, Maria, Flávio, Isabel, entre tantas outras pessoas e na oportunidade de retornar a escola. Entre tantas passagens dignas de registro e de suspiros de emoção, trago duas:

Assim, Andréa e Gleide, as primeiras em suas famílias a concluírem o ensino superior (...), filhas de mães com pouca escolaridade, se propõem, não a contar somente as nossas histórias. Mas, a refletirmos sobre as nossas e as suas trajetórias de vida. Deste modo, guardadas as devidas diferenças contextuais, identificamos muitas similaridades entre as trajetórias de vida das educandas, que transpassam por nossas vidas, para além das salas de aulas, e vemos nas histórias dessas, parte das histórias de nossas avós, mães, tias e ascendentes. E por tudo isso, na tentativa, do resgate das nossas ancestralidades, que não podem ser contadas e confirmadas, porque foram perdidas nos navios negreiros, nas aldeias dizimadas, no analfabetismo da pobreza, na solidão, na negação social, econômica e educacional, nos dedicamos a acolher nossas estudantes da EJA-EPT (PROEJA). (p.31)

Franciscas, Joanas, Sebastianas... Vim de uma época em que a única escolha era procriar. Estudar nem pensar! Só cabia a mim aprender a lavar, passar, cuidar e cozinhar. E assim se repetia mais um ciclo em minha vida; sem oportunidades, sem escolhas, sem perspectivas. Às vezes corrida, às vezes consentida... (p.129)

Trata-se de da expansão do dizer e do escrever palavras encharcadas de vida que constituem narrativas fortes e, ao mesmo tempo, suaves e que fazem valer a pena cada dia vivido e cada briga encarada para construir o PROEJA, com este recorte de educação popular e emancipatória em contextos muito marcados pelas pedagogias que proclamam as competências para o mercado como centro do fazer escolar.

Em um contexto histórico marcado pela luta para que todas as vidas importem, sublinhando-se as vidas negras e indígenas pela exclusão e violência que sofreram e, ainda sofrem, a leitura destas histórias que merecem ser contadas deve passar a compor o imaginário pedagógico de todas as pessoas que pensam e desejam um mundo em que todas/os e, cada uma/um, caibam.

Jaqueline Moll, no limiar da primavera de 2020,
em Porto Alegre, porque haverá de amanhecer.

A história do Histórias que Merecem Ser Contadas

Suzana Trevisan

Querido Paulo Freire,

Eu não sou a Cristina¹, mas peço licença para escrever-te uma carta². Eu sou Suzana Trevisan, uma das tantas educadoras e educadores brasileiros que aprenderam muito contigo. Aliás, (é pretensão, eu sei) temos algumas coisas em comum: além de termos a mesma terra natal e sermos educadores apaixonados, assim como o senhor, eu comecei minha carreira sendo professora de inglês e a experiência com a educação profissional mudou o rumo da minha vida. Imagino que o senhor tenha tido educadoras e educadores que o ensinaram sobre o ser professor... Eu tive no senhor os ensinamentos de amor e respeito às pessoas, aprendi contigo que a educação não transforma o mundo: ela muda as pessoas. Somente elas é que são capazes de transformar o mundo.

Eu sou servidora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, no campus Sapucaia do Sul/RS. Neste espaço, em 2013, durante a minha primeira experiência como educadora da EJA, tive a iniciativa de criar um projeto e o batizei de Histórias que merecem ser contadas. Ele não é um grande projeto (apesar de seus resultados serem maravilhosos), tampouco caracteriza-se por práticas inéditas³.

Duas vezes por ano, desde então, os estudantes do quarto semestre do curso técnico em Administração – modalidade PROEJA – são motivados a escrever narrativas de

1 Em referência ao livro “Cartas a Cristina”, de Paulo Freire.

2 Quem me dera se, efetivamente, as pessoas que habitam o paraíso pudessem receber correspondências.

3 Espero que o senhor não fique bravo, mas boa parte do que fiz foi colocar as coisas lindas que aprendi com o senhor em prática.

episódios significativos de vida. São saberes que passam a ser reconhecidos e valorizados e provocam risos, choros, revoltas, dores, emoção, mas, acima de tudo, a certeza de que esses(as) jovens e adultos(as) sabem muito. Ao longo do período letivo, organizamos e editoramos o livro que é impresso, lançado em uma Noite de autógrafos e distribuído à comunidade escolar, aos familiares e amigos, num evento de valorização das pessoas que constituem a Educação de Jovens e Adultos.

Nesses oito anos, muitas foram as pessoas envolvidas na efetivação do projeto (esse é um trabalho de muitas mãos, corações e mentes). Tenho a impressão de que meu reconhecimento e agradecimento nunca serão suficientes. Nós já distribuimos mais de 2.500 exemplares, tivemos mais de 13 volumes e publicamos a história de mais de 250 pessoas. Também vale destacar a valorosa recepção que o projeto teve em meio acadêmico⁴.

Em 2017, lançamos o Histórias que merecem ser contadas - Proeja Nacional, em comemoração aos 10 anos do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na Modalidade de Jovens e Adultos. Naquele livro, tivemos narrativas de estudantes de todo país, desde o seu Pernambuco ao meu Rio Grande do Sul. São relatos de Marias e Joãos, cidadãs e cidadãos que encontraram nos Institutos Federais a oportunidade de educação e cidadania.

Agora, neste ano tão atípico, me encho de felicidade ao ver educadoras e educadores desta modalidade unidos a contar episódios da sua vida enquanto profissionais atuantes na EJA-EPT (PROEJA). São mulheres e homens que acreditam que “ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”, que confiam que “Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprende-

4 O senhor pode adivinhar o nome do evento?

XX Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire: legado e presença de Freire no Rio Grande do Sul.

mos sempre”.

Eu, verdadeiramente, tenho o sonho de que o senhor, um dia, possa ler as histórias que todas e todos já contaram. Mas, se não for possível, saiba que estamos na luta para fazer com que suas palavras e ensinamentos estejam para sempre vivos nas nossas práticas.

*Com muito amor,
Suzana*

Minhas alunas negras: experiências educacionais compartilhadas

Alba Cristina Couto dos Santos Salatino¹
e Priscila Vieira Bastos²
Câmpus Restinga, IFRS

Não são morenas, “mulatas”, escurinhas? São negras! Sua cor traz a marca da ancestralidade. O encontro de mulheres negras na escolarização apresenta a sua força, pois, mesmo com dificuldade de permanência e acesso à instrução formal na “idade certa”, elas retomam aos estudos. E neste caso elas persistiram pelo Programa Nacional de Integração da Educação Profissional (PROEJA). A suposta superação de cada uma, no que diz respeito à vulnerabilidade social e estrutural, atrelada ao racismo, nos faz refletir, a cada dia, sobre o papel do IFRS - Campus Restinga na preparação destas estudantes para o mercado de trabalho e cidadania.

De acordo, com Miguel Arroyo³ a “história mostra que o direito à educação somente é reconhecido na medida em que vão acontecendo avanços sociais e políticos na legitimação da totalidade dos direitos humanos”. Nesse sentido, evidenciamos que, os docentes e equipe técnica-pedagógica do IFRS - Campus Restinga são comprometidos com a especificidade da EJA, garantindo aos estudantes acesso não somente às diferentes linguagens e saberes, mas, também, valorizando o conhecimento de cada um.

1 Prof^á. Dr^a em História, Técnica em Assuntos Educacionais/ Orientação Estudantil, alba.salatino@ifrs.edu.br

2 Prof^á. Esp. em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos. Técnica em Assuntos Educacionais/ Orientação Estudantil, Presidente da Comissão de Heteroidentificação, priscila.bastos@restinga.ifrs.edu.br

3 ARROYO, Miguel. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. Alfabetização e cidadania. São Paulo: Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil (Raaab), n.11, abr. 2006, p. 28.

A experiência que relatamos aqui é de um encontro entre mulheres negras, de afeto, respeito e representatividade. Em posições diferentes no espaço escolar, orientadoras e estudantes são provocadas à relação dialógica. Infelizmente, não é comum a presença de duas professoras negras ocupando o mesmo espaço de trabalho e esta realidade, por diversas vezes, causou surpresa aos estudantes. Mas, centrando nossa atenção às estudantes negras, salientamos que a representatividade por si só é esvaziada de sentido político e, por conseguinte, de identificação. Isto é, não é só por que são negras que automaticamente serão aliadas umas das outras. Essa é uma experiência das relações étnico-raciais que também se desenvolve no meio escolar, acadêmico, e carrega todas as suas complexidades sociais.

Como Lélia González já bradava no século passado: “para a mulher negra é reservado menor lugar, o da marginalização [...] você levar a questão racial onde quer que você esteja, é uma militância⁴”. É essa história de subjugação que queremos mudar, superar junto com essas estudantes negras do Ensino Técnico. Logo após as perguntas, “em que setor você trabalha? e “vocês são orientadoras, as duas”? O som das respostas dadas era acompanhado de sorrisos e de um olhar confidencial.

Edna Mendonça Queiroz⁵ nos lembra que gênero e raça são critérios de seleção social, e portanto, é de se supor que a combinação de tais dimensões atuem para criar uma situação, particularmente, perversa para certos segmentos sociais. Considerando essa realidade, acreditamos ser relevante contar as histórias das nossas alunas negras. Algumas fazem parte da própria história do campus, já que, a insti-

4 CULTNE DOC. Disponível em: <https://youtu.be/o9vOVjNDZA8>. Acesso em: 18 de ago.2020.

5 QUEIROZ, Edna Mendonça Oliveira de. O trabalho diurno/escolarização noturna: o cotidiano do jovem trabalhador. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Católica de Goiás. Goiânia,: UCG, 2001.

tuição foi conquistada pela comunidade da Restinga, instaurada após diferentes manifestações de movimentos sociais. Ressaltamos o quanto essas mulheres trazem para o campus narrativas potentes, ante as mazelas da vida e a falta de oportunidades. Ao recomeçarem, elas constroem novas trajetórias, conquistam autonomia na aprendizagem que reflete no mundo familiar, do trabalho e do seu próprio empoderamento. Acreditamos que podemos contribuir nesse processo de emancipação, sobretudo, na identificação e percepção de pertencimento neste espaço do saber.

Logo, trabalhar com essas alunas é aprender diariamente com elas, num movimento dialético. Seja através da escuta de demandas específicas, pela orientação de estudos ou dando um “boa noite” e trocando sorrisos, por que trabalhamos com afeto, sensibilidade, relações humanas, amor.

Manifestações de hospitalidade: a hora do cafezinho!

Aldo Rezende
Maria José de Resende Ferreira
Câmpus Vitória, IFES

Somos sujeitos da educação de jovens e adultos, construindo conhecimentos no curso técnico integrado em hospedagem ofertado pelo Proeja do Ifes campus Vitória. Por vezes, na condição de educadores, observamos que muitos estudantes, depois de um dia de “correria” entravam na escola à noite, e muitos deles, nem mesmo deixavam a sala para descansar, dar uma volta pelo pátio, tão pouco fazer um lanche na cantina, embora reconhecemos que os preços dos lanches nunca foram convidativos.

Quando iniciamos a oferta em 2018 da primeira turma do curso técnico em hospedagem, a sala estava repleta de jovens, adultos e idosos, alguns assustados, outros cheios de energia, outros na expectativa do que vinha pela frente. Nos olhares podia-se ler: será que vamos conseguir? Estamos no Ifes, afinal.

Pelos depoimentos, para muitos, tudo se mostrava novo: o ambiente, as pessoas, os momentos educativos. Na verdade, são comportamentos plenamente compreensíveis! Afinal, tratam-se de jovens, adultos e idosos oriundos da periferia, que ingressaram numa reconhecida escola pela qualidade do ensino ofertado, historicamente ocupada por estudantes, na sua maioria, de condições socioeconômicas privilegiadas.

Durante as primeiras aulas da turma de hospedagem, percebemos que muitos estudantes estavam divididos entre o deslumbramento e o estranhamento. A distância e a rebeldia entre eles, davam sinais de incertezas, de medos contidos e de autoafirmação. E neste contexto, nós professores decidimos trabalhar a coesão social da turma e para isto, lança-

mos mão de inúmeros recursos didáticos e ações pedagógicas. Instigar a reflexão sobre a identidade da turma a partir dos estudos relacionados à mitologia da caverna de Platão foi uma importante iniciativa. Partimos daí para trabalhar o vídeo “Vida Maria” e desta forma, prosseguir nas discussões sobre a importância da consciência de classe. Assim, avançamos com a proposta de criar a coesão da turma por meio das reflexões relacionadas aos princípios da hospitalidade. Foi então que nasceu o “canto do cafezinho”.

A partir de então, entre os estudantes, as lideranças foram assumindo o protagonismo, na sua maioria mulheres: jovens, adultas e idosas que passaram a organizar o lanche coletivo e solidário durante o intervalo das aulas. Desta iniciativa foi também possível organizar a agenda de comemoração semestral dos aniversariantes, sempre de forma compartilhada e solidária.

São pequenos gestos que passaram a fazer diferença no cotidiano da turma. Hoje com as atividades letivas suspensas devido a pandemia do coronavírus, reduzimos a saudade uns dos outros por meio do celular, embora grande parte deles, estejam invisibilizados: sem computador, sem aparelho celular, sem internet. Contudo, parafraseando Paulo Freire, reiteramos que: “Nenhuma pedagogia que seja verdadeiramente libertadora pode permanecer distante do oprimido, tratando-os como infelizes e apresentando-os aos seus modelos de emulação entre os opressores. Os oprimidos devem ser o seu próprio exemplo na luta pela sua redenção (FREIRE, 1987, p.40)¹”.

1 FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 29ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987, p.40.

As mulheres estudantes da EJA/EPT

Aline Severo da Silva
Câmpus Sapucaia do Sul, IFSul



Meu trabalho como Técnica em Assuntos Educacionais no IFSul inicia junto com a oferta da EJA/EPT no Câmpus Sapucaia do Sul. Ao longo desses anos, me sinto testemunha das profundas mudanças que ocorreram nesse período. É inegável que o IF se tornou mais inclusivo ao oferecer formação para as classes populares por meio da EJA e isso me fez perceber a necessidade de buscar formação para que esses estudantes sintam-se acolhidos e pertencentes a esse espaço.

Em 2016 comecei a trabalhar na Assistência Estudantil. Tive a oportunidade de estar próxima das mulheres estudantes, maioria de quem estuda no Proeja do nosso câmpus, e perceber a riqueza das experiências que emergiam dos relatos surgidos a partir dos atendimentos que fazia. São mulheres que foram afastadas da escola pela família, em virtude de crenças em relação ao papel da mulher na sociedade; mulheres trabalhadoras que acumulam dupla ou tripla jornada de trabalho; mulheres responsáveis pelo sustento financeiro e emocional das suas famílias; mulheres que perceberam a expansão da sua visão de mundo a partir do retorno à escola. Ouvir es-

sas histórias me fez perceber como macroestruturas políticas e sociais se materializam na vida de cada uma delas. Questões sobre o trabalho (desemprego, precarização, informalidade, adoção de diferentes estratégias para a sobrevivência material), gênero (adoção de papéis específicos na família) e educação (volta aos estudos, cultura escolar, representações sobre a instituição) são frequentes nas suas falas e dialogam diretamente com os desafios que as instituições de ensino encontram para oferecer educação adequada aos jovens e adultos que retornam ao espaço escolar.

Essa oportunidade me impulsionou a cursar o mestrado profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) e a desenvolver uma pesquisa que contemplasse esse cenário de diversidade nas instituições de ensino e que pudesse evidenciar as trajetórias dessas mulheres que, assim como eu, precisam conciliar uma multiplicidade de papéis.

Além disso, a situação política do Brasil vem recrudescendo, discursos abertamente contrários aos avanços sociais conquistados nos últimos anos são proferidos sem pudor. Uma força política atua na intenção de nos brutalizar. Às vésperas da última eleição presidencial, que indicava a vitória de um representante dessa força política, encontrei em um livro o poema “Canção Óbvia”, escrito por Paulo Freire durante seu exílio. Fui tomada de uma emoção muito especial. Ele diz:

Escolhi a sombra desta árvore para
repousar do muito que farei,
enquanto esperarei por ti.
Quem espera na pura espera
vive um tempo de espera vã.
Por isto, enquanto te espero
trabalharei os campos e
conversarei com os homens [...]
Não te esperarei na pura espera
porque o meu tempo de espera é um
tempo de que fazer.
Desconfiarei daqueles que virão dizer-me,;
em voz baixa e precavidos:

É perigoso agir
É perigoso falar
É perigoso andar
É perigoso, esperar, na forma em que esperas,
porque esses recusam a alegria de tua chegada.[...]
Estarei preparando a tua chegada
como o jardineiro prepara o jardim
para a rosa que se abrirá na primavera.¹

Estamos em tempo de espera. O anúncio de que tempos duros se fazem presentes, a pandemia tornando tudo mais dramático, mas Paulo Freire lembra de que eles vão passar. No entanto, enquanto isso, precisamos tornar essa espera o tempo de semear novamente a utopia de um futuro: “trabalharemos os campos e conversaremos com os homens”. Eu conversarei com as mulheres! E com o trabalho que desenvolvi no mestrado, registrando as histórias de vida das estudantes da EJA/EPT, tenho a esperança de que esteja também registrando esse tempo.

1 FREIRE, Paulo. Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

Mãos Silenciosas

Ana Caroline Chaves Manso Amaro
Câmpus Duque de Caxias, IFRJ

Quero tanto dizer
pois tenho muito a contar
da inclusão de alunos surdos na EJA, um dia há de germinar

Queria tanto dizer
lembranças que fico a pensar
das marcas históricas de um aluno surdo, as quais pretendo
revelar

Quero tanto dizer
O quanto a mãe dele o motivou a estudar
Quando dizia: Continue! sua leitura e escrita hão de melho-
rar

Queria tanto dizer
o quanto foi importante ele mencionar
a solidão e a exclusão que viveu, após sua mãe descansar

Quero tanto dizer
que, naquele dia, decidi investigar
as marcas dos surdos, na EJA EPT, para o mundo ele con-
quistar

Queria tanto dizer
o que expressa o meu olhar
ao compreender os desafios que levaram-no a parar de es-
tudar
contudo prefiro relembrar a alegria dele ao se matricular

Quero tanto dizer
Aquilo que minhas mãos não conseguem sinalizar
após conhecer a história desse aluno, mudei minha forma
de pensar

O primeiro ingresso de estudantes do Proeja no IFRS Câmpus Porto Alegre: um novo desafio para estudantes e educadores

Ana Rosaura Moraes Springer
Câmpus Porto Alegre, IFRS

Escrevo este relato para contar um pouco sobre o desafio quando do ingresso da primeira turma de estudantes do PROEJA ocorrido no ano de 2007, na então Escola Técnica da UFRGS - ETC, hoje IFRS Campus Porto Alegre. Como servidora técnico-administrativa e atuando no Setor de Ensino foi a mim e a outro colega entregue a tarefa de fazer a inscrição dos estudantes e dar informações relativas à, então, nova modalidade de educação profissional.

Para chegar a esta etapa, foram grandes e numerosos os desafios e incontáveis as batalhas. O primeiro deles foi romper a barreira atitudinal, já que alguns colegas tinham preconceito em receber estudantes que haviam desistindo de estudar, pois entendiam que foi por desinteresse. Teve quem chegou a dizer que era preciso cuidar da carteira e da bolsa, porque a “rafuagem” transitaria no local.

Como a Coordenação do Curso e de Ensino tinham experiência com estudantes da EJA, buscaram auxiliar os colegas no entendimento do perfil destes estudantes para que perdessem alguns medos. Para isso, forneceram textos referentes ao tema, trouxeram palestrantes e promoveram reuniões. O resultado foi positivo, pois houve mudança de entendimento daquilo que tinham como verdade e estavam mais tranquilos para receber o novo público, conforme externado nos encontros que ocorriam quinzenalmente.

Vencida esta fase, chegou o tão esperado período de inscrição e fiquei bastante entusiasmada em receber estes estudantes e, cada candidato que atendia, o cumprimento era o mesmo “seja bem-vindo(a), que bom que estás aqui”. Pude perceber o grau de satisfação quando escutavam isso.

Na segunda etapa, que fazia parte da seleção, os candidatos assistiam a uma palestra onde eram dadas todas as informações e, após, era realizado o sorteio, já que cerca de 300 candidatos disputavam 30 vagas. A felicidade daqueles que eram sorteados ficou gravado na minha mente, mas também a tristeza de quem não conseguiu. Foi avisado que no próximo semestre haveria novo ingresso. Talvez fosse um bom consolo, mas me entristeceu não ter vagas para todos.

Quando começaram as aulas, era nítida a preocupação dos professores com as dificuldades apresentadas por alguns estudantes, por evidentes lacunas de conhecimento de conteúdos que eram do ensino fundamental. Alguns buscavam meios de auxiliar estes sujeitos e outros entendiam que não tinham obrigação de ensinar o que não estava no plano de aula.

Apesar de apresentarem estes problemas, relatavam também que a turma era bastante respeitosa com eles, o que era elogiado nas reuniões quinzenais que ocorriam com a participação daqueles que atendiam os estudantes do PRO-EJA. Com relação ao convívio entre a turma podia ser percebido que tentavam auxiliar um ao outro, mas, por vezes, ocorriam alguns desentendimentos que normalmente eram resolvidos com facilidade.

Por manter boa relação com a turma os estudantes, buscavam auxílio em diversas questões e era comum contarem suas histórias. Algumas delas ficaram marcadas em minha memória. Uma delas é da MS, jovem sorridente de 30 anos, tinha sob seus cuidados duas filhas pequenas, uma com síndrome de Down. Lembro-me de sua voz dizendo que jamais desistiria: “Eu não vou desistir, mesmo que eu morra estudando. Vou lutar pelas minhas filhas”. Ela adquiriu uma doença que poderia ter cura, mas como não aderiu ao tratamento, não resistiu e faleceu.

JT tinha em torno de 65 anos. Empregada doméstica que vinha direto do trabalho para a escola. Alguns colegas diziam que, de vez em quando, cochilava nas aulas. Com auxílio de um e de outro, conseguiu vencer os desafios e finalizou o curso de Técnico em Biblioteconomia. Soube que

casou e viaja com o marido. O estudante IQ venceu diversos obstáculos. Fez o mesmo curso que JT e hoje é um colega de trabalho que iniciou na biblioteca do Campus Porto Alegre e está no IFBA e ainda mantemos contato frequente.

Muitas foram as experiências e lindas histórias que não caberiam todas nestas duas páginas. Outras turmas vieram, todas cheias de esperanças. Tal sentimento está registrado nos escritos de Paulo Freire, que nos deixou como legado que a esperança tem que vir do verbo esperar e não do esperar. Portanto, não se pode aguardar que as barreiras sumam, precisamos removê-las buscando fazer isso com amorosidade e fraternidade e esta prática vem sendo desenvolvida por aqueles que acreditam que o Proeja é uma possibilidade de mudança de vida das pessoas. Coloco-me entre elas.

Um encontro pessoal com a EJA

André Guimarães Valente
Câmpus São Gonçalo, IFRJ



Durante toda minha vida acadêmica, me preparei para ser um profissional da educação como meus mestres. Sempre gostei dos professores mais tradicionais, das provas longas e difíceis, do trato impessoal deles com a maior parte dos alunos

e com aquela atenção especial dedicada àqueles que eram julgados “os melhores”. Eu me sentia neste seletivo grupo. Foi na sétima série, atual oitavo ano do ensino fundamental, que decidi ser professor de matemática, inspirado em meu professor daquele ano. Sonhava em ter meus grupos de alunos brilhantes.

Me formei em Matemática na faculdade, fiz mestrado em um dos mais prestigiados institutos de Matemática do Brasil, orientado por uma não menos prestigiada pesquisadora. Recebi o título de mestre, orgulho para mim, meus amigos e família. No ano seguinte, iniciei o doutorado. Neste período, me percebi nitidamente fora daquele círculo dos melhores, notei que talvez eu nunca estivesse realmente dentro dele, vivi momentos pessoais difíceis. Tranquei o doutorado.

O sonho de ser pesquisador em matemática e orientar grandes mentes morreu junto com um sentimento que demorei para perceber enganoso. Fui realizar tarefas que julgava inferiores para sobreviver. Dei aula em grandes instituições e vivi excelentes experiências. Hoje valorizo estes dias, mas, quando os experimentava, uma mistura de frustração e decepção me tomava.

Ao ingressar no Instituto Federal do Rio de Janeiro, uma parte desta frustração se desfez e outra parte cresceu. Iria trabalhar em uma instituição federal, mas atuando na educação básica. Nunca havia trabalhado neste segmento. Me senti satisfeito quando me foi oferecida uma turma de ensino superior e me frustrei quase imediatamente ao perceber o quanto os alunos desta licenciatura não se interessam por Matemática. Uma confirmação de que minha idealizada carreira estava morta e enterrada.

Resolvi voltar ao doutorado, mesmo que em outra área. Não exatamente para recomeçar. Para ter tempo para estudar, pedi a meus diretores a concentração de toda minha carga horária à noite. Quase que por acaso me encontrei com a EJA.

O primeiro contato foi esquisito. Era uma turma pequena e estranhamente acolhedora. Parecia que já sabiam que eu não saberia como lidar com a situação. O desastre que eu esperava não se concretizou, a animosidade, dada por mim como certa, se mostrou como algo terrivelmente sem sentido. Mesmo sem perceber, comecei um novo ciclo de aprendizados: informal, pouco sistematizado, com muitos tutores, sem provas trabalhosas e com um ar de coisa viva.

O conceito do tal grupo de melhores alunos, tão presente nos anos anteriores, foi sofrendo uma inesperada reviravolta a partir deste encontro. Cada questionamento sobre aspectos práticos do conteúdo (que eram por mim negligenciados); cada entusiasmada chegada atrasada em aula, por vezes atabalhoada e com o uniforme de trabalho; cada barreira superada, mesmo que não muito alta de acordo com meus antigos critérios, me faziam (e me fazem) entender melhor como este seletivo grupo de alunos, “os melhores”, se forma. Comecei a encontrar aqueles alunos brilhantes que sonhara.

A EJA se mostrou para mim como uma escola onde ensino e aprendo. Onde reflito e ressignifico o meu papel, não só como educador, mas como humano. Agora, não muito velozmente, estou assimilando: o melhor aluno é aquele que aprende; o excelente ensino é aquele que transforma, o professor realizado é aquele que se encontra.

Vistas das Janelas da alma: Memórias gustativas afetivas

Andréa Leite Costa
Graziela da Silva Suzuki
Câmpus São Luís – Maracanã, IFMA



A memória tem gosto, textura, temperatura, cheiro. Cada pessoa possui uma história, de fatos, afetos, sabores. O projeto Vistas das Janelas da alma nasceu a partir de relatos de alunos do EJA sobre sabores que marcaram as suas vidas, ligados às pessoas queridas com quem tiveram envolvimento na vida, lugares especiais que habitam a memória, um

período no tempo que foi marcante, enfim, aqueles gostos e sensações que povoam o imaginário dos alunos. Na intenção de reviver essas memórias, muitos alunos me questionavam se eu conhecia tal receita, se já tinha experimentado aquele sabor..

Ir além dos conhecimentos técnicos adquiridos durante os 03 anos do curso técnico em cozinha e partir em direção ao coração da culinária, do ato de cozinhar, isto é, o afeto e a partilha. Esse foi o objetivo da primeira edição, em 2019, apresentada como desafio aos alunos da EJA 213 – 2019.2, dentro da disciplina projeto integrador. Com a atividade, almejou-se, também, desenvolver a criatividade, além das habilidades e dos conteúdos assimilados.

A princípio, a reação dos alunos com a proposição da atividade, que se iniciaria com a produção dos relatos individuais dos sabores da memória, foi de incredulidade e insegurança. Foi necessário que fossem estimulados a validar os próprios sentimentos e sensações e fossem capazes de expressá-las. Os alunos foram divididos em trio, de modo a facilitar o acompanhamento do processo. E que processo! O que começou, timidamente, se desenvolveu em emoções profundas: risos, lágrimas, abraços.

Assim, foi construído um grande tecido de memórias afetivas sobre os sabores que povoam o imaginário dos alunos. E, nesse tecido, devido à história pregressa de muitos alunos, grande parte oriunda do interior do Estado, estava muitos relatos de privações, provações, dificuldades e a alegria sempre provocada por aquilo que se pôde partilhar, receber e dar ao outro como alimento. Muitas vezes, aquele “prato” tão querido estava ligado a diversas outras memórias, como a própria fome, o amor familiar, algum acontecimento triste...

Além dos relatos orais e da produção escrita, foi desenvolvido também outro mecanismo para ativar a memória, o sinestésico, que ocorreu por meio de visita a feiras, mercados, a fim de expor, muitas vezes, para eles mesmos, as vistas das janelas da alma, através das múltiplas sensações como o tato, a visão, o olfato e o paladar. Então, os alunos deveriam escolher os ingredientes mais significativos desse emocionante passeio pela memória para construir seus pratos.

Esse processo de sensibilização para a gastronomia e o afeto, foi culminado com uma apresentação para seis convidados, entre professores, coordenador e diretor de Campus. Foi um momento em que todos estavam à flor da pele, vendo parte de suas vidas ali reinventada e rememorada para serem apreciadas pelos presentes. Havia muitos elementos ali à mostra e à prova: a criação, a apresentação, organização, insegurança da primeira vez, a confiança de que fez o melhor, a expectativa da espera. Mas, mais do que a apreciação dos alimentos, construídos em pratos criativos, belos e saborosos, todo o processo foi um grande aprendizado,

pessoal e de cozinha.

Esse projeto virou um programa inteiro na TV Mirante (Filiada Regional da Globo) e os alunos que, a princípio, não sabiam direito como voltar à memória ou expressar aquele sabor que mal podiam descrever, muito menos os sentimentos e sensações associadas, produziram, vivenciaram, experimentaram, criaram, foram aprovados e ficaram conhecidos no estado inteiro. Foi um orgulho e uma realização enorme ter proposto tal atividade e desenvolvido com alunos do EJA, já que havia alunos ali que poderiam ser meu pai, mãe, um irmão mais velho, uma irmã mais nova, de modo que devido à variação da faixa etária e de histórias de vidas, foi possível construir um trabalho muito rico, a partir de muitas histórias de superações e pontos sensíveis. “Por vezes buscamos portas, e esquecemos que as vistas mais bonitas são as das janelas”.

Andréa Ribeiro Gonçalves
Gleide Penha Oliveira
Câmpus Porto Alegre, IFRS

Existem histórias que merecem ser contadas, lidas e relidas, vividas e revividas. Sim, porque elas estão repletas de cicatrizes que expressam as dores, mas também, as alegrias da vida.

Assim, Andréa e Gleide, as primeiras em suas famílias a concluir o ensino superior, mulheres, mães, trabalhadoras, educadoras, negras, de origens pobres e filhas de mães com pouca escolaridade, se propõem, não a contar somente as nossas histórias. Mas, a refletirmos sobre as nossas e as suas trajetórias de vida.

Deste modo, guardadas as devidas diferenças contextuais, identificamos muitas similaridades entre as trajetórias de vida das educandas, que transpassam por nossas vidas, para além das salas de aulas, e vemos nas histórias dessas, parte das histórias de nossas avós, mães, tias e ascendentes.

E por tudo isso, na tentativa, do resgate das nossas ancestralidades, que não podem ser contadas e confirmadas, porque foram perdidas nos navios negreiros, nas aldeias dizimadas, no analfabetismo da pobreza, na solidão, na negação social, econômica e educacional, nos dedicamos a acolher nossas estudantes da EJA-EPT (PROEJA).

Se, de alguma forma, nós educadoras resgatamos as estudantes por meio da educação, também elas nos resgatam, quando enxergamos as dificuldades que elas passam, refletindo as dificuldades que tivemos para concluir nossos estudos, quando do adiamento do mestrado e do doutorado, dedicando-nos à criação dos filhos e aos cuidados e geração de renda da família.

As histórias, das educadoras/professoras da EJA-EPT (PROEJA), se trançam com as histórias das estudantes que

perpassam nossas turmas e disciplinas, e que foram resgatadas também pela educação, que não é um privilégio, mas sim um direito.

Nesse movimento, entendemos que pelas características peculiares existentes na Educação de Jovens e Adultos, o ensino possui uma dimensão afetiva, que praticamos pedagogicamente, enquanto articuladoras e mediadoras de saberes na construção da autonomia e confiança dessas mulheres, a partir dos saberes já construídos e desenvolvidos na e pela vida.

São muitas histórias de estudantes mães, com filhos e parentes privados de liberdade, com filhos com deficiências, com filhos drogadizados, mães solas e mães da diversidade, que voltam a estudar para acompanharem suas filhas e filhos e às vezes, as filhas ficam retidas em disciplinas e as mães concluintes, as aguardam para se formarem juntas, em dupla conquista, plenamente contemplada pelo tempo de espera desse sonho. Estas mães são referências de mulheres guerreiras, que nunca desistem de seus filhos e filhas, de seus próprios desejos e projetos adormecidos.

E mesmo, com todos os obstáculos, sem uma legislação que observa esse tempo de ser mãe, esposa, chefe de família, estar doente, cansada, depois de jornadas de trabalho, muitas vezes iniciadas nas madrugadas, correm para o campus, disputam um lugarzinho no sofá do espaço de convivência para tirarem um cochilo e se restaurarem para enfrentar uma noite de estudos. Ainda assim, se formam.

Trazemos em nossas entranhas o desejo de que todas as mulheres brasileiras possam ter acesso à educação pública, gratuita e de qualidade, amparadas por uma legislação que respeite suas verdadeiras necessidades. Sabemos as dificuldades e o preço das conquistas de nossas estudantes. Compreendemos e reconhecemos que elas são exemplos de superação. E depois, de muito ouvir e dialogar com elas refletimos através destas, em breves palavras, um pouco sobre essas histórias que merecem ser contadas, ouvidas, vividas e revividas, com amorosidade e respeito.

Podemos contar as nossas histórias através e entrela-

çadas com as histórias das nossas estudantes, que com todas as ameaças e fragilidades, superam todas as dificuldades, buscando ferrenhamente, o ensino que foi historicamente negado a Mulher, Mãe, Trabalhadora, Pobre, Preta, Indígena, Deficiente, que de minoria se transforma em maioria, nas salas de aulas dos cursos EJA-EPT (PROEJA)'s deste imenso Brasil.

Essas são as Nossas Histórias, as Suas Histórias...

Relato de experiência: desafios e prazeres de ser professora na EJA

Andréia Rêgo da Silva Reis
Câmpus Guanambi, IF Baiano



Ser professor na Educação de Jovens e Adultos - EJA é um grande desafio, mas o prazer de desenvolver as atividades pedagógicas para esse público é ainda maior. A EJA por si, já traz em seu bojo uma gama de especificidades que o professor

precisa se atentar e buscar os caminhos mais adequados para o desenvolvimento da prática pedagógica. Essa necessidade se torna ainda mais latentes quando na EJA estão inseridos os alunos com deficiência e/ou com necessidades específicas. Assim, a partir dessa breve reflexão, relatarei aqui o grande e prazeroso desafio enfrentado por mim, enquanto docente de uma turma do Curso Técnico em Informática – PROEJA, no Instituto Federal Baiano- Campus Guanambi.

No ano de dois mil e dezesseis ministrei a disciplina de Projeto Integrador para uma turma composta por oito alunos, dentre eles duas alunas surdas, um aluno com baixa visão e uma aluna cega. Ao me deparar com a situação, vi-me em um enorme desafio, mas ao mesmo tempo em uma rica oportunidade de me reinventar tanto no pessoal como no profissional. Perguntava-me qual seria a melhor metodologia, qual seria o melhor recurso a ser utilizado.

A partir desses questionamentos e reflexões, passei organizar minhas aulas partindo das necessidades dos alunos, com deficiência e /ou com necessidades específicas. As aulas

passaram a ser desenvolvidas com diversos recursos metodológicos. Em uma única aula eu chegava a utilizar material em braille, áudio descrição, programas de leitor de tela, e muitos outros recursos, além da constante parceria com os intérpretes de Libras. Os slides e textos utilizados em sala eram sempre enviados com antecedência para os intérpretes de Libras e para o Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas- NAPNE para que realizassem as adequações possíveis, garantindo, assim, a acessibilidade.

As dificuldades e desafios para preparação das aulas eram constantes, entretanto os resultados eram notórios e muito significativos, pois os estudantes conseguiam acompanhar as atividades em sala de aula e interagiram o tempo todo com os demais colegas. Tornavam-se mais participativos e motivados.

Muitas foram as atividades pedagógicas realizadas, mas dentre elas, cabe destacar aqui uma proposta de trabalho que apresentei para a turma, em que os alunos deveriam pensar em uma temática e elaborar um projeto para ser desenvolvido no Centro de Educação Inclusiva Operacional- CREIO, no município de Guanambi. O CREIO, atende a crianças com deficiência e/ou necessidades específicas.

O objetivo da atividade foi de trazer reflexões aos alunos a respeito das potencialidades de cada um em desenvolver atividades desafiadoras e complexas, independente das limitações de cada um. Ao apresentar a proposta, a turma mostrou-se logo. Após muitas discussões a turma decidiu por elaborar o projeto

intitulado “Brinquedos e Brincadeiras de Ontem e de Hoje: um resgate cultural”. A temática surgiu



do desejo que os alunos demonstraram em trazer para as crianças atendidas no CREIO um contato com brinquedos e brincadeiras antigas e atuais, possibilitando uma vivência com brincadeiras antigas, comparando-as com as atuais. O envolvimento e entusiasmo dos alunos foram imensuráveis. Todo o material utilizado (slides, vídeos, brinquedos, etc.) foi produzido pelos próprios alunos sob minha orientação. Foi um momento de muitas descobertas e reflexão para os estudantes da EJA. Ao final do projeto pude contemplar a satisfação de cada estudante por meio dos relatos em terem aprendido muito mais do que haviam ensinado aos alunos do CREIO.

Em suma, para mim, minha passagem pela EJA foi um período de muito aprendizado e de troca. Diversas foram as dificuldades, mas muito maior foi o meu prazer em acompanhar o processo de formação desses alunos, despertando ainda mais o meu amor e desejo de vislumbrar uma Educação de Jovens e Adultos que, de fato, oportunize a formação desses atores sociais, respeitando e valorizando as suas especificidades e experiências de vida.

Anelise Alves Monteiro
Manuela Rodrigues Santos
Câmpus São Cristóvão, IFS

É noite. O ônibus da prefeitura para em frente à didática, enquanto vemos, um a um, descem aqueles rostos cansados de um intenso dia de trabalho e das atribulações da vida, ao mesmo tempo ávidos por construir novos saberes que podem lhes proporcionar novas oportunidades de ressignificar sua existência, seja na realização de um sonho que há tempos atrás a vida lhe tinha cerceado; seja pela possibilidade de ser reinserido no mercado de trabalho, agora mais qualificado. Do lado de cá, nós sentimos o peso da responsabilidade e da esperança que é depositado em nossos ombros.

Caminhamos em direção a sala de aula enquanto pensamos que, na maioria das vezes, não fomos preparadas em nosso processo de formação para lidar com estes sujeitos com ritmos de aprendizagem e estruturas de pensamento completamente diverso; sujeitos que vivem o mundo do trabalho, as responsabilidades sociais e familiares. Entramos em sala ainda preocupadas com a aprendizagem e os aspectos de nossas disciplinas que precisam ser aprendidos, quando percebemos que outras questões atravessam aqueles sujeitos e elas irão perpassar nossa prática pedagógica.

Então, nos perguntamos inquietas: o que fazer com pais jovens e desempregados que afirmam, inicialmente, estarem ali apenas pela possibilidade de conquistar a bolsa estudantil que, por um tempo, será sua fonte de renda? Como lidar com os cochilos da aluna que está exausta por ter trabalhado nas casas alheias o dia inteiro e cujos olhos brilham quando percebe que assimilou o que estava sendo discutindo ou que foi ouvida? Como lidar com alguém em quem a vida deixou cicatrizes tão profundas que as drogas parecem ser a única coisa capaz de fazê-lo esquecer a dor? Como lidar com

a certeza de que, muitas vezes, somos as únicas pessoas que acreditam que são capazes?

Nesse momento, compreendemos o porquê de estarmos ali. Estamos ali, porque ensinar para a cidadania e para a liberdade é ensinar a transgredir... É ensinar nossas alunas, alunos e alunes a ir além de seus conceitos, preconceitos, descrenças e cansaços a fim de alcançar o autoconhecimento e a aceitação de si mesmo, cômico de que ele é capaz de construir novas narrativas, existências outras possíveis. Assim, ensinar no PROEJA nos faz perceber de forma concreta que nosso trabalho não é apenas partilhar informações, mas sim criar um espaço onde possam crescer intelectual e espiritualmente; onde ele possa se reconhecer como presença... “presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz, mas também sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe”¹. Em síntese, um lugar onde a vontade de saber conecta-se à vontade de vir a ser.

Ensinar no PROEJA é ser constantemente afetado tanto por nossas angústias, nossas dúvidas que nos levarão a um processo constante de desconstruir-se para se reconstruir a cada aula dada; quanto pelos afetos que atravessam os sujeitos a quem damos aula: seus sonhos, desejos, alegrias, tristezas, dores e conquistas. Mas também, é afetar aqueles seres, que descem do ônibus repletos de esperanças, proporcionando-lhes maneiras de saber e ler o mundo e a si mesmo, que pensa e repensa para criar horizontes outros de vida em sua plenitude num “movimento contra as fronteiras e para além delas. É esse movimento que transforma a educação na prática da liberdade”².

Vivemos, pois, uma existência em que somos – professoras e alunes – aprendentes e ensinantes. Nosso desafio é, pois, tornar a sala de aula, com todas as suas limitações, um lugar de escuta, de voz e principalmente de possibilidades, onde possamos ser livres para escolher, capazes de aprender

1 FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2019. p. 20.

2 HOOKS, bell. Ensinando a transgredir. São Paulo: Martins Fontes, 2020. p. 24.

e crescer sem limites... O ônibus parte, a noite se encerra enquanto aguardamos os desafios do dia seguinte...

O nascimento de uma nova Educadora:
tecendo e sendo tecida como o trabalho
do(a) Aluno(a)-Artesão(ã)

Ângela Cristina Pereira Barros Marinho
Câmpus Maceió, IFAL



Ao construir essa narrativa, fui revivendo o filme de uma história real! Ao longo de 12 anos como docente de Biologia do Curso Técnico Integrado em Artesanato, na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), do Instituto Federal de Alagoas (IFAL) – Campus Maceió fui me tornando uma nova educadora.

Como não me reconstruir e rever minha prática docente diante de Jovens e Adultos que trazem consigo ricas experiências de vida?

Os desafios, como docente na EJA, foram surgindo em minha trajetória: tentativas de novas metodologias com erros e acertos, uma constante experimentação numa “sede” natural de atingir um aprendizado consolidado e “eternizado” para a vida.

Ao longo dos 12 anos, aprendi a romper concepções tradicionais de ensino, saindo do ambiente disciplinar rumo à integração, através do diálogo com o outro. Assim, tenho percorrido e vivenciado os desafios da necessária Integração Curricular.

Na construção dessa Integração, a certeza da necessidade de um diálogo permanente entre os docentes das diferentes disciplinas e de uma reflexão constante sobre o

“encontro” dos conteúdos a serem trabalhados, sem jamais perder de vista a identidade do nosso aluno.

Ser docente da EJA tem me feito sempre pensar sobre quem é o meu aluno e o que ele traz em sua “bagagem” de vida para, assim, nortear a minha prática docente. As “pontes” que podem ser construídas entre o que o meu aluno traz e o novo conhecimento são fundamentais na construção de um aprendizado que faça sentido.

Meu aluno da EJA tem me ensinado a ressignificar os conteúdos de Biologia de uma forma maravilhosa! Como é bom lembrar de Projetos como “Reciclando Ideias”, em parceria com a Professora de Química, onde os alunos protagonizaram seu conhecimento numa linda apresentação, que envolveu arte e expressão, transmitida ao vivo pela TV Gazeta. Houve, ainda, o Projeto “Alimentação, Saúde e Artesanato”, em parceria com o Setor de Nutrição da Instituição, onde os alunos construíram pratos “artesaniais” saudáveis e sentiram-se valorizados, socializando seus trabalhos e expondo os “pratos” para degustação!

Lembro-me bem de um trabalho de Banca sobre os “Seres Vivos”, cujo produto era “Capa de Agenda”, e eis que uma aluna abordou e bordou em seu produto a espécie *Wuchereria bancrofti*, demonstrando saber sobre sua importância médica e os cuidados para evitar infecção! Já de uma dinâmica com fotos, abordando o Tema “Genética”, uma explosão inesperada de sentimentos: alunos tentando descobrir, pela similaridade de características genéticas aparentes, de quem era o parente da foto! Nesse meio, memórias foram despertadas e o ambiente da sala de aula foi preenchido com muita emoção! No Projeto sobre “Anatomia e Fisiologia dos Sistemas Humanos”, quanta criatividade, tecendo e conhecendo o próprio corpo: fitas, bordados e pinturas na construção de painéis!

Minha maturidade como docente foi crescendo com o crescimento do próprio Curso! Atualmente, o Projeto “Olhar ‘di’ ver cidade” marca o nascimento de uma nova Metodologia com visitas às cidades Alagoanas, a exemplo de Porto de Pedras, precedidas com palestras preparatórias acerca

da cidade, onde o aluno constrói o produto, a partir de seu “olhar” para apresentação e defesa na Banca Interdisciplinar, momento culminante e visível de criatividade, amadurecimento e muita emoção!

Encerro essas linhas, mas a história continua colorida por “bandôs”, “móviles”, “capas de agenda”, “almofadas” e tantos outros produtos, frutos de um trabalho de muitos “atores”. Assim, continuo tecendo a teia do dia a dia, construindo e sendo construída, coletiva e permanentemente, como o trabalho do(a) Aluno(a)-Artesão(ã).

De fornecedora de alimentos a estudante do IF Sertão-PE

Anna Wannessa Nunes Ferreira
Maria do Socorro Tavares Cavalcanti Vieira
Câmpus Petrolina, IF Sertão-PE

A personagem da nossa história chama-se Ednalva Deusuita Gomes Neto. Ela é uma senhora casada, mãe de dois filhos, nasceu no dia cinco de agosto de 1972, na cidade de Paulistana-PI, moradora do bairro Quati na cidade de Petrolina. A sua casa fica localizada próximo ao Campus Petrolina do Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IF Sertão-PE).

A partir do ano 2002, atendendo a necessidade de uma recepcionista do campus Petrolina, a dona Ednalva iniciou o fornecimento de alimentos. Outras servidoras também experimentaram do seu tempero e gostaram. Ela decidiu abrir as portas da sua casa para servir refeições aos servidores do IF Sertão-PE. Essa atividade contribuiu para a melhoria da renda da familiar. Assim, ela teve as suas primeiras clientes.

Logo ficou conhecida entre os alunos, que buscaram essa alternativa, pois além de comida, quem ia para a casa de dona Ednalva, sempre encontrava acolhimento e um cantinho para descansar das aulas. Ah, sempre tinha uma conversa descontraída com Seu Senhorzinho também, era garantia de boas risadas; Senhorzinho é o apelido do marido da dona Ednalva, ele a ajuda nas atividades, recepcionando aos clientes e anotando aos pedidos de todos. Hoje ele já está aposentado e feliz.

A sua jornada de estudante foi de muito esforço, após o nascimento do seu primeiro filho, parou seus estudos na antiga sétima série do Ensino Fundamental (atual oitavo ano). Após alguns anos, voltou a estudar e conseguiu concluir essa etapa dos estudos em 2009.

No final do ano 2010, uma amiga a incentivou a estu-

dar no IF Sertão-PE, a chamou para participar da seleção para algum curso ofertado. Ela conta que foi surpreendida, pois como ela disse: “não sabia que tinha o curso e nem fazia ideia de como fazer”. Aceitou o desafio. O seu filho mais velho fez a inscrição para ela.

Após participar da seleção, ela foi aprovada em sétimo lugar para o curso Técnico em Informática do Proeja, passou a fazer parte do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos no campus Petrolina.

Os maiores desafios enfrentados por ela foram as matérias específicas de informática, “porque eu não tinha noção de nada referente a informática, nem sabia ligar o computador e então entrava em pânico a cada aula” (palavras dela).

Como podemos ver, caro leitor, não foi fácil, mas com o passar dos anos, um pouco a mais do que o período regular, ela conseguiu concluir o curso. Muitos foram os obstáculos, porém ela costuma dizer que, quando decidiu enfrentá-los e decidiu que não desistiria, ainda que tivesse que voltar pagando todas as matérias, mas só teve que pagar quatro, ela concluiria o curso. Pagar matérias, querido leitor, significa cursá-las novamente, em caso de reprovação.

Ela estagiou na coordenação de tecnologia da informação do campus. Ao realizar o estágio, pensou que passaria vergonha, mas teve a oportunidade de desenvolver essa tarefa ao lado de outras alunas do Ensino Médio Integrado, ali, sentiu gostou pelo ofício e como ela diz, estaria lá até hoje.

Para dona Ednalva, esse curso representou, na vida dela, a “inclusão a um mundo, até então, desconhecido”.

Essa é uma história que realmente merece ser contada!

Cleiva Aguiar de Lima
Câmpus Rio Grande, IFRS

A história a ser contada aqui se refere aos meus registros enquanto professora de Biologia no PROEJA. Sou uma professora que acredita na formação permanente e no registro (FREITAS, 2010¹) como um meio de efetivar a reflexão sobre a prática. Além disso, considero o registro fundamental para a construção de saberes docentes e também como auxílio à memória na historicização da docência. Mas eis que, entre a clareza da importância do registro, o desejo de registrar e a efetivação disso, tem-se um distanciamento. Nesse sentido é que, por diversos motivos, não consegui realizar registros de todas as aulas. Entretanto, os que foram feitos permitem muitas reflexões, algumas das quais, compartilho aqui.

Os fragmentos referem-se ao Diário PROEJA 2011 – Biologia IV no qual fiz um exercício de registrar aspectos importantes das aulas. Diário, entendido na perspectiva de Freitas, Machado e Souza² (p. 7) “como um instrumento de (trans)formação das relações de ensinar e de aprender”.

Aula 01 - 14 de abril - Dia cheio. Ansiedade. Alegrias diversas. [...] Noite – primeira aula, de novo!!! 2 alunos. Conversamos bastante, mas o que mais me impactou foi ouvir deles que nunca leram um livro!!! Mas, o melhor disso foi [mais tarde] encontrar uma amiga numa rede social e perguntar a ela se o Pequeno Príncipe, livro que levaria para um deles, estava bem. Ela depressa perguntou: não pergun-

1 FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Registro (verbete). In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p.355-356

2 FREITAS, Ana Lúcia Souza de, MACHADO, Maria Elisabete; SOUZA, Michele Silveira de. O diário de registros como instrumento de (trans)formação docente. In: Revista Ambiente & Educação Dossiê Temático Saberes, Práticas e Formação de Educadores(as) Ambientais. PPGEA, FURG, Rio Grande, 2017

tasses o interesse deles???

NÃO!!! Me preocupei em resolver logo, respondi. Mas agora estou preocupada e por isso, perguntei. Que lição! Poucas palavras e ouvir essa questão me fez refletir. Por que não perguntei sobre o que gostariam de ler? Por que já indiquei um livro? [...] Ah, o diálogo! Ah, a escrita! Ah, a Roda de formação, o formar-se ao formar...

Com relação ao narrado, as autoras anteriormente referidas (p.16) ajudam a pensar quando afirmam: “o diário convida educandos e educadores/as ao diálogo e à reflexão sobre suas aprendizagens”. E neste fragmento, eis que uma aprendizagem vem à tona: levar em conta os saberes dos educandos. Isso sabemos por teoria, por entender que é a partir do que eles sabem que devemos começar. Porém, na ação, muitas vezes somos levados a resoluções rápidas, movidos, talvez pelo imediatismo e nem sequer, acionamos nossos conhecimentos. Neste caso, a escrita do Diário é importante para acentuar que estamos em formação e a mediação da colega educadora evidencia a importância do diálogo nesse processo.

26 de junho... Bah, faz tempo que não escrevo [...] cá estou finalizando as atualizações e o diário... algo importantíssimo. Não sei como me perdi, mas já estamos em junho [...]. E as aulas têm transcorrido como sempre, muito tranquilas com relação a discussão dos temas que me proponho. Os alunos são muito atenciosos, participam das aulas e das atividades propostas. Entretanto, por vezes, penso que deveria fazer diferente, não seguir o conteúdo como tenho seguido (será minha dificuldade de desapego?) Discuto alguns aspectos e percebo que eles se apropriam bem do que me proponho, mas, será suficiente? Agora, ao escrever pensei: vou perguntar isso para eles. Tarde demais? Talvez...

Neste trecho do Diário é possível perceber o que, Freitas, Machado e Souza (p. 16) afirmam com relação à escrita do diário, entendido como uma “atitude investigativa sobre o próprio percurso formativo e proporcionando a tomada de consciência de saberes e de ainda-não saberes”.

Aula “extra” - A última aula foi diferente da expectativa... havíamos combinado de ir ao cinema [...]. O filme: Pi-

ratas do Caribe IV se encaixou na programação. Eles nunca haviam ido ao cinema aqui na cidade. E um deles foi uma única vez, há muito tempo, em Capão da Canoa. O filme tinha no enredo a busca pela Fonte da Juventude. [...]. Havia um mote para subsidiar a discussão de Genética. Mas neste dia só um aluno apareceu e o cinema estava lotado às 21h. Ver a expressão triste dele foi o que mais me marcou, pois ele havia marcado com amigos. Então, no feriado de 23 de junho fomos ao cinema, finalmente. [...]. Valeu o entretenimento e a oportunidade de fazer algo diferente. No nosso próximo encontro vamos discutir o filme, embora o outro aluno, com dores nas costas, não tenha participado dessa aula.

Enfim, revisitar o Diário permitiu reviver as aulas e pensar no que mobilizou registrar estes e não outros aspectos. Além disso, permite reafirmar a importância da escrita sistemática, que pode subsidiar, em um momento posterior, uma sistematização dos registros, importante no processo formativo.

Clóris Maria Freire Dorow
Câmpus Pelotas, IFSul



No decorrer do meu percurso profissional, foram sendo escritas histórias de inúmeros momentos gratificantes, principalmente a partir do momento em que resolvi ser coordenadora do EMA (Ensino Médio para Adultos) em 1998 e, posteriormente, coordenadora do PROEJA. Minha vida poderia ser contada antes e depois de trabalhar como coordenadora e professora do EJA, pois minhas perspectivas sobre as relações humanas e sobre o mundo sofreram uma grande e maravilhosa transformação em termos de fraternidade, de amor ao próximo, de lutas e batalhas as quais nem imaginamos que possam ser empreendidas e enfrentadas pela nossa comunidade estudantil.

Lembro que, ao iniciar o trabalho com uma determinada turma de EJA, como sempre, os alunos mostravam-se interessados, movidos pelo desejo de aprender, de retomar o tempo perdido. No primeiro dia de aula, gostava que eles preenchessem uma ficha que depois transformavam em redação, com perguntas acerca de sua vida pessoal, seus estudos, seus trabalhos e os motivos que os levaram a retomar seus estudos. A leitura dessas respostas, transformada em texto, sempre me trazia muita emoção e um bom conhecimento pessoal e profissional de suas existências. Este era um importante parâmetro para o alcance de meus objetivos de

professora de Português e de educadora. Os demais professores também tomavam conhecimento desse instrumento para também ajudá-los em seu trabalho pedagógico e educativo.

Dentre os alunos de uma determinada turma, pude obter o depoimento de um aluno que vou chamar de Pedro que apresentava muitas dificuldades ortográficas, de pontuação, de concordância, mas que, diferentemente da maioria dos alunos que têm problemas no Português, dizia que gostava muito da disciplina e que seu maior sonho era saber ler e interpretar textos.

Iniciei meu trabalho com muitas interpretações e leitura oral e silenciosa na aula. Percebi que suas dificuldades na leitura oral eram bem acentuadas pois ele tinha muitas dificuldades ao enunciar o texto diante dos colegas, mas Pedro nunca se negava a ler, como se tivesse a certeza, mesmo sem conhecimento da minha metodologia, que isto o faria melhorar. Percebendo o seu enorme interesse, comecei a trabalhar com os alunos com uma biblioteca ambulante em que emprestava os livros e eles, numa determinada data, resumiam sua leitura oralmente em sala de aula. No início, foi difícil convencer alguns, mas o Pedro foi o primeiro a retirar livros

Com o decorrer do trabalho, percebi que a pessoa mais sedenta de leituras era o Pedro. E, depois de algum tempo, estas leituras e a sua imensa vontade de vencer fizeram com que sua escrita e sua leitura oral começassem a melhorar. No segundo ano, era visível o seu progresso na interpretação, na leitura oral, na escrita das redações que foram se tornando criativas. Outros alunos também melhoraram, mas o Pedro era um vitorioso, cujos passos dados tinham a marca de muito esforço e de grande interesse em aprender.

Fui professora deles durante todo o EJA e, ao final do curso, pedi uma avaliação sobre meu trabalho de Português com a turma, como sempre faço. A avaliação mostrou que o meu trabalho havia frutificado para a maioria da turma, portando as sementes plantadas estavam em pleno crescimento. Dentre as respostas lidas, percebi uma que me deixou

profundamente emocionada e guardei-a até hoje : “Querida professora, a senhora com seu trabalho, seu carinho e sua paciência abriu um novo mundo para mim, onde os conhecimentos inestimáveis que aprendi com suas leituras me fizeram conhecer e entender os textos dos demais professores. Porém o que mais me faz feliz é que hoje tenho a alegria de poder ler, à noite, historinhas para a minha filha. E este presente que ganhei da senhora vai fazer com que minha filha também aprenda a amar a leitura como eu. Que Deus a proteja e a faça por muitos anos ser professora para guiar cegos do conhecimento como eu para a luz da leitura”.

Alguns anos depois, encontrei o Pedro, e ele, para a minha alegria, havia cursado a Universidade e era professor de uma escola na Zona Rural. O que ele mais fazia com os alunos era leitura, como havia aprendido comigo. São casos como este que me fizeram nunca deixar de trabalhar no EJA, pois, para quem ama ensinar, é um verdadeiro aprendizado e um lugar que reafirma a ideia de que ser professor é ajudar a transformar para melhor a vida de nossos educandos.

Relato de um professor de Física do Proeja do IFMA Campus Timon

Deusdete de Sousa Brito
Francisco Robert Santos de Souza (ex-aluno)
Câmpus Timon, IFMA



Este professor de Física ministrou aula na primeira turma do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica (PROEJA), na Modalidade de Jovens e Adultos no Curso Técnico de Comércio do Instituto Federal do Maranhão (IFMA) Campus Timon durante o segundo semestre de 2011 e considerando que a Física já é uma disciplina de difícil assimilação aos alunos do ensino regular, pois os altos índices de reprovações já

demonstram tal realidade e em muitas ocasiões até representa o fracasso do alunado, bem como de seus professores, na educação básica regular, então isso não seria diferente na Educação de Jovens e Adultos (EJA) que teoricamente seria um alunado diferenciado principalmente por que na maioria dos casos são formados por pessoas que trabalham em atividades exaustivas durante o dia inteiro e estudam à noite. Porém, com a experiência adquirida durante meus anos de ensino na modalidade EJA, então foi possível constatar que os alunos em sua maioria eram compostos por pessoas mais velhas com certa experiência em suas atividades profissionais e, portanto, relacionavam com certa facilidade suas atividades laborais com os conteúdos de Física ministrados.

Dessa forma, passei a aproveitar seus conhecimentos prévios do cotidiano para fazê-los entender melhor os conceitos e fenômenos físicos.

Apesar de ministrar aula nessa turma de Comércio do PROEJA, no Campus Timon, apenas um semestre, já havia trabalhado com esse público da EJA, no período de 2003 a 2005, no Centro de Ensino Médio Anjo da Guarda, anexo João Alberto situado no bairro de mesmo nome, em São Luís – Maranhão e no PROEJA entre 2008 e o primeiro semestre de 2011, no IFMA – Campus Santa Inês e em todas estas escolas, os alunos eram compostos em sua maioria por pessoas idosas tendo em vista que houve um crescimento na faixa etária, nessa modalidade de ensino, naquele período, mas de acordo com o Censo Escolar da Educação Básica de 2019, realizado pelo INEP, os alunos com menos de 30 anos representam 62,2% das matrículas da EJA e 57,1% destes é do sexo masculino. Porém, quando se observava os estudantes com mais de 30 anos, as mulheres correspondiam a 58,6% das matrículas. No caso dos alunos matriculados no PROEJA do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – Campus Timon, isso destoava um pouco em função da seleção ser direcionada a adultos em situação de desemprego, donas de casas em situação de vulnerabilidade social e eram selecionados por meio de um levantamento sócio-econômico realizado pelas assistentes sociais da Coordenadoria de Assistência ao Educando (CAE) do campus.

No caso dessa turma, em especial, lembro-me do relato de uma das alunas fazendo comentários em relação aos desenhos de carrinhos que desenhava para demonstrar os conceitos de caminho percorrido, deslocamento e velocidade média e que representava uma rodovia com as placas de marcação das posições ao longo da via. Isso facilitava a compreensão dos conteúdos ensinados. Ao escrever este relato fui à procura de alguns desses ex-alunos e tive a oportunidade de conversar novamente com o senhor Francisco Robert Santos de Sousa e nessa ocasião ele me falou o quanto o ensinamento da Física contribuiu em sua caminhada, o que me deixou muito feliz e lisonjeado em saber que tinha o

ajudado a melhorar sua condição e oportunidades na vida, porém relatou as dificuldades enfrentadas e que não havia estudado quando jovem por que precisou trabalhar muito cedo, mas que teve a oportunidade de retomar os estudos por meio do PROEJA. Nesse momento me confidenciou que ele e uma colega de turma tinham cursado ensino superior em Ciências Naturais e que ele já tinha realizado duas especializações, estava em busca de um mestrado e que se tornara professor.

Vale ressaltar que na maioria das turmas da EJA/PROEJA em que ministrei aulas o elemento delineador que aparecia como possibilidade de traçar um perfil do alunado era o fato de que praticamente todos os estudantes eram trabalhadores e, portanto, possuíam experiências e vivências no mundo do trabalho, mas essa turma era um pouco diferente, conforme fala do ex-aluno Francisco Robert: “assim, era formada a primeira turma do PROEJA do IFMA Campus Timon, éramos uma turma mista com variação de idade, mais todos com um só objetivo, concluir o ensino médio, alguns até mesmo com mais objetivos que outros como arranjar um emprego, cursar uma graduação, mais com certeza mudar de vida todos nós já havíamos mudado”. Isso só nos mostra que a EJA/PROEJA deve ser fortalecida e incentivada pelo Estado.

Educação profissional e busca por “ser mais”: mulheres negras e suas vozes apontando caminhos

Doris Regina Barros da Silva
Câmpus Nilópolis, IFRJ

“Nós fazemos a história revolucionária, contando o passado como aprendemos no boca a boca, contando o presente como o vemos, sabemos e sentimos em nossos corações e com nossas palavras”



Início de outono em 2018. Um espaço cultural de Mesquita, cidade da região metropolitana do Rio de Janeiro, onde nasci e me criei, acolheu a roda de conversa “Anyango II: a estética da mulher negra!”. A convite do prof. Vinícius de Luna, idealizador e organizador do evento e Gerente da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Secretaria Municipal de Educação de Mesquita – SEMED, participei daquele rico momento de trocas como uma das debatedoras.

Em Nilópolis, cidade que fica bem ao lado, há um dos campi do Instituto Federal de Educação do Rio de Janeiro – IFRJ, onde atuo na coordenação pedagógica das turmas do curso de Manutenção e Suporte em Informática – MSI, na

1 O evento integrou o calendário das atividades da Campanha 21 dias de Ativismo contra o Racismo, iniciativa nascida no Rio de Janeiro em 2016 pela mobilização de ativistas da luta antirracista.

modalidade Proeja². No cotidiano da minha atuação como Pedagoga, ouvir e compartilhar histórias com estudantes são parte importante do trabalho, contribuí para a criação de vínculos, para o crescimento pessoal, profissional e o pensar e repensar constante em busca do aprimoramento das práticas.

Portanto, aguçar os ouvidos para as vivências cotidianas que emergiram nas falas das estudantes da EJA em suas vozes-mulheres negras, como no poema de Conceição Evaristo, teve um significado maior do que atentar para individualidades. Aquelas narrativas sobre experiências em condições de vida adversas, diziam muito sobre o pertencimento delas a uma categoria cujo fator de exclusão vai além da situação social.

Na gira da roda da vida, as mulheres negras são atingidas em aspectos materiais, estéticos, simbólicos e mesmo afetivos, e os índices publicados no Dossiê Mulheres Negras (2013), Mapa da Violência (2015) e estudos sobre a solidão das mulheres negras (Souza, 2008; Pacheco, 2013) dão conta dessa realidade, resultado do racismo que estrutura a sociedade brasileira desde a sua fundação.

Sendo assim, toda nossa conversa sobre essas complexas questões rendeu uma ação, a partir do convite que fiz às turmas da EJA de Mesquita para conhecer o campus Nilópolis do IFRJ e nosso curso Proeja. A ideia, prontamente abraçada pelo prof. Vinícius de Luna, gerou o projeto batizado por ele como “Prosseguir no ensino médio”.

O primeiro momento do cronograma do projeto consistiu em visitas guiadas das turmas da EJA de Mesquita ao campus Nilópolis, onde a coordenadora do curso prof. Carla Medeiros, a coordenação pedagógica e alunes monitores do IFRJ, entre eles Maísa Dutra (Proeja) e Ivens Moura (Técnico em Química), se mobilizaram para apresentar o curso e o campus através de um momento de conversa, seguida de um tour pelas instalações.

Era comum o encantamento de nossos visitantes com a

2 Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA.

estrutura e em saber que se tratava de uma instituição pública e, portanto, poderiam se candidatar a uma vaga. Apesar da proximidade geográfica entre as cidades de Nilópolis e Mesquita, o rigor dos processos seletivos criou, ao longo dos anos, barreiras simbólicas em torno das instituições federais, afastando algumas parcelas da população que não tinham recursos para disputar as vagas em pé de igualdade com candidatas que podiam pagar cursos preparatórios.

Portanto, no segundo momento, uma vez aberto o edital, as turmas da EJA eram incentivadas a inscrever-se e participar das etapas posteriores do processo seletivo do Proeja, mais adequado ao seu perfil, sob orientação das equipes da SEMED e do IFRJ. Como resultado dessa parceria interinstitucional, cerca de 600 estudantes foram atendidos pelo projeto e entre 2018 a 2020, pois o curso é semestral. Dezenas de estudantes da EJA de Mesquita conseguiram ingressar no IFRJ.

Acreditamos ter dado um primeiro passo na direção de ampliar a efetividade de uma política de educação inclusiva como o Proeja em nossa comunidade, através da construção coletiva de uma ação que surgiu em um espaço de escuta atenta e sensível às demandas de estudantes da EJA, cujas aspirações legítimas a “ser mais”, conceito que Paulo Freire desenvolveu em sua Pedagogia do Oprimido, merecem iniciativas que de fato impliquem em justiça social através da justiça cognitiva.

Das “brenhas” da Caatinga

Eduardo Barbosa Vergolino
Câmpus Floresta, IF Sertão

Das “brenhas” da caatinga surge de tudo um pouco: menina, menino, homem, mulher. Surge também lobisomem e curupira. Mas, diante deste mundaréu de bichos e coisas que surgem, surge também Mariínha. Vem montada em sua barra-forte como quem pedala nas nuvens. Desviando dos espinhos e tocos de algaroba, xique-xique e faxeiro, chega à rua. Ao subir o desnível da realidade do barro para o mundo moderno do asfalto abre um sorriso e deixa os cabelos voarem ao vento. Pedala agora em ritmo constante observando tudo que acontece em sua volta à medida que avança rumo ao conhecimento. Da sua barra-forte observa as novas tendências da moda feminina em repetidos shorts jeans desfiados, ouve as músicas que vibram os porta-malas abertos e sente o perfume das transeuntes que cruzam seu caminho. Ao passar pela catedral da cidade, gira levemente seu olhar para contemplar a imponência da torre católica e aproveita para ver no relógio as horas. Faltam quinze minutos para o início de sua aula de Filosofia. Ao refletir sobre sua primeira aula da noite pensa que nunca teve ideia do que se tratava essa disciplina. Filosofia? Para que serve isso? Ainda pedalando, mas já embrenhando o portal do Campus Floresta questiona-se sobre o que a fazia não saber o que essa disciplina significava em sua vida. Enfim, chega em sua sala. A primeira a sentar-se e a arrumar seu material. Lápis, caneta duas cores, borracha, caderno e o livro de Filosofia sobre a mesa. Ainda com a pergunta em sua cabeça, Mariínha não se dá conta do início da aula.

O professor pergunta:

- Mariínha, a realidade está posta para nós como um vir-a-ser, um dasein, uma constante mudança. Você concorda com essa afirmação? Você é a mesma Mariínha de ontem?

Mariínha ainda atordoada com a pergunta e tentando em sua mente unir as palavras em um sentido lógico para si, responde:

- Professor, eu sou e não sou a mesma. Ainda sou Mariínha, sou a mesma pessoa. Mas também não sou porque já mudei, já dormi, já acordei. Estou mais velha.

O professor transparece em sua face um sorriso ao espremer os olhos e nos olhos de Mariínha um corisco ilumina. E assim encerra-se a noite. Mariínha monta novamente em seu corcel alado e na motricidade de suas pernas galopa pelas nuvens asfálticas da cidade. A realidade mudou desde que Mariínha entrou em sua aula de Filosofia. Agora ela vê um frenesi de estudantes, bicicletas, paus-de-arara, motos e ônibus abarrotados de seres deixando para trás os universos escolares para adentrarem nas “brenhas” da caatinga. Ao se dar tento da nova realidade noturna, percebe que o mundo não é mais o mesmo. A realidade agora é outra e que ao invés de vindo, está indo. Por um segundo Mariínha respira forte, enche os pulmões com o cheiro de óleo diesel da realidade momentânea e pensa:

- Será que realmente não sou mais a mesma de ontem? Será que mudei de quando cheguei para agora que estou voltando? Será que esse tal de vir-a-ser, esse tal de dasein, existe mesmo?

Antes de adentrar no barro da realidade, mas ainda sem encontrar respostas para suas perguntas, pisa com força em seu corcel que agora passa pelo batente e volta a sua realidade de barra-forte. Mariínha agora esvai-se na escuridão das “brenhas” da caatinga para uma realidade não menos real. Para tornar-se um dasein no seu vir-a-ser de sertaneja estudante de Filosofia. Amanhã Mariínha será o que não foi hoje, e consciente desse papel da mudança em sua vida tornar-se-á a mesma, ainda que outra. E assim, dia a dia, nas “brenhas” da caatinga, a transformação das realidades se dá nas transfigurações dos seres que habitam este universo paralelo. Dasein estes que desviam dos espinhos e tocos de algaroba, xique-xique e faxeiro da vida para no vir-a-ser da educação profissional tornar-se um outro.

Naquela noite tudo foi diferente

Edvan Horácio dos Santos
Vanda Figueredo Cardoso
Câmpus Marechal Deodoro, IFAL



C h e g a -
mos mais cedo
na sala de aula
naquela noite
de abril. Tínha-
mos combinado
surpreender
cada estudante
da turma do 1º
módulo. Com
olhar desconfi-
ado e os pas-

sos inseguros, eles foram escolhendo um local para se sentar, pois, na sala, havia quatro grandes círculos de cadeiras. Depois de um curto espaço de tempo, os mais jovens estavam reunidos no fundão e os adultos demonstravam desconforto por terem ficado de costas para o quadro.

Os olhares dos estudantes refletiam uma só pergunta: o que iria acontecer naquela noite? O professor de Matemática estava acompanhado da pedagoga e de quatro estudantes das turmas do diurno. Mas a dúvida no olhar deles logo foi esclarecida. Com um largo sorriso, o professor explicou que haveria uma atividade especial e apresentou os convidados.

Falou para a turma que o grupo de estudantes fazia parte da equipe da monitoria de Matemática, seus orientandos, e estava ali para ajudar no desenvolvimento de uma atividade avaliativa. Ouvindo isso, a maioria dos estudantes lançou olhares desconfiados, que traduziam seus pensamentos: “Estamos ferrados! Esse professor trouxe um pelotão para nos fiscalizar! E agora? Essa atividade valerá nota?”

Nesse momento, a pedagoga entrou em cena e também falou ao grupo: “Olá pessoal, estamos muito felizes com o convite do professor e a nossa ideia é ajudar na realização do “Plantão Tira-Dúvidas” dos assuntos que vocês estão estudando. Os colegas da equipe de monitoria vão colaborar durante a realização do exercício. Eles irão anotar suas dúvidas para o professor fazer uma revisão antes da outra avaliação. Por isso, estão usando a prancheta. Fiquem à vontade para perguntar. Contem com a gente! Vamos começar?”

Logo em seguida, o professor entregou o exercício e falou que esse estudo seria em dupla e valeria pontuação. No começo, vimos certa timidez no diálogo das duplas e no movimento de buscar o auxílio dos colegas da monitoria e do professor. Percebemos que os monitores buscavam um jeito de aproximação com os colegas, demonstrando que estavam dispostos a ajudar.

Aos poucos, o clima de estudo colaborativo tomou conta do ambiente da sala de tal modo que a pedagoga precisou mediar a organização dos atendimentos, indicando ao professor e monitores a sequência das duplas que precisavam de esclarecimento. Houve um grupo que ficou resistente, mas acabou cedendo no diálogo com o monitor que prestou todo apoio.

Percebemos na expressão dos estudantes, que estavam mais leves e alegres realizando os exercícios. Em alguns momentos, olhares de interrogação e testas franzidas diante de questões difíceis de responder fizeram movimentar as mãos apontando que precisam esclarecer dúvidas.

Vimos estudantes jovens e adultos empolgados em concluir os estudos de Matemática e responder os desafios que o professor havia lançado nas questões. A turma se mostrou ativa no meio da noite, após um dia cheio de trabalho. Foi realmente uma noite diferente!

O sinal tocou para o intervalo e durante o recolhimento da atividade e despedida, várias duplas perguntaram quando iríamos voltar para fazer esse trabalho com o professor. Expressões espontâneas e carinhosas de agradecimento marcaram esse momento e vimos refletir contentamento nos

rostos da equipe da monitoria, do professor e da pedagoga. Essa, inclusive, se tornou fotografia dessa fascinante experiência educativa.

Ao final ainda ecoou a pergunta: “E aí, professor, tudo certo para a revisão antes da prova de Matemática?” Prova... está aí uma atividade que faz tremer as bases dos estudantes! Mas naquela noite o professor demonstrou que a avaliação pode ser diferente, porque estávamos “Juntos no Mesmo Barco Rumo ao Porto Segundão!”

Olhar docente nas histórias de vida dos sujeitos que escrevem a trajetória do Proeja no IFAM em Parintins-AM

Elenice Szatkoski¹
Câmpus de Parintins, IFAM

“tenho 19 anos. Fui criada em uma comunidade que fica no Pará, às margens do Rio Adirá. Tenho 4 irmãos, sendo duas irmãs e dois irmãos e meus pais são separados. Eu fui criada pelos meus avós. Um dia vim morar aqui na cidade de Parintins e morava em casa de família. Consegui me formar no Ensino Fundamental e agora moro com meu marido e minha filha. Somos da etnia Sateré Mawé, nós temos nossas próprias culturas nossa sobrevivência é baseada na pesca e na caça. Sempre quis uma oportunidade de estudar no IFAM-AM e quero me formar com muito aprendizado”. (Aluna Indígena do Proeja).

O relato o Olhar docente nas histórias de vida dos sujeitos que escrevem a trajetória do Proeja em Parintins-AM tem por objetivo relatar a experiência como Coordenadora

do PROEJA IFAM-Parintins 2020/1 e também como docente, ministrando a disciplina de história.

Como coordenadora do curso observei sujeitos ávidos de atenção e necessidades diversas, logo no início do ano letivo,



1 SZATKOSKI, Elenice. Doutorado em História das Sociedades Ibéricas Americanas, na Pontifícia Universidade Católica-PUC, POA/RS, 2008. Professora do IFAM-AM Campus de Parintins-PIN.

as demandas eram de fardamento (uniforme), alimentação, transporte e outros auxílios básicos necessários para o bom andamento do curso, acesso e permanência na instituição até a conclusão do curso. Contando com a direção do Campus e com a Coordenação Geral dos Cursos conseguimos sempre atender as demandas de início. Também alguns colegas docentes fizeram doação de camisetas que compunham o “fardamento” dos alunos.

Em março chegou a pandemia e as necessidades se multiplicavam e passaram a ser alimentação, álcool em gel, máscaras e tudo que é necessário para o enfrentamento da pandemia. O desemprego assolou os alunos e suas famílias. Foi desolador para Parintins-AM, pois o grande momento anual para empregos é o Festival de Parintins que ocorre na última semana de junho e emprega a cidade toda que trabalham em diversas atividades para o atendimento dos turistas e, os alunos do PROEJA são inseridos todos os anos. Campanha de distribuição de cestas básicas movimentaram os docentes do Campus do IFAM de Parintins que contribuíram para que todos os discentes do PROEJA recebessem as cestas básicas, atenuando os efeitos imediatos e urgentes da pandemia, pois a fome não espera. Também acompanhamos, como coordenadora, o primeiro período do semestre na oferta de ensino remoto e o impacto foi grande na dificuldade de acesso a internet para o Sigaa sendo que o WhatsApp foi a mídia mais usada de acesso às aulas. Mas vale destacar o empenho efetivo de todos os educadores na tarefa e desafio de viabilizar as atividades remotas para os alunos utilizando recursos próprios e tornando o momento excepcional com aprendizagens significativas e que contribuíssem para a continuidade do ensino e a integração entre docentes para trocas significativas de experiências. Também foi relevante o envolvimento dos alunos que conseguiram acesso, nas atividades e trocas de experiências online, no diálogo científico e intelectual nas redes sociais, no uso das mídias sociais para um fim educativo, na postura dos estudantes durante as abordagens das aulas e conteúdos nos aplicativos e no SIGAA.

Como professora de história do PROEJA do IFAM Campus de Parintins-AM cabe ressaltar o envolvimento dos alunos nas aulas, bem como os relatos sobre suas histórias de vida e as narrativas emocionantes de superação de desafio e da conquista de estudar no IFAM-PIN. Desta forma normal foram relatos como: “ quando consegui passar para o IFAM tive vontade de me ajoelhar no portão para agradecer, nem acreditava”, também “estudar aqui era meu sonho” ou ainda “quando foram divulgar o exame de acesso na escola do Ensino Fundamental eu pensei vou estudar lá”.

Cabe registrar neste olhar docente nas histórias dos sujeitos do PROEJA os relatos de vida e a análise do perfil dos sujeitos que compõe o PROEJA. Esses sujeitos são na sua esmagadora maioria (70%) mulheres de 18 anos a 30 anos, mães de famílias sendo que 60% delas são separadas, as origens remontam relações entre ribeirinhos, indígenas e portugueses. Com histórias de vida de lutas, sacrifícios e de pouca ou nenhuma estrutura familiar completa e na maioria dos casos sempre residindo com as mães. É constante nos relatos das histórias a figura materna e com menção de gratidão e de uma visão de mulher guerreira. Quanto aos homens 30% constituem os alunos do PROEJA também com a figura materna muito forte sendo a mãe ou a avó a referência no lar. Nos relatos das histórias chama a atenção a falta afetiva da figura paterna, bem como o pai como provedor da família. Também percebe-se, nos relatos de suas histórias um forte interesse no estudo, bem como em melhoria de vida e na busca de melhores condições para os filhos. Percebe-se uma afetividade maior nos relatos da relação dos alunos e alunas com os filhos em relação dos relatos de cuidados e afetividades oriundos da família ou presente na sua infância.

Elis Magalhães Santos de Freitas
Câmpus Floresta, IF Sertão

Era sexta-feira, mais uma semana chegando ao fim. A jovem professora abre a porta da sala e encontra Dona Liu, senhora com seus 40 e poucos anos, concentrada em uma leitura. A testa quase juntinha ao caderno, os olhos bem apertadinhos tentando “decifrar” o que ali estava escrito.

- Dona Liu, onde estão os óculos? Pergunta a professora.

- Eu ia até falar com a senhora pra quando entregar as atividades deixar a letra bem grandona, pois estou com dificuldade pra enxergar e só posso fazer o exame no início do próximo mês e sabe-se lá quando poderei comprar os óculos. Eu quase não tou vendo, já pensei até em desistir dos estudos, sabe professora? Mas, só pensei mesmo, pois já venci tantas dificuldades até aqui, não vai ser a falta de óculos que vai me impedir de realizar um sonho, “num é mesmo”?

Ali a professora aprendeu tanto! Aprendeu sobre humildade, sobre força de vontade, sobre resiliência, sobre empatia... Dona Liu não precisou esperar até o início do mês para a consulta, pois alguns professores se reuniram e, além da consulta, entregaram-lhe o tão desejado óculos.

A entrega emocionou! Mas, um simples óculos? Para dona Liu era tanto! A emoção tomou conta não apenas dela, mas de todos que puderam presenciar aquela cena. Mais um aprendizado para a jovem professora: O que para uns é pouca coisa, para outros é tanto! Gratidão! Foi possível também aprender sobre ser grata! Dona Liu demonstrou isso e aquela simples cena ficou marcada!

Em outra ocasião, dona Maria José chegou já no finalzinho da aula. Nitidamente cansada, mas estava lá. Findada a aula, ela esperou todos saírem da sala e logo falou:

- Ô professora, quase não chego aqui hoje. Na verdade,

sei nem se vou conseguir me formar. É que estamos em período de safra. Período de safra é muito difícil! A gente tem hora pra chegar na fazenda, mas não tem hora pra sair. E pra piorar, hoje o pau de arara que pega “nois” inventou de atolar, acredita? A estrada da fazenda é toda de barro, então quando chove é um “lamero” só. Pense num “truvejo”.

A professora ouvia toda aquela história e buscava palavras para incentivar dona Maria José a não desistir. Ali ela também estava aprendendo sobre a importância do ouvir o outro. Como praticar a empatia sem saber o que se passa com cada um?

Dona Maria José continuou:

- Eu acordo todo dia às 4h pra deixar o almoço dos meus filhos pronto, às 5h30 vou pegar o pau de arara pra estar na fazenda às 7h e começar a colheita. O pau de arara só nos pega de volta às 16h30 e quando chego em Floresta tenho que me arrumar rápido e vir pra escola. Quando saio daqui vou arrumar o barraco dos espetinhos. É que vendo espetinhos na pracinha pra ter uma renda extra.

A jovem professora escutou e conversou com dona Maria José em muitos outros momentos e, em todos eles, aprendia um pouquinho mais. Ela precisou se afastar e não pôde acompanhar o dia em que dona Maria José realizou o sonho de se formar como técnica em agroindústria. Mas, certo dia, passando pela pracinha, escutou alguém gritando e acenando. Quando olhou para trás era aquela senhora de riso fácil, mãos calejadas e um brilho especial no olhar. Ali, dona Maria José abraçou a professora e agradeceu com a seguinte frase:

- Obrigada por não me deixar desistir, eu aprendi tanto com a senhora.

Dona Maria José mal sabia que ensinou muito mais a professora do que aprendeu com ela. Afinal, aquela jovem descobre diariamente que ser professora do programa nacional de integração da educação profissional com a educação básica, na modalidade de jovens e adultos (PROEJA) é sobre aprender muito mais do que ensinar.

Vivências com o PROEJA no IFMS: Câmpus Dourados

Eliton da Silva
Câmpus Dourados, IFMS

Fachada do Campus Dourados



Fonte: IFMS – Fotos Campus Dourados

Meu nome é Eliton da Silva, nascido no dia três de junho de 1987, na cidade de Cáceres, no Estado de Mato Grosso. Finalizei o ensino fundamental na Escola Estadual Frei

Ambrósio, Cáceres-MT.

Concluí o curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio na modalidade de Jovens e Adultos, com habilitação em Sistema de Informação, pela antiga Escola Agrotécnica Federal de Cáceres – EAFC. Atualmente é o Campus Cáceres – Prof. Olegário Baldo do Instituto Federal de Mato Grosso – IFMT. Importante ratificar que a turma iniciou com sessenta estudantes, e apenas sete finalizaram o curso.

Ingressei no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul no ano de 2014, como técnico administrativo no cargo de Assistente em Administração lotado no Campus de Ponta Porã, local onde ocorreu meu primeiro contato profissional com um curso do PROEJA. No ano de 2016, fui removido para o Campus Dourados, desempenhando a mesma função, atividades relacionadas a Central de Relacionamento -CEREL, popularmente conhecida como secretaria escolar. Setor da instituição responsável pelas funções destinadas a manter os registros e os arquivos de documentação dos estudantes.

Como narrado anteriormente, minha relação com o

Proeja teve início como estudante e, mais tarde, essa relação se fortaleceu, tornando-me um Profissional Técnico Educacional de uma instituição pública que tem como missão e objetivos institucionais oferecer o Ensino Médio na forma de Técnico integrado à modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

No Campus Dourados o curso do PROEJA se tornou realidade no segundo semestre do ano de 2018, com a oferta do PROEJA em Administração, com 40 vagas, no período noturno, com duração de seis semestres, totalizando três anos. Logo no ano seguinte em 2019.1, foram ofertadas 80 novas vagas.

Importante ressaltar que foi aplicado no PPC do curso PROEJA em Administração o itinerário formativo, ação até então, não implementada nos cursos do PROEJA da instituição, no IFMS. Isso significa que o estudante, ao finalizar as unidades curriculares do 1º e 2º semestres, será conferido a Qualificação parcial I em: Assistente Administrativo, com uma carga horária de 315h. Em seguida, é possível ao estudante que concluir as unidades curriculares do 3º e 4º semestres, será conferido a Qualificação parcial II em: Assistente de Recursos Humanos, com carga horária de 300 h. E ao final, concluindo o 5º e 6º semestre, o estudante será diplomado em Técnico em Administração, com uma carga horária total de 2.400h. Vivenciei à implantação do curso, desde a indicação dos membros da comissão responsável pela construção do Projeto Pedagógico do Curso – PPC, até a indicação da coordenação específica para o curso.

Algumas estratégias adotadas pela coordenação do curso Proeja em Administração são importantes para combater e diminuir a evasão escolar e as desistências do curso PROEJA no campus Dourados. Cito alguns mecanismos utilizados pela coordenação como: aproximação e interação com os estudantes, ficando evidente para a comunidade acadêmica a quem os estudantes do PROEJA devem recorrer e buscar auxílio quando necessário; reuniões periódicas com professores que atuam na EJA, no intuito de buscar dialogar sobre o processo de ensino e aprendizagem do público

da EJA; a análise de processos de convalidação, o curso do PROEJA possui essa possibilidade de convalidar disciplinas do núcleo comum já cursadas anteriormente pelos estudantes no ensino regular ou da EJA; divulgação e garantia, a quem de direito, da dispensa de cursar a disciplina de Educação Física; ao ingresso de novas turmas do PROEJA, a coordenação desenvolve um planejamento de divisão de turmas, ou seja, separa os estudantes que já possuem o Ensino Médio, dos estudantes que não possuem. Para aqueles que já possuem o Ensino Médio, aplica-se a convalidação das disciplinas do núcleo comum e esses estudantes passam a cursar apenas as disciplinas específicas (técnicas). Aliado a tudo isso, a coordenação planeja também aulas concentradas das disciplinas técnicas, possibilitando que os estudantes nessa categoria (quem já possui ensino médio), não precise frequentar todos os dias de aulas na instituição, ou seja, os estudantes acabam ficando com horário de aulas apenas três vezes na semana.

A experiência sobre PROEJA, vivenciada no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul – IFMS, tanto no Campus Ponta Porã, quanto, em especial, no Campus Dourados tem uma ligação muito direta com minha trajetória pessoal, acadêmica e principalmente profissional. Muita Gratidão.

Fabiana Ana da Silva Mendes
Câmpus Floresta, IF Sertão



Nasci no Sítio Mulungu, Conceição das Crioulas, zona rural da cidade de Salgueiro/PE. Bem no Pé da Serra, ficava a escola onde estudei de 1ª a 4ª série. O aprender no campo nunca foi às quatro paredes de uma sala de aula.

Sou quilombola. A minha definição vem do que eu sinto ao ouvir o toque do tambor ou o som do berimbau. Vem da ginga da capoeira que meu corpo faz sem sequer sair do lugar. Conceição das Crioulas é uma mistura de raças, identidades e sujeitos de sua própria história que lutam incansavelmente por dias melhores.

Eu escolhi lutar através da educação. Uma educação que gera liberdade. Fiz da educação meu espaço de libertação. Sempre defendi a comunidade na luta pelo território, no enfrentamento a todos os tipos de violência contra a mulher, na busca dos jovens por um futuro melhor e, principalmente, na luta pela educação. Acredito que muitas das mudanças que se almeja passam pela educação. Educar para informar, educar para respeitar, educar para entender, educar para sensibilizar.

Sou formada em Letras e Pedagogia pela FACHUSC – Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central, pós-graduada em Educação Intercultural no Pensamento Decolonial pelo IF-Sertão PE – Campus Floresta e pós-graduada em Língua Portuguesa pela UPE – Garanhuns. De nada adianta todas essas formações se eu não aprender a ver os

estudantes enquanto gente, como seres humanos.

No ano de 2019, resolvi alçar um novo voo. Inscrevi-me em uma seleção para professora substituta de Língua Portuguesa, pelo Instituto Federal do Sertão Pernambucano. Fui aprovada e convocada, mas não fui. Continuei como professora na comunidade. No início do ano, recebi novamente o convite. Senti em meu coração que era hora de aceitar.

Fui chamada para o Campus Floresta. Fui recebida de forma acolhedora por todas e todos que lá estavam, mas pensei muito em desistir. No entanto, sou filha de uma comunidade onde por muito tempo foi negado o direito à educação. Sou fruto de uma história. Nossas lideranças tiveram que batalhar muito para que eu pudesse me formar, fazer um curso superior e continuar estudando. Fui semente, me tornei fruto, hoje sou árvore dessa luta. Então, como eu poderia desistir?

Enfrentei. De acordo com a organização do meu horário, na sexta-feira, seriam as duas últimas do horário noturno. E que turma seria essa? Seria a turma que me faria me apaixonar e entender que não devemos desistir. A turma do PROEJA – ADM 2020.1. Em plena sexta-feira, as duas últimas aulas do horário tinham tudo para ser o normal. Mas não foram. Quando vi que estavam todos, comecei a minha história, comecei a minha aula.

Fizemos uma aula de pura oralidade, em que vidas e sonhos foram socializados um a um. Uma riqueza sem tamanho. Era um entrosamento, um cuidado com o outro, uma familiaridade que cheguei a perguntar há quanto tempo se conheciam. A resposta foi uma só: “nos conhecemos este ano, agora, nessa turma”. Sabendo através da apresentação dos estudantes que na sala tinha um cantor, não poderíamos ter terminado de outra forma, a não ser cantando. Foi lindo! Aquela aula lavou minh'alma.

As aulas foram acontecendo. A principal característica da turma, sem dúvida, é o alto astral e a energia positiva. Sofrimentos? Dores? Dificuldades? Todos têm. Contudo, a sala de aula era um refúgio que fortalecia a todos. Se tudo eram flores, numa bela noite, conheci os espinhos. Uma estudante

desmaiou na sala. Duas colegas dela se prontificaram a ir ao hospital, mas em tom angustiante disseram: não queremos ir sozinhas. Professora, vem com a gente! Há momentos em que temos que ultrapassar as fronteiras da sala de aula, para ver, entender e ajudar as pessoas.

Seguimos os outros dias de aula normalmente até sermos interrompidos pela terrível pandemia que já vitimou mais de 115 mil brasileiras e brasileiros.

O Campus Floresta segue com o ensino remoto, que não é o ideal. Porém, é o que pode ser oferecido para que continuemos em casa, preservando o nosso bem maior, a vida. O computador, o celular e tudo que está sendo usado agora são importantes, mas nada substitui o aperto de mão, o olho no olho, o calor humano, sobretudo desta turma PROEJA-ADM 2020.1, que marcou, marca e marcará a vida daqueles que tiveram a honra de conhecer suas vivências, histórias e vidas.

Fernanda Carvalho Ferreira
Câmpus Camboriú, IFC



Sou a professora Fernanda Carvalho Ferreira, professora e vice-coordenadora do PROEJA, trabalho as disciplinas de Processo de Aprendizagem I e II,

Oficina de Aprendizagem I, Mediação e Projeto Integrador. Desde meu ingresso, no início do ano de 2019, como professora substituta, até o presente momento no ano de 2020, tenho muitos relatos e vivências de histórias verdadeiras e emocionantes, que merecem ser contadas.

Ao assumir como docente destas disciplinas, sugeri à coordenação de curso e coordenação do PROEJA o desenvolvimento de Projetos Integradores, que incorporassem a aprendizagem de todas as disciplinas no projeto, com a intencionalidade de inserir nosso aluno do curso PROEJA no ensino e pesquisa na nossa instituição. No curso do PROEJA do Campus Camboriú, trabalhamos com a qualificação profissional dos cursos de Agente de Observação em Segurança e Agroindústria. Esses cursos ocorrem de forma regular, são noturnos e têm durabilidade de dois anos. A intenção de alguns alunos ao realizarem a matrícula é a conclusão do Ensino Médio com a possibilidade de uma qualificação que auxiliará no mundo do trabalho. No entanto, no desenvolvimento das atividades, como as aulas práticas e de laboratório, percebemos que os alunos se demonstravam ati-

vos no processo de aprendizagem, o que, para nós docentes, foi muito significativo. Com base nesse diagnóstico, lancei a proposta da construção de Projetos Integradores que sistematizassem o conhecimento dos alunos ao longo do curso, valorizando seus conhecimentos prévios, suas vivências profissionais, com temáticas que envolvessem o curso, mas que fossem significativas para eles. Inserir-los no campo da pesquisa foi um grande desafio, sendo que muitos não tinham conhecimento de como utilizar o computador e, tampouco, como fazer um projeto.

O Projeto Integrador de cada estudante do PROEJA será o legado da EJA na instituição, contribuindo no campo da pesquisa, com seus conhecimentos construídos ao longo dos dois anos de formação, com muitos desafios e dificuldades enfrentadas, que compreendem as especificidades do público da EJA. Muitos estão longe das carteiras escolares há anos, são trabalhadores e mantêm o sustento da casa. O motivo que os traz é a possibilidade de melhores oportunidades no mundo do trabalho, então, tentam manter uma rotina de trabalho, estudos e casa. Infelizmente, a evasão é outro fator desafiador para nós docentes, tendo em vista todas as dificuldades dos nossos alunos do PROEJA. Nossa metodologia busca desenvolver em nossos estudantes a participação ativa, possibilitando-lhes um olhar crítico, criativo e questionador frente a sua realidade e, principalmente, frente ao contexto histórico e social no qual estão inseridos. “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, como lembra Paulo Freire (2018, p. 25)¹. E foi nessa perspectiva que coletivamente pensamos as ações e desenvolvimento do projeto.

Ao final do ano letivo de 2019, os alunos realizaram a apresentação do projeto para todos os professores do curso e para os alunos calouros. Nesse dia, percebemos o quanto participar, pesquisar, escrever e construir o projeto tinha

1 Referência: FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 57. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

sido algo significativo para eles. A trajetória de escrita foi “árdua”, conforme alguns citaram, pois “mal sabíamos ligar um computador”. Mas a cada desafio, buscávamos coletivamente o auxílio necessário. As temáticas, sugeridas pelos próprios alunos, traziam questões sobre sustentabilidade, reaproveitamento do soro do leite, recicláveis sólidos, todas envolvendo as disciplinas ministradas nas aulas técnicas e regulares.

Finalizo com a trajetória do “Seu Arnaldo”, como é conhecido pelos colegas que, depois de muitos anos fora da escola, retornou ao PROEJA, com um discurso emocionado e inspirador na apresentação de seu Projeto Integrador. A imersão na pesquisa proporcionou a este aluno muito além do “pegar o diploma”. Também orador em sua formatura, ele retoma sua caminhada e desenho de continuidade no IFC Campus Camboriú. Hoje, “Seu Arnaldo” é estudante de graduação da Pedagogia. Espero que muitos Arnaldos e Marias, que encontraram no PROEJA um sentido para suas vidas, possam ter oportunidade de construir projetos, deixando seu legado acadêmico como contribuição no ensino e na pesquisa.

Helen Rodrigues Cardoso
Câmpus Restinga, IFRS

Era uma vez um garoto chamado CID 10 F72. De olhar distante, costumava não perder nenhuma aula em seu Curso Técnico em Comércio Integrado ao Ensino Médio na Modalidade PROEJA. Ele não faltava! E ainda tinha uma capacidade incrível, admirada por muitos Professores e Colegas da Turma: conseguia ficar bem pequenininho. Por vezes, ficava tão pequeno que era preciso trazer uma Lupa Especial para vê-lo. É difícil ter Lupas Especiais em qualquer lugar. Na Escola, não é diferente. E sua voz ficava tão baixinha (combinando com seu tamanho, claro!) que apenas fazendo silêncio total se podia ouvi-la. E Escola, não é lugar de silêncio. Há barulho, há conversa, há música... E é por isso que, muitas vezes, CID 10 F72 levava falta... No meio de tanta balbúrdia, quem poderia lembrar do pequeno CID 10 F72?

A maioria dos Professores e dos Colegas da Turma gostavam muito de chegar em sala de aula e não conseguir enxergar CID 10 F72. Achavam fascinante o quanto ele conseguia passar despercebido. Elogiavam muito seu Dom. E ficavam incomodados quando, por acaso, ouviam sua vozinha rouca e baixinha. Mas CID 10 F72 sentia-se feliz em poder estar na Escola, em poder fazer parte da Turma. E gostava mais ainda quando lhe elogiavam por ser tão capaz de não chamar a atenção, não incomodar. E os dias passavam sem grandes novidades.

Mas um dia... Chegou na Escola uma Professora Diferente. Ela ficou muito intrigada ao entrar na Turma e quase tropeçar em CID 10 F72, que estava menor ainda com a presença dela. Ela não entendeu nada quando os Colegas da Turma explicaram, com orgulho que CID 10 F72 fazia parte da Turma desde o início, mas que ele “não incomodava”. Garantiram que nada iria atrapalhar a aula...

Mas a Professora Diferente ficou encafifada. Como ficam encafifadas todas as Professoras Diferentes quando se deparam com um Estudante com o Dom da Invisibilidade... Sim! Ela já havia visto casos semelhantes e sabia no que isso ia dar: o desenvolvimento por completo do Dom da Invisibilidade! Mas isso, muitos não percebiam. Muitos não ligavam. Muitos estavam até gostando. E ela, a Professora Diferente, sabia que esse era um processo quase sem volta! CID 10 F72 provavelmente já havia desenvolvido seu Dom na Família. Estava desenvolvendo na Escola e assim que o processo estivesse completo, mais ninguém, em nenhum lugar seria capaz de vê-lo!

Tratava-se, sem dúvida, de um dos processos mais interessantes com os quais a Professora Diferente já havia lidado. Ela teve que se preparar muito para sua próxima aula na Turma. Sua primeira providência foi conseguir uma Lupa Especial maior, para que toda a Turma pudesse enxergar CID 10 F72. Não foi fácil. São instrumentos muito raros...

E foi aí que ela surpreendeu muito os Colegas da Turma. Quando ela chegou e mostrou a Lupa Especial, vários deles argumentaram que não gostariam de perder tempo utilizando uma ferramenta tão delicada e que os faria ver algumas coisas que eles não tinham interesse nenhum em ver... Outros, ficaram curiosos em experimentar. Alguns confessaram que nem conheciam CID 10 F72, nunca tinham parado para vê-lo ou ouvi-lo...

Mas a Professora Diferente era insistente! Ela fez questão de ouvir a resposta de todos às suas perguntas. Inclusive as de CID 10 F72. Nas primeiras aulas em que ela apontava a Lupa Especial para ele, e que fazia com que todos fizessem o silêncio necessário para ouvir sua vizinha rouca, as aulas demoravam mais para passar... Todos tiveram que refazer seus estoques de Paciência. E logo ficou claro que todos deveriam trazer em suas mochilas doses maiores de Empatia também.

Incrível como, por vezes, tudo o que se precisa é revisar o Material Escolar e começar a usar as Ferramentas corretas! Além do Lápis, da Borracha, das Canetas, do Quadro, do

Projektor... A Professora Diferente não deixava os Colegas da Turma virem para a sala de Aula sem seu estojo de Paciência e Empatia. As atividades das aulas demoravam um pouco mais para se desenrolarem. Mas os Colegas da Turma começaram a perceber que estavam aumentando suas doses de Persistência, ao insistir em usar a Lupa Especial para enxergar CID 10 F72 e ouvir sua opinião nas questões estudadas.

A cada aula, a cada opinião que CID 10 F72 trazia, a cada olhar e sorriso a ele dirigido, faziam com que o garoto crescesse mais e mais. Logo foi possível enxergar até a cor de seus olhos... Ouvir, de verdade, o som de sua voz... E todos, juntos, perceberam que não eram apenas as doses de Paciência, Empatia e Persistência que estavam sendo renovadas. Mas as doses de Essência de Humanidade...

A formação técnica dos nossos jovens e adultos no interior do Amazonas

Hudinilson Kendy de Lima Yamaguchi
Iracema Ramos Martins
Câmpus Coari, IFAM

Desde antigamente, já debatiam acerca da melhoria da educação. Letrados do Brasil todo sempre discutiram como fazer para os nossos jovens e adultos acompanharem as séries certas na idade certa, pois o aluno será o futuro desta nação. Nos beiradões deste imenso Amazonas, a realidade muitas vezes é outra, a saga do Homem Amazônico inicia desde cedo com a dualidade imposta pela sua realidade local, ele tem que trabalhar na pesca do jaraqui e no preparo do roçado, e ainda tem que estudar. O “caboquinho”, necessita de muita força de vontade para estudar com um professor que vem da cidade com “toda boa vontade do mundo” para ministra aula, no centro comunitário, em uma classe lotada de meninos e multisseriada.

Com o passar dos anos, ele prefere a lida para o sustento a ter que “continuar os estudos”, mesmo porque, nesta altura do campeonato, ele já é letrado, sabe ler, escrever e calcular, e se formar para ter um diploma “de doutor” é uma missão que parece ser impossível de ser alcançada. Esta é uma realidade de antigamente, porém se repete, porque muitos caboclos migraram para cidade e aqui constituíram família. Para eles a nova realidade é ter que labutar para botar o jaraqui com farinha na mesa dos 5 barrigudinhos. O tempo de estudar já passou e o sonho de ter um diploma vai ficando cada vez mais distante.

Daí tu me perguntas: Será que esta história vai ter um final feliz? É só perguntar nos corredores do IFAM, onde diversas vidas passaram e hão de passar, porque é através das conversas do intervalo, que vamos conhecendo estas histórias, estes alunos singularmente, pois descobrimos o quan-

to os novos conhecimentos os encantam, o quanto as novas amizades trazem laços duradouros, o quanto eles querem lutar, o quanto a merenda se faz necessária e, não mais importante, mas essencial, é a ajuda financeira que a escola dá, já vimos casos de permanência no ambiente escolar por causa dela.

Trabalhamos desde o começo da implantação do instituto na cidade de Coari-AM, recebendo todos os tipos de alunos, desde alunos como o “Flávio”, que é um rapaz de 20 anos, cheio de sonhos e esperança, que tem 4 filhos e acredita que quando se formar vai conseguir ir para firma e trabalhar de carteira assinada, a senhorinhas de 40, 50 ou 62 anos, como a “Dona Maria”, que insiste em ser um dos maiores exemplos de persistência e força que temos em mente. Mulher trabalhadora, sessentona, que trazia no rosto as marcas de uma vida de muita labuta, muito esforço, as expressões de alguém que sonhava em voltar a estudar, mas os compromissos com a família a impediam.

O magistério é um sacerdócio, devemos nos doar, pois cada aluno é um vencedor em potencial, que devemos compreender o tempo de assimilação dos conteúdos, que é infinitamente diferente para cada um deles. Neste momento, necessitamos compreender as angústias e necessidades de cada um, esta provação não é para os fracos de coração, porque trabalhar 8 horas e ainda enfrentar uma jornada de 4 horas de banco de sala de aula é algo complicado, e se fosse para apenas um aluno comum talvez ele se sentisse desencorajado, só que não, estamos falando do aluno do PROEJA, aluno com determinação, que possui suas limitações, por ter tido sua formação inicial deficitária, nas turmas multisseriadas, mas acima de tudo quer provar para si mesmo que ele vai vencer!!

No decorrer da trajetória, alguns ficam para traz, são vencidos pelo cansaço, alguns não conseguem concluir as disciplinas nos módulos cursados, contudo quando achávamos que não iam finalizar uma turma, eis que surgem e voltam com mais força e perseverança. Isso só acontece, como diz o caboclo, com quem tem “fogo no olho”. Assim,

mesmo com muitas dificuldades, mesmo com toda distância temporal dos estudos, com todo o peso das responsabilidades de ter que trabalhar e estudar, e principalmente as peculiaridades do interior do Amazonas, os nossos alunos concluem o tão sonhado curso técnico de nível médio, com orgulho no peito e a perspectiva de “entrar na firma”, de se reintegrar ao mercado de trabalho, vislumbrando dias melhores, ou somente poder voltar para casa e gozar da realidade de ter uma formação de fato e de direito. E esta é a realidade do PROEJA para o nosso Homem Amazônico.

Ivete Scariot
Vanda Aparecida Fávero Pino
Câmpus Sertão, IFRS

Esta é uma história de incômodo. Também é a história de um final de tarde quente e agradável de novembro de 2017 em que nos reunimos embaixo de uma árvore. Era véspera de feriado e já não seria possível esperar pela segunda-feira. Nossa instituição de ensino, que está há 62 anos na mesma região, compartilhando dos saberes do campo com estudantes de mais de duzentos municípios, diversos estados e até de outros países, ainda não havia chegado, efetivamente, em duas comunidades quilombolas, situadas a cerca de 10 quilômetros: Arvinha e Mormaça. Mas por que não? A resposta, obviamente, tem muitas explicações, dentre elas, a falta de empenho de setores que detêm o poder e mantêm a educação em um status de privilégio.

Mas, naquela tarde, como trabalhadoras da educação, não podíamos mais esperar. Também tínhamos responsabilidade sobre isso. No ano anterior já havíamos ido até a comunidade da Mormaça divulgar o PROEJA. A conversa nos ressoa até hoje. Sentamos para conversar em uma das casas, a moradora contou sobre cada instituição que ofereceu a eles a possibilidade de estudar. E não foram poucas. Promessas de um transporte que não veio, expectativas não concretizadas. Quem quisesse e pudesse estudar precisava mudar para a cidade. Nesse dia compreendemos que sem transporte noturno esses comunitários não poderiam fazer o curso que divulgávamos. Poderíamos sair dali e dizer que havíamos cumprido nossa missão. Afinal, havíamos concluído com sucesso nossa divulgação. Alguém, menos atento, poderia dizer que após isso eles só não foram estudar porque não se interessaram. Ou apenas lamentar que o poder público não os enxergue e que a educação seja mesmo um privilégio de

poucos. Mas nós, nos sentimos incomodadas com a situação. Obviamente que não apenas nós, as autoras deste texto, mas todas as pessoas que se envolveram nesse movimento.

Era incômodo daqueles que fica martelando por tempos na cabeça, se é que vocês entendem. Então era preciso incomodar mais gente, mas alguns não se sentiram incomodados. Outros, de certa forma sim, mas disseram que seria utopia e nos desejaram boa sorte. Já outros e, principalmente outras, agarraram nossa mão nesta inquietação. Professoras e técnicas. Também, nesse mesmo incômodo, nos juntamos a educadores de uma escola estadual, próxima ao nosso campus. Pensamos estratégias de acesso dessas comunidades ao IFRS - Campus Sertão e à Escola de Estadual Engenheiro Luiz Englert. Se conseguíssemos o transporte, os moradores das comunidades poderiam cursar o Proeja (ensino médio) e a EJA (ensino fundamental) nas duas instituições. Precisávamos voltar às comunidades e saber se permanecia o desejo de estudar. Quando todas essas incomodadas movimentaram suas expertises, já era véspera de feriado. Já não poderíamos esperar, pois já havia se passado mais de sessenta anos.

Naquela tarde, na Arvinha, encontramos outras mulheres igualmente incomodadas. Elas entendiam que estudar poderia ser também uma forma de transformar esses incômodos em possibilidades. Já estávamos juntas. Estávamos propondo algo que ainda não tínhamos como certo, embora nossa incomodação dissesse justamente o contrário. Nessa união de esforços, buscamos leis e diretrizes que assegurassem o direito da educação a essas comunidades. O empenho de todos os incomodados resultou na concessão do transporte noturno pela prefeitura do município. Porém, havia um certo descrédito por parte daqueles que não haviam se incomodado até aquele momento. Não seria fogo de palha? Em quantos dias desistiriam?

Depois daquela reunião, que foi numa tarde cálida de novembro, embaixo daquela árvore, já ingressaram três turmas na EJA e no PROEJA. O marcante protagonismo feminino que envolve a formação destes grupos de resistência levou a participação no II Encontro Nacional do EJA – EPT

(PROEJA) da Rede Federal, oportunidade em que compartilhamos a história que hoje contamos. Esse relato foi convertido em uma proposta, aprovada em plenária, para todos os cursos de PROEJA da rede federal. Mas para que isso fosse possível foi necessário que um grupo de pessoas incomodadas juntassem suas experiências e dissessem que estudar não pode ser privilégio, precisa ser um direito. Na área da educação o que nos incomoda, nos movimenta. E a EJA – EPT (PROEJA) só pode ser movimento.

Izaias Magalhães Quintana
Câmpus Salvador, IFBA



Após vinte anos afastado do ambiente escolar, mais por falta de opção do que de vontade mesmo, surgiu um farol de esperança, em um anúncio num jornal popular, este chamava para inscrições para quem desejasse concluir o ensino médio, o que me chamou a atenção foi a instituição que promoveu o anúncio, a Escola Técnica da UFRGS que passou a ser o campus Porto Alegre do IFRS. No outro dia, bem cedo, me dirigi a instituição para a inscrição e obtive maiores informações sobre a modalidade PROEJA e perce-

bi que ali estava minha esperança de recomeço.

A expectativa até o momento do sorteio das vagas, afinal eram 300 pessoas para 30 vagas, foi recompensada de conseguir êxito e ter imensa alegria e emoção de poder voltar a estudar e concluir o ensino médio, além de sair com um diploma de um curso técnico. O ano era 2007, o ano do recomeço, o de poder planejar um futuro. Naquele período trabalhava como zelador-residente em um condomínio no bairro Moinhos de Vento em Porto Alegre. O zelador-residente precisava ficar 24 horas a disposição para qualquer eventualidade que ocorresse no prédio e estudar, mesmo que a noite, não era aceito pelos condôminos. Porém, como eu já havia decidido voltar a estudar e mantive a decisão, o resultado é que fui demitido.

Aluguei um kitnet no bairro Leopoldina, distante 20km de onde eu começaria a estudar. Consegui outro emprego, também de zelador, mas desta vez não residente. Assim como outros estudantes-trabalhadores, eu trabalhava durante o dia e estudava no turno da noite. Acordava bastante cedo e precisa ter energia para poder ter ânimo e ir para a escola. O primeiro semestre, para mim, foi o mais difícil, pois tive que relembrar de conteúdos do ensino fundamental que havia aprendido, pelo menos, vinte anos atrás. O que auxiliou bastante neste sentido foi o apoio da equipe de ensino e a união da turma. Superando diversos obstáculos, consegui vencer essa primeira etapa do PROEJA, que foi de 03 semestres de disciplinas do ensino médio.

Na segunda etapa havia, na época, a opção de escolher o curso Técnico que o estudante desejasse cursar. Optei pelo curso Técnico em Biblioteconomia, turno da manhã. Sabedor que poderia ter problema no trabalho pelo horário das aulas, acabei propondo um acordo com o síndico para chegar ao trabalho na primeira hora da tarde. Trabalharia sete horas de segunda a sexta e completaria a carga-horária no sábado. Porém, mais um obstáculo precisou ser ultrapassado, o síndico não cumpriu o que fora acordado e tive que escolher entre seguir estudando ou seguir no trabalho e, apesar do medo, fiquei com a primeira alternativa. Eu tinha rompido barreiras e, portanto recuar representaria, para mim, fracassar. Comecei a segunda etapa do PROEJA desempregado, mas com a certeza de que tinha feito à escolha certa, a de seguir lutando pelo tão desejado diploma, afinal tinha um projeto de vida!

Logo no segundo semestre do curso Técnico em Biblioteconomia consegui um estágio na biblioteca da Faculdade de Odontologia da UFRGS e, tendo esta experiência, fui contratado pela biblioteca da Faculdade Porto Alegrense. No ano de 2009 conclui a formação técnica e, no mesmo ano, fiz o concurso para IFRS e fui aprovado. Comecei a trabalhar na biblioteca do Campus Porto Alegre, aquela que outrora eu utilizava como usuário.

Em 2010 ingressei na UFRGS e frequentei o Curso

de Biblioteconomia. Contudo o PROEJA havia deixado em mim o sentimento que eu deveria lutar por políticas públicas que auxiliassem as pessoas e, assim, acabei trocando de curso de Biblioteconomia por Gestão Pública, na qual finalizei em 2019.

No ano atual, 2020 estou trabalhando na biblioteca do IFBA - campus Salvador, realizando meu projeto de vida que segue sendo o de buscar auxiliar na promoção de uma educação de qualidade para todas as pessoas, independente de sua idade, crédulo ou condição social. Sei que esta semente foi plantada com auxílio de muitas pessoas lá atrás, quando eu fui estudante do PROEJA.

Posso afirmar que o PROEJA e todos que nele atuaram fizeram daquele zelador ser outra pessoa, aquela que acredita em seu potencial e que busca auxiliar outras pessoas para que possam, também, mudar sua trajetória. Estarei em novos projetos na qual levarei a quem eu possa alcançar o reconhecimento que o PROEJA foi um divisor de águas na minha vida.

Jaqueline Rosa da Cunha
Câmpus Porto Alegre, IFRS

Neste ano em que completo 20 anos lecionando na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e tendo ensinado nessa modalidade em duas redes públicas, relembro várias histórias que me fizeram educadora. Destaco nesta narrativa algumas lembranças inusitadas, engraçadas, tristes que me vêm à mente quando olho para trás e vejo o quanto aprendi com elas e eles da EJA.

Na primeira vez que pisei em uma sala de aula da EJA, eu quis fugir. Eu estava no terceiro ano da Graduação em Letras e tinha sido convocada pela professora a dar uma aula sobre Literatura do período da ditadura militar, porque o bolsista dela não iria naquela noite. Aceitei a convocação sob o argumento de que um dia eu teria que começar. Cheguei ao prédio, dirigi-me à sala e quando olhei para as pessoas a maioria tinha de 40 a 60 anos, na época eu tinha 23 anos. Morri de medo de falar sobre uma data histórica que eu não vivi e aquelas pessoas sim. Pensei: “Eles não sabem quem eu sou. Vou embora.” Virei as costas e saí, quando ouvi vozes dizendo: “A professora chegou! Volta ‘sora’ é aqui a sala!” Não tive como escapar. Sorri sem jeito. Entrei na sala, cumprimentei e tive a ideia que salvou a minha noite e o início da minha carreira na EJA: tirei os óculos para miopia. Sem eles eu não via o rosto das pessoas, não sabia se estavam fazendo cara feia ou se estavam gostando do que eu dizia. Dei a aula por 3h e sigo até hoje nesses 20 anos, mas agora usando lentes de contato.

Em 2010, já doutora em Letras, dando aula na EJA municipal da periferia de Rio Grande (RS), estudantes, em plena aula de Língua Espanhola, pararam para fazer um acerto de contas dos “produtos” que vendiam. Vi um tumulto no fundo da sala. Uma discussão entre dois estudantes e a

disputa por um pacote envolto em papel pardo. Eu, ingênua ainda, pedi para que me entregassem o livro e parassem de discutir. A menina que sentava bem na frente disse: “Sora, não te mete! Deixa eles e segue a aula.” Entendi o que estava acontecendo, quando um deles tirou do cós do calção a arma e o outro entregou o pacote, que não era um livro. A confusão acabou ali. Ambos sentaram, olharam para mim e o da arma disse: “Sora, dá pra repetir a resposta da anterior?” Respondi muito calma: “Claro. Letra ‘b’.”

De 2012, para cá, dou aula de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira exclusivamente no PROEJA do IFRS Campus Porto Alegre. Curso que coordenei por 4 anos consecutivos e que coordeno atualmente pela segunda vez. Nele, muitas histórias passaram que me ensinaram a ver a vida por outros ângulos. Teve o JR que me obrigou a estudar o processo de ensino-aprendizagem de pessoas com deficiência intelectual e cognitiva; a S. e a F., mãe e filha, que tinham uma relação siamesa intensa e muita deficiência envolvida. Acolhi em sala de aula mulheres fortes e batalhadoras que não tinham com quem deixar seus filhos, transformando o fundo da nossa sala em creche com lanche, brinquedos e tapetinho com almofadas para o sono; outras(os) cujas(os) companheiras(os) não permitiram que seguissem o curso. Acompanhei junto com uma colega, abraçadas à S., na porta da UTI da Santa Casa, a triste notícia do falecimento da sua filha F. Uma dor imensurável... Abandonei uma turma inteira, em plena aula de Língua Portuguesa, para levar uma estudante em crise, na ambulância da SAMU, para ser internada. Separei brigas que geraram B.O. Fizemos muitas festas, aniversários, viagens, passeios, almoços...

Em plena pandemia de COVID-19, o PROEJA ensina-me mais uma vez o significado de união, força e resistência. As representantes de turma, mulheres fortes e decididas, contataram todos os seus colegas de Curso, organizaram a lista de endereços e conseguiram uma kombi voluntária, para entregarmos de porta em porta, aos seus 81 colegas, os kits de alimentos orgânicos que a reitoria comprou. Se não fosse pela ação delas, a entrega não teria ocorrido, pois

a direção do campus queria esperar a saída da bandeira vermelha. Auxiliei nas entregas a 44 estudantes, endereços, famílias. Atrás de cada porta que se abria, uma história comovente de luta, resistência e superação. Aprendi tanto nesses dois dias de entregas de kits que seguramente não tem conteúdo impresso em papel que ensine o que eu vivenciei. Vi o percurso que cada um(a) realiza nas noites de volta do IFRS Campus Porto Alegre até suas casas. Percebi o esforço, a garra de cada um(a) para estudar. Em suas casas, pessoas idosas, doentes, mutiladas, crianças esperando pelo seu retorno após um dia de trabalho e uma noite de estudos, para serem auxiliadas nas tarefas diárias.

Nesses 20 anos, só tenho a agradecer ao Povo da EJA/PROEJA que me ensina a ser uma pessoa melhor a cada contato que temos. Sempre digo a elas(es): “Eu aprendo mais com vocês do que vocês comigo.” Gratidão!

Da aula para a vida: uma contação de histórias contínua

Juçara Benvenuti
Colégio de Aplicação, UFRGS

O texto de uma professora de literatura pode trazer uma dúvida: será metafórico? Hummm...

Pois bem. Este não é! Conto um fato real. Conto?

Pois é. Posso fazer um trocadilho, mas o fato continua. Bem, digamos de outro modo: a história que se passou é verídica.

Vamos a ela.

Meu trabalho com o Proeja me trouxe tantas experiências ricas que tive muitas dificuldades em selecionar uma para relatar. Num dado momento em uma aula de literatura, após ler e discutir certos textos, falávamos em como os contos e as lendas poderiam representar a voz do povo, os valores da tradição cultural.

Uma aluna ao se manifestar perguntou se outras histórias não poderiam fazer isto também. A partir deste momento, senti que o planejamento da minha aula se direcionava para outro rumo e, não só permiti como incentivei, que os alunos “tomassem as rédeas” e seguissem aquela discussão.

- De que histórias estamos falando? – Perguntei. Mas já sabia a resposta.

- Histórias que as pessoas contam pra gente, histórias que ouvimos por aí...

O resultado foi inesperado, porém. Para eles e para mim. Falaram que conheciam histórias que seus familiares contavam sobre assombração, tesouros escondidos, espíritos...outros assuntos. Ao final do período estavam todos animados falando muito sobre o que conheciam. Esta animação me levou a planejar uma aula diferente para a sequência das atividades.

Na aula seguinte de literatura contei várias lendas ur-

banas e combinamos que em determinada data (me pediram duas semanas para se prepararem) cada um teria um tempo para contar uma história. Ficou acertado que na aula seguinte falaríamos mais um pouco sobre o tema o que poderia ajudá-los mais a se preparar.

Nos dois dias anteriores à apresentação, houve uma agitação maior na sala de aula e nos corredores; fui procurada por vários alunos para conversar.

- Pode ser esta história, professora? Perguntava um.
- Posso contar assim? Indagava outro.
- Fica muito longo? Assim está bem? E outro mais...

Estavam ansiosos, mas vibrantes. Na época, além de professora de literatura, eu também desempenhava a função de coordenadora do curso, junto com outro colega. Além disso, eu tinha uma relação bem próxima com os alunos devido à pesquisa que realizava, o que me mantinha em contato com eles todas as noites. Isto facilitava minha aproximação com todo o grupo.

Na noite combinada, muitos chegaram mais cedo, mas nem todos foram de imediato para a sala. Foram entrando aos poucos. Percebi que tinham se arrumado no banheiro: as senhoras, usavam maquiagem, estavam melhor penteadas; os rapazes estavam mais elegantes que o usual.

O que isso queria dizer? Tinham se preparado para uma apresentação. Não iam simplesmente fazer uma contação de histórias: iriam se apresentar.

Minha aula se tornou um acontecimento na vida desses alunos. E, em decorrência da atitude deles, se tornou um acontecimento único na minha vida também!

Iniciamos a aula da melhor forma que consegui: deixando livre a forma como desejavam se apresentar e na ordem que quisessem, como se sentissem à vontade para fazê-lo. Ninguém deixou de contar uma história, até os mais tímidos foram capazes de falar. Aqueles que nunca perguntavam nada em aula, não falavam nem com os colegas, tiveram coragem e se manifestaram. Não foram os primeiros, mas conseguiram fazer um breve relato, contar alguma coisa.

Das histórias contadas, posso dizer que algumas acon-

teceram com suas famílias ou com eles mesmos, outras lhes foram relatadas, outras já eram conhecidas pelo imaginário popular. Mas isso não importa.

O que valeu daquela experiência está profundamente marcado na minha vida: eu dei voz aos meus alunos, literalmente. Naquela semana me senti um pouquinho mais próxima do meu grande mestre Paulo Freire. Este trabalho me inspirou a criar uma proposta de trabalho para EJA que desenvolvo até hoje. Não são contações de histórias em cada aula, mas incluem um tempo para ouvir meus alunos.

"Ser" estudante de PROEJA

Lílian Dilli Gonçalves
Câmpus Pelotas, IFSul

Cada dia um novo desafio
Patrão, professor, esposa e filho
Trabalho, estudo e família
E assim termina mais um dia...

Sempre com muitas tarefas
Textos, slides, apresentações
Cansaço, dúvidas, preocupações
E assim termina mais um dia...

O atraso é sempre explicado
Nem sempre é compreendido
Mas é sentido como infringido
E assim termina mais um dia...

Lá se foram 4 anos de luta
Novos amigos, alegrias e labuta
Explosão de sentimentos e superação
E assim termina mais um ciclo...

Luiza Ferreira Rezende de Medeiros
Câmpus Rio Verde, IFGoiano



A realização de um ser humano não está nunca em si mesmo, mas na frente de si"...essas palavras do poeta François Cheng ressaltam aspectos

da potência dos encontros. Compartilho aqui encontros potentes, descrevendo uma vivência marcante no PROEJA do Instituto Federal Goiano, campus Rio Verde que contribuiu com o protagonismo dos alunos e com o debate sobre a violência contra a mulher.

Sabe-se que no cenário brasileiro os dados sobre a violência contra a mulher são preocupantes e alarmantes, tanto pelo quantitativo de casos são ainda crescentes quanto pelos meios utilizados e pelas sanções, ainda muito controversas, empregadas. Considerando esses aspectos e somando a realidade dos alunos e alunas do PROEJA do campus Rio Verde, que traz marcas de exclusões e marginalizações, foi desenvolvido um projeto buscando viabilizar um espaço coletivo de discussão e levantamento de dados sobre a violência contra a mulher. Assim, buscamos abordar uma temática singular e importante que é a violência doméstica por meio de uma condução teórica-metodológica que contemplasse a um só tempo atividades atrativas, integradoras e formativas.

Os alunos do PROEJA realizaram um estudo exploratório sobre o tema. Duas alunas do PROEJA eram bolsistas

desse projeto e tiveram contato com uma gama enorme de sites, artigos, projetos e informativos que abordam a violência contra a mulher. Os materiais a serem utilizados foram selecionados e iniciou-se o estudo da Lei Maria da Pena. O estudo dirigido da Lei Maria da Pena ocorreu em dias pré-agendados. As bolsistas estudaram a lei Maria da Pena, e debateram a respeito da Lei. Nesse momento também foi discutido sobre as melhores estratégias para replicação das informações junto aos alunos do PROEJA; escolhemos a metodologia do teatro-intervenção e a confecção de murais com infográficos sobre a violência. Para a oficina de preparação para a apresentação teatral foram realizados 15 encontros. Nos dois primeiros encontros percebeu-se muita timidez, mas a partir do terceiro, as bolsistas estavam à vontade, desenvolvendo as atividades com desenvoltura e criatividade. No sétimo encontro percebemos a necessidade de integrar novos participantes e foi feito o convite ao discente Divino, que aceitou o convite. Os bolsistas construíram toda a peça teatral o que inclui: roteiro, texto, coreografia, vestuário e cenografia. Assim, foi criada a peça: “A culpa é da roupa?”.

O teatro foi apresentado nas turmas do PROEJA e foi bastante enriquecedor, possibilitando interação e debate com os alunos por meio de uma peça de teatro. Nessa atividade explorou-se a questão da naturalização e internalização de comportamentos violentos, buscando uma participação ativa da plateia. Criamos um mural informativo, a partir de visitas por parte das bolsistas à Delegacia da Mulher de Rio Verde com o objetivo de se construir uma rede protetiva e informativa para os alunos do PROEJA. As bolsistas realizaram quatro visitas à Delegacia da Mulher, e entrevistaram a psicóloga, a assistente judicial e as estagiárias responsáveis pelo acolhimento das mulheres vítimas de violência. Esse momento do projeto foi muito enriquecedor tendo em vista a autonomia na condução das ações por parte das alunas do PROEJA, bem como pelo contato com dados da região de Rio Verde. O mural informativo foi apresentado na feira de Ciências e posteriormente ficou exposto no corredor do prédio pedagógico II.

A educação é um espaço singular para a prevenção e combate à violência, pois possibilita o diálogo e o conhecimento o que constitui um mecanismo eficiente na erradicação da violência contra a mulher no ambiente doméstico e familiar; nesse sentido, o contexto escolar, local de socialização e do aprendizado formal, tem papel fundamental na desconstrução da violência contra a mulher contribuindo para que o adulto em processo de aprendizagem possa reconhecer e combater os diversos níveis de violência doméstica. Assim, ao discutir a temática da violência e o conteúdo da Lei Maria da Penha na escola objetiva-se trabalhar a formação de uma nova consciência com o público EJA, contribuindo para torná-los potentes agentes transformadores da realidade. Assinalamos a excepcional oportunidade de construção de um diálogo singular com os alunos do PROEJA que possibilitou associar a prática da aprendizagem formal a novos conceitos e informações capazes de reverter estereótipos sociais sobre o fenômeno da violência contra a mulher.

Quando a Sociologia problematiza o racismo estrutural: uma experiência pedagógica e fílmica no PROEJA

Marcello de Moura Coutinho
Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV) e
Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)

A experiência pedagógica aqui relatada ocorreu no âmbito da docência da disciplina de Sociologia, ministrada no Curso Técnico de Nível Médio em Radiologia, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA -RADIOLOGIA), da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), unidade técnico-científica da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), no primeiro semestre de 2014 (2014.1).

A turma contou com 9 (nove) educandas e 2 (dois) educandos, possuindo 25 (vinte e cinco) anos de média etária. No ano de 2016, a EPSJV formou as suas duas turmas únicas de PROEJA-Radiologia, sendo que o Curso Técnico de Radiologia foi retomado em 2018 como subsequente. A disciplina contou no período de 05 de março a 16 de julho do referido ano com 18 (dezoito) encontros, sendo que no Bloco I foi trabalhada a temática – “Cultura e Etnicidade”.

Nesse Bloco, além de definições iniciais, no sentido de propiciar estranhamento e compreensão da importância de buscar um olhar não naturalizado para pensar as questões da Sociologia e da Antropologia foi lido e discutido com a turma, o famoso e jocoso texto do antropólogo estadunidense Horace Mitchell Miner: “O ritual do Corpo entre os Sonacirema”, o qual sempre gera reações de surpresa discente, principalmente quando é percebido ou é anunciado de que se trata da sociedade americana (nomenclatura invertida), neste caso a estadunidense, o que não foi diferente com a turma. Em seguida, houve a problematização das teorias raciais dos chamados “Sacerdotes do Racismo” (George Morton, Cesare Lombroso e Arthur de Gobineau), os quais por

sua vez, influenciaram, no Brasil, os pensadores da Geração de 1870, tais como Euclides da Cunha, Sílvio Romero e Raymundo Nina Rodrigues, no que diz respeito à construção da identidade nacional, bem como dos primeiros passos do racismo pseudocientífico à brasileira, ou seja, da eugenia nacional.

Nesse sentido, algumas noções conceituais essenciais foram tratadas: raça; estereótipo; preconceito; e, discriminação. Problematizou-se em continuidade, a contribuição dos autores Gilberto Freyre e Florestan Fernandes/Roger Bastide, a partir da oposição conceitual “Democracia Racial Brasileira X Dilema Racial Brasileiro”. Utilizou-se como recurso pedagógico, a exibição dialogada e integrada com a disciplina de Química do distópico filme de 1995, “A cor da Fúria” (“White Man’s Burden”), de Desmond Nakano.

Além das primeiras cenas indicarem que o ponto de partida da história são relações capital-trabalho vivenciadas em uma fábrica de chocolates “pretos nos brancos”, é importante destacar a cena da batida policial. Nessa cena, uma das mais marcantes, é demonstrada de forma invertida, a conduta policial frequentemente racista com “pessoas de cor” e pobres, no caso brancas.

O protagonista (Louis Pinnock) é abordado por dois policiais negros na rua, supostamente por “se enquadrar na descrição” que seria a de um criminoso procurado, mas mesmo após ter sido constatado que não possuía antecedentes criminais é agredido por um dos policiais como resposta a uma garrafa atirada raivosamente na viatura policial. Para consolá-lo, um morador em situação de rua (aparentemente) afirma “ser lógico isto ocorrer, pois todos [brancos], se enquadram nessa descrição, principalmente à noite, já que os policiais pensam que os brancos são fantasmas brilhando no escuro, o que os assustaria.

Assim, os brancos pareceriam fantasmas no imaginário racista e distópico do filme, portanto, não humanos, o que ocorre na realidade social com os negros, isto é, sua plena humanidade é negada. E, a partir daí, toda uma série de violências são legitimadas pelo status quo, constatando-se

o conceito contemporâneo de necropolítica, cunhado pelo sociólogo camaronês Achille Mbembe. Como culminância do Bloco I foi realizado um debate sobre as cotas raciais na Universidade, no qual, as questões anteriores puderam ser retomadas, evidenciando a desnaturalização de determinados entendimentos baseados no senso comum, mas também foram enunciados limites às práticas sociais e à compreensão do fenômeno do racismo estrutural brasileiro na contemporaneidade.

Ser professora da Educação de Jovens e Adultos: a amorosidade em que resgato a memória das minhas experiências

Marcia Leonora Dudeque
Secretaria de Estado da Educação do Paraná



O presente trabalho corresponde ao resgate das minhas memórias, considerando o contexto social e histórico por mim vivenciados e como minhas experiências influenciaram na minha vida pessoal e profissional. A escrita desta obra é um recorte do meu Trabalho de Conclusão de Curso - Memorial de Formação - apresentado ao Curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos – EJA/PROEJA, do Instituto Federal

de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. O Memorial apresenta cunho formativo, pois na medida em que resgato minhas memórias relacionadas às diferentes vivências ao longo da minha vida, considerando um outro tempo, novas experiências, com percepções mais maduras, me promove à resignificados e, portanto a apreensão de novos conhecimentos. Conhecimentos esses que vem corroborar para o meu aprimoramento e crescimento profissional na função de professora da rede estadual de ensino do estado do Paraná, com atuação na gestão da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Lembro bem da primeira escola que atuei na EJA, em

1999, no Centro Estadual de Educação Básica de Jovens e Adultos (CEEBJA) Paulo Freire, em Curitiba. Quão significativa foi essa experiência, ao me deparar com profissionais que ali se encontravam e viviam os momentos de EJA com uma elegância e seriedade a toda prova. Fiquei orgulhosa por fazer parte daquele grupo por 4 (quatro) anos, e então, fui convidada para assumir a Direção Escolar do CEEBJA (CEEBJA SESI-CIC). Como diretora, foi uma experiência ainda mais incrível na modalidade EJA. Havia, aproximadamente, 150 (cento e cinquenta) professores atuando no CEEBJA, sem exageros, um professor era melhor do que o outro. Atuei na função por 8 (oito) anos, passei por Consultas Públicas de Diretores o que foi um aprendizado do que é agir sob a concepção de Gestão Pública Democrática, princípio base da educação brasileira.

No período, entre 2004 e 2006, cursei o Programa de Mestrado em Educação na PUCPR, cujo foco da pesquisa se deu na EJA. Lembro que o nome do meu projeto de ingresso ao Programa foi “A Hermenêutica da Educação de Jovens e Adultos”. Significava que ansiava ir à fundo para conhecer esta modalidade. Minha pesquisa, me fez investigar, em Unidades de Reabilitação Profissional do INSS, em Curitiba, como se encontravam trabalhadores aposentados, precocemente, por motivo de baixa escolaridade. Apontava aí a importância da EJA com Educação Profissional (EP).

A vida me levou para o Mato Grosso. Lá, em Cuiabá, coordenei o Programa Brasil Alfabetizado. Também vivenciei a experiência no estado, com o PROEJA, como professora do Curso de Especialização. Os alunos da “minha turma” eram professores de assentamento e suas histórias preenchiam todos os meus significados de ser professora da EJA e para a EJA. Se tenho mais experiências? Sim, agora com Povos Indígenas Xavantes que viviam próximos à Campinápolis, MT. Por uma semana vivi em aldeia Xavante, como professora de formação aos indígenas que atuavam como professores do Ensino Médio. Ter conhecido a cultura Xavante, aprendido a dança de roda indígena, ter visto sua forma de viver é reconhecer o valor dos povos e suas culturas.

De 2013 até maio de 2019, em Curitiba, estive à frente da EJA pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED). Como gestora da EJA verifiquei os percalços que se precisa transpor para se sugerir uma política pública condizente ao perfil dos alunos. Lembro bem, minha primeira visita a uma Unidade Prisional. Acompanhar o trabalho dos professores na unidade com os educandos em situação de privação de liberdade, foi entender o quão significativo é a EJA nesses espaços. Certa ocasião participei da inauguração de uma sala de aula numa cadeia pública, era para alunos da Fase I do Ensino Fundamental. A sala estava impecável e as grades estavam lá, separando o professor dos alunos. A pessoa teve acesso a escolarização, pela primeira vez, num espaço de privação de liberdade, é o maior paradoxo que posso vivenciar! A mesma indignação está com adolescentes não alfabetizados em Unidades Socioeducativas, afinal, o acesso a educação não é para todos? Século XXI!

Não estou mais à frente da EJA na SEED, mas minhas reflexões, falas e registros me projetam às minhas vivências e isso me permite um repensar na gestão da EJA. Percebo, com minhas experiências, a necessidade em ampliar as possibilidades de escolarização por meio da modalidade da EJA articulada com qualificação profissional, será o caminho que irei empreender para a EJA.

O PROEJA e sua implantação no Câmpus Sapucaia do Sul

Margarete Chiapinotto Noro
Câmpus Sapucaia do Sul, IFSul

A história da presença da EJA no Campus Sapucaia do Sul é anterior à do PROEJA, uma vez que desde 2002 ofertávamos o Ensino Médio para Adultos (EMA), um projeto institucional, inserido no Ensino Médio regular, destinado a jovens e adultos trabalhadores, com idade mínima de ingresso 25 anos e duração de quatro semestres. Ocorreu inicialmente no turno noturno, posteriormente se estendeu ao diurno, até 2007, quando foi descontinuado.

A implantação de um Curso PROEJA¹ no então CEFET/RS Unidade Sapucaia do Sul têm início em julho de 2006, com a constituição de uma comissão, da qual fiz parte como relatora, para conceber um projeto de curso técnico de nível médio nessa nova construção.

Em reuniões semanais que ocorreram de julho de 2006 à fevereiro de 2007, totalizando 32 encontros, discutimos o Documento-Base e realizamos pesquisas em dez turmas de EJA fundamental de escolas públicas nas cidades de Sapucaia do Sul e Esteio e junto ao setor empresarial, a fim de identificar os anseios dos estudantes e obter um diagnóstico da realidade local. Elaboramos então uma proposta de estrutura curricular baseada nas áreas profissionais de Comércio e de Gestão de acordo com os Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Profissional de Nível Técnico contando com a disponibilidade de docentes que já atuavam em nosso Curso Superior de Tecnologia em Gestão da Produção Industrial. Isso resultou na oferta do Curso Técnico

1 NORO, M. M.C. e BERGAMASCHI, M. A. Reconstituindo os Movimentos de Criação do PROEJA no CEFET-RS UNED Sapucaia do Sul. In: SANTOS, Simone Valdete dos. et al (orgs). Reflexões sobre a prática e a teoria em PROEJA: Produções da Especialização PROEJA/RS. Porto Alegre: Evangraf Ltda. 2007b

em Processos Administrativos, hoje Curso Técnico em Administração, com 2.400 horas e três anos de duração. O desenho deste curso reforçou nosso protagonismo pela ousadia de interpretarmos e analisarmos os dados coletados nas pesquisas e de concebermos um curso inédito, ao invés de simplesmente replicarmos modelo de curso já existente na Instituição e “adaptá-lo” ao PROEJA.

A seleção dos estudantes acha-se normatizada no Documento-Base na forma de edital público e pode ser realizada por meio de processo seletivo simplificado, sorteio, entrevistas ou a combinação de vários instrumentos seletivos levando-se em conta a condição de democratização do acesso.

Sendo assim, optamos pelo sorteio público como forma de ingresso. Ele ocorreu em Assembleia no dia 04 de dezembro de 2006, às 19h no Auditório do Campus com a presença dos 146 candidatos inscritos. O sorteio definiu os primeiros 35 estudantes do Curso, sendo que igual número de estudantes foram sorteados como suplentes. Uma estudante sorteada que queria fazer o curso para conseguir um emprego melhor, tempos depois assim se manifestou: - Olha, fui apresentada por ter conseguido entrar nesta escola passar no sorteio, estar estudando aqui.²

Outra estudante revelou a sua expectativa sobre estar dentro da rede federal: - Será que eu posso estudar nesta escola, será que vou conseguir chegar a estudar nessa escola? Esta estudante relatou ainda, em uma demonstração de gratidão, que ela e um amigo se inscreveram, sendo que ele havia pago a inscrição de ambos e somente ela fora sorteada. Outra estudante manifestou o orgulho de fazer parte da rede referência em educação profissional no país, valorizando a qualidade do ensino: - Tenho muito orgulho de estar aqui na escola. Ser esta escola o que realmente é, porque é muito bom o estudo aqui. [...] Está entre as melhores escolas. Claro, tenho dificuldades, tava muito tempo sem estudar, 13 anos. Adoro estudar, saio com meu crachá desde casa, para

2 Este depoimento e os depoimentos subsequentes devidamente consentidos e autorizados, fizeram parte da pesquisa de mestrado da autora intitulada Gestão de Processos Pedagógicos no PROEJA: razões de acesso e permanência. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011

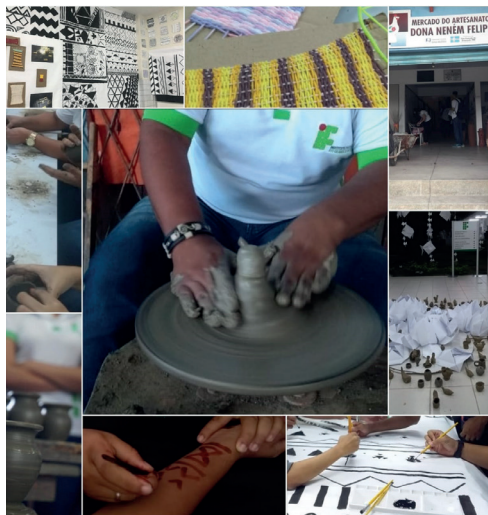
mostrar que sou aluna do IFSUL.

O perfil de ingresso de nossa primeira turma compreendia 08 alunos e 27 alunas, com faixa etária concentrada entre 26 e 30 anos, sendo 28 alunos moradores de Sapucaia do Sul, 05 de Esteio e 02 de São Leopoldo; 13 alunos haviam concluído o Ensino Fundamental na EJA, 09 no Ensino Regular e 11 no Supletivo. A maioria dos ingressantes concluiu ou estava concluindo o ensino fundamental nas escolas que oferecem curso noturno na modalidade EJA ou supletivo, o que também demonstrou que nossa estratégia de divulgação do processo seletivo em escolas públicas com turmas noturnas de EJA em Sapucaia do Sul e Esteio foi bem sucedida. O curso teve início em fevereiro de 2007.

No final do primeiro ano de implantação do Curso, o alto índice de evasão de alunos nos provocou a repensar o processo seletivo, que ganhou novos contornos. A concessão de uma bolsa de auxílio estudantil de 100 reais, no segundo ano do Curso se constituiu num avanço e contribuiu para melhorar o índice de permanência dos estudantes. A partir de 2011, é implantada a política de assistência estudantil do IFSUL válida para todos os estudantes do Instituto de acordo com regulamentação cujos critérios avaliam situação de risco social e de vulnerabilidade, dentre outros. Mas isso merece ser contado em outra história!

Vozes ancestrais que ecoam na EJA

Maria Adeilza Pinheiro da Silva
Sandra Cristinne Xavier da Câmara
Câmpus Natal-Zona Norte, IFRN



Estávamos em reunião de planejamento conjunto das disciplinas Artes e Língua Portuguesa, buscando entrelaçar saberes na prática interdisciplinar. Ambas, com a sede de orientar vivências significativas para os alunos do primeiro período do Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Comércio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

No auge da discussão, chegamos à questão central do projeto “Povos indígenas: lendas, artefatos e seus grafismos identitários”: será que nossos alunos conseguem reconhecer a ancestralidade como ecos das “vozes da floresta” representados em signos e ações do cotidiano? O objeto do conhecimento era comum às duas disciplinas: abordagem de elementos da cultura indígena. Planejamos, entre outras ações, as aulas externas com o intuito de desbravarmos a floresta simbólica a partir da escuta e do registro de traços remanescentes da cultura indígena.

Essa história merece ser contada para deixar vivas as sensações discentes, que vão desde a euforia e o brilho no olhar de quem, ao estar trabalhando em sua última rota do dia numa linha de transporte alternativo da cidade, se re-

conhece como parte importante ao ver os colegas da turma na aula de campo e apressa-se para juntar-se a eles – Sem cerimônia e ainda ofegante, diz: “Professora, cheguei agora porque estava trabalhando na linha, vi o ônibus do IF e logo que terminei minhas viagens vim direto pra cá!” –; até o aguçar tátil ao sentir o barro entre os dedos num instante ínfimo do toque, do cheiro e da modelagem de uma peça, ainda disforme, em argila.

Essa trilha pedagógica consistiu em uma visita ao Mercado de Artesanato D. Neném Felipe em São Gonçalo do Amarante-RN, região metropolitana da capital Natal, com o objetivo de propiciar uma vivência com a arte em cerâmica etnográfica, de forte influência indígena, lá produzida e comercializada, assim como realizar entrevistas com a comunidade do entorno.

No chão da escola, a trilha seguiu... A experiência do olhar discente tornou-se matéria com a tridimensionalidade estética consonante à plasticidade da argila. O contato com a escrita indígena fez fluir linhas combinadas nos grafismos que deram forma aos seres vivos e míticos. A leitura de lendas indígenas ensejou discussões sobre seu simbolismo na sociedade contemporânea. Na Semana do Meio Ambiente do campus – SEMENTE/2019, os ecos do conhecimento surgiram como forma de grito pictórico que substituíram o negro jenipapo indígena pela henna salgada e contemporânea do shopping.

O caminhar da trilha nos permitiu observar que nossos alunos vislumbraram a ancestralidade intrínseca em signos e ações do cotidiano ao, por exemplo, reconhecer nas lendas a magia da tradição oral vivida no seio familiar durante a infância, brindando-nos com o assombro e o riso com um episódio da Comadre Florzinha: "Professora, eu duvidei da minha mãe e quando me virei senti aquela lapada de cabelo nas minhas costas, pense numa carreira que eu dei". Ou mesmo com a decepção ao entrevistar os moradores daquela comunidade onde existiam remanescentes indígenas, dos quais os entrevistados nada sabiam, trazendo à tona questionamentos acerca da importância da nossa ancestralidade

e da necessidade de seu resgate. E ainda com os grafismos que reproduziram em enormes rolos de papéis, os quais viraram papel de parede de um lindo estande, produzindo o ambiente perfeito para tingir a pele do outro com marcas dos povos originários.

Esses ecos alcançaram ondas mais amplas e aproximaram jovens e adultos trabalhadores em atividades sensoriais pouco usuais na escola e nessa modalidade de ensino: ver, sentir, tocar, ouvir... O entusiasmo e a alegria estampavam-se no brilho do olhar de quem relatava, ao fim do processo, estar vivenciando “um sonho” ao fazer parte do IFRN: “Professora, pensei que nunca iria viver algo assim, voltar a estudar, e aqui, é muito emocionante; a gente consegue aprender”.

A partir dessa atividade pedagógica planejada e interdisciplinar com a EJA, as conexões sensoriais das vozes da floresta ecoaram transmutadas em representações orais, escritas e pictóricas com a estesia necessária para as experiências que, certamente, serão guardadas para a vida desses jovens e adultos que se permitiram continuar aprendendo.

Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli
Câmpus Caxias do Sul, IFRS

Em outubro de 2019, na disciplina de Gestão de Pessoas, propus aos meus estudantes do terceiro ano do Curso Técnico em Administração (PROEJA) uma atividade relacionada à conscientização e prevenção do câncer de mama. A atividade intitulada “O Outubro Rosa e a Gestão de Pessoas” tinha como objetivo esclarecer sobre a importância da sensibilização para a prevenção da doença e propor uma reflexão sobre o papel da área de gestão de pessoas das empresas nesse processo.

A atividade foi dividida em cinco etapas: a) levantamento do conhecimento prévio de cada estudante sobre o assunto, com produção de um pequeno texto; b) discussão em pequenos grupos, com socialização das respostas da primeira etapa; c) pesquisa sobre o câncer de mama (prevenção, tratamento, riscos, cura, rede de apoio, incidência no mundo, no Brasil, no RS e em Caxias do Sul) e sobre o Outubro Rosa (quando e como iniciou, com que objetivos); d) pesquisa e entrevista com a gestão de uma organização que realizasse ações no Outubro Rosa, verificando os tipos de ações, objetivos, e resultados obtidos. Nesta etapa o grupo deveria apresentar uma sugestão com três ações de conscientização durante o Outubro Rosa, que pudessem ser realizadas em uma escola, em uma fábrica e em uma organização religiosa; e) a última etapa consistia na apresentação aos demais colegas da turma e entrega de uma síntese.

Os estudantes realizaram o trabalho, que envolveu aulas em duas semanas. Ao término das apresentações, uma estudante me chamou de lado, perguntando se eu poderia analisar a síntese produzida, pois precisava ter certeza de que as informações estavam corretas, uma vez que planejava

realizar ações de conscientização na organização religiosa da qual fazia parte. Fui tomada de um sentimento de satisfação e emoção ao ver que a atividade proposta transcenderia a nossa sala de aula e, principalmente, que a aprendizagem da estudante estava sendo, de fato, ativa e significativa.

E foi assim, a partir de uma atividade proposta em aula, que a estudante tímida, de fala mansa e segura fez a diferença. Claudia Toussaint, haitiana da cidade de Porto Príncipe, realizou duas palestras, em diferentes igrejas haitianas evangélicas da cidade de Caxias do Sul: uma no dia 13 de outubro, das 15h às 17h e a outra no dia 21 de outubro, das 10h30 às 11h20, levando informações, esclarecendo dúvidas, ensinando e aprendendo.

Ao término do relato que a estudante fez para a turma sobre as palestras e a reação de quem as assistiu, um sentimento de orgulho pela colega e alegria era o que eu percebia no olhar dos meus estudantes.

Talvez tenha sido essa a maior lição que aprendemos naquele Outubro Rosa: vivenciar na prática o que a sala de aula pode despertar e formar nos estudantes a consciência para ações de mudança e cidadania.

São experiências como essas que me fazem ter a certeza de que a oferta aos Jovens e Adultos, de uma educação profissional e básica integrada, de qualidade, têm um poder transformador. E isso renova em mim a esperança e a alegria de ser professora. E educar, como afirmou Paulo Freire, exige a alegria na sala de aula e junto dela “A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos, igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria.”¹

1 FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 58ª Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019. p. 70.

Maria de Fátima Feitosa Amorim Gomes
Câmpus Marechal Deodoro, IFAL



Quando cheguei ao IFAL, campus Marechal Deodoro, em dezembro de 2010, “caí de paraquedas” no Curso Técnico em Cozinha na modalidade Proeja. Vinha de uma história na docência, de 11 anos, no Curso de Nutrição, da Universidade Federal de Alagoas. Essa experiência me fez levar as práticas pedagógicas aplicadas na Universidade para a sala de aula do Proeja. Na época não imaginei que esse espelhamento não daria certo. A frustração foi grande, fiquei sem entender o que estava acontecendo.

Longe de me abater, a frustração me causou um novo ânimo, teria que conhecer aquele “novo público”, digo novo, porque nunca tinha trabalhado com jovens e adultos, nem no ensino médio integrado a educação profissional técnica. Seria um desafio.

A partir daí, resolvi ler tudo que encontrava sobre Educação de Jovens e Adultos, precisava conhecer esses sujeitos, e saber de onde vinham? O que buscavam na escola? Quais os seus objetivos? Nesse período, mantinha diálogos com a pedagoga do campus e sempre discutíamos sobre as características dos estudantes.

Nas leituras que fazia fui pesquisando como alcançar o interesse e a facilitação do conhecimento dos estudantes. Essas pessoas já trazem para sala de aula toda uma histó-

ria de vida, vivências familiares e sociais que não podem ser ignoradas, ao contrário, devem ser utilizadas como pontos desencadeadores do conhecimento. Encontrei indicações de que o adulto aprende melhor fazendo e não apenas vendo e ouvindo e a partir daí re(estruturei) minhas práticas.

Minha primeira iniciativa foi realizar um trabalho de pesquisa de campo, vinculado ao componente curricular de História da Gastronomia. O estudo tinha como questão: como se forma um polo gastronômico? Considerei o fato de que Marechal Deodoro possui o único polo gastronômico do Estado de Alagoas, e certamente, essa busca motivaria a curiosidade. Essa atividade me serviria de base para avaliar a possibilidade da próxima ação educativa para a turma.

O envolvimento dos estudantes foi total com grande interação nas discussões em sala de aula, momento em que falei sobre projetos de extensão, quais eram os objetivos e como funcionavam as ações. Com a publicação do edital de extensão, inscrevemos por iniciativa de um dos alunos da turma um projeto vinculado ao componente curricular de Higiene na Manipulação de Alimentos. O projeto foi desenvolvido no setor de alimentação de uma escola pública municipal. As reuniões de estudos e as ações ocorriam no horário vespertino, duas vezes por semana, além dos dois bolsistas tivemos 15 voluntários que, apesar do grande número foram aceitos para não bloquear as iniciativas de participação. Para minha surpresa, a frequência perdurou durante os oito meses do projeto.

A mesma iniciativa também foi seguida por outros professores da área técnica do curso. A participação dos estudantes nos projetos de extensão aumenta a cada ano. O crescimento do conhecimento, da desenvoltura no falar e nos argumentos na orientação das merendeiras da escola nas questões de boas práticas na manipulação de alimentos, demonstraram que a extensão se configura como uma das melhores práticas de ensino para jovens e adultos.

Com os resultados positivos alcançados, chegou a hora de avançar com esses estudantes. Parti, então, para inscrevê-los na iniciação científica. E lá estávamos nós com pro-

jeto aprovado no PIBIC. Iniciamos com uma pesquisa sobre o perfil dos estudantes do Proeja, no campus Marechal Deodoro, o que nos permitiu conhecer os sujeitos, mudar nossa visão e buscar cada vez mais práticas de vivências, como: participação em eventos, visitas técnicas, oficinas, dentre outras.

Os estudantes desacreditados, que na visão de muitos docentes não tem condições de participar de extensão e pesquisa, demonstram-se totalmente capazes de atuarem em qualquer atividade educacional. Hoje, a extensão e a pesquisa fazem parte da nossa realidade, envolvendo um número maior de professores e estudantes. Esses alunos apresentam os resultados de seus trabalhos em eventos estaduais, regionais e internacionais, representando a EJA/EPT do Ifal em vários Estados do Brasil.

Faltam-lhes oportunidades, faltam-lhes serem acreditados. O direito a educação assegurado constitucionalmente precisa ser entendido pelos docentes que se negam a reconhecê-los. Não se trata de uma dívida, não se trata de compensação histórica, se trata do direito de aprender ao longo da vida.

Hospedando sonhos e degustando saberes: a educadora e pesquisadora antes e depois do PROEJA

Maria do Socorro Ferreira dos Santos
Câmpus Marechal Deodoro, IFAL

Minha história com a Educação de Jovens e Adultos integrada a Educação Profissional (PROEJA), começa em 2009 ao ingressar no Instituto Federal de Alagoas. Naquele momento, com uma vasta experiência em sala de aula, seja na modalidade infantil ou ensino superior, não tinha ideia do que me esperava ao ingressar nessa modalidade de ensino.

Ao ser apresentada ao “Patinho Feio” dos Institutos Federais, iniciei minha relação de compromisso educacional e afetivo com a EJA-EPT, ao assumir inicialmente 2 turmas do Curso Técnico de Hospedagem no Campus Marechal Deodoro no Estado de Alagoas, no turno noturno. O presente curso, era o único na modalidade naquele momento e estava no segundo ano de implantação.

Iniciei minha busca de conhecimentos sobre as especificidades da modalidade e, especialmente, passei a lutar pelos direitos e visibilidade daqueles alunos que não se sentiam pertencentes ao cenário federal de ensino. Nessa luta, muitos obstáculos precisavam ser superados e desafios conquistados. Passamos a defender a implementação de serviços necessários a vida noturna escolar, realidade vivenciada por diversas instituições centenárias que passaram a receber trabalhadores-alunos excluídos do sistema de ensino por muitos anos.

Nas turmas iniciais alunos com idade aproximada entre 25 a 70 anos, com uma média de tempo afastado da rotina escolar em torno de 15 a 25 anos. Trabalhadores com motivações diversas para o retorno, desde a necessidade de “terminar” os estudos para melhorar de vida e conseguir um

novo emprego, até a aluna que não queria se sentir “burra” aos olhos da sogra, para caminhar ao lado do marido que estudou um pouco mais que ela, concluindo o ensino médio.

A educadora e pesquisadora decidiu assumir essa área de atuação como sendo a principal do seu percurso profissional, metodológico e acadêmico e, institucionalmente, assumiu não só a coordenação daquele curso mas participou ativamente da implantação do segundo curso na mesma modalidade implantado no ano de 2011, o Curso Técnico em Cozinha. O compromisso e a responsabilidade só aumentavam a cada tomada de decisão e, para dar ainda mais visibilidade a modalidade, decidiu através da pesquisa desenvolvida no Doutorado intitulada “De Patinho Feio a Cisne: Desafios da Implantação de uma Política Institucional para o PROEJA no IFAL” (UFSC, 2014) registrar a realidade dessa intensa luta de implantação de uma Política Institucional para jovens e adultos trabalhadores no Estado de Alagoas.

Corroborando com Paulo Freire (1987) quando afirma que “Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes” e “Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre”, passei a militar a favor dessa modalidade em espaços públicos, políticos e acadêmicos defendendo o PROEJA como política pública e não apenas como um programa aligeirado e passageiro como tantos outros já implementados pelos governos. Exemplo disso, foi a responsabilidade de representar o IFAL numa comissão que lutava contra o retrocesso da implementação do PROEJA-PRONATEC, proposta negada pelos representantes naquele momento, durante a Oficina de Articulação EJA-EPT, promovida pelo Ministério da Educação no ano de 2015.

Após 11 anos de luta, posso dizer através do título desse relato que não só hospedamos sonhos, mas realizamos diversos outros e degustamos sabores de vitória nessa trajetória. Alunos-egressos-trabalhadores que enxergaram outras possibilidades de vida, que aumentaram sua autoestima através das conquistas realizadas. Egressos do PROEJA em cursos superiores, que quebraram paradigmas e passaram a

ter visibilidade.

Nacionalmente não alcançamos a meta de 10% das matrículas nessa modalidade, mas no IFAL, Campus Marechal Deodoro superamos esse objetivo. Hoje recebemos trabalhadores-alunos mais jovens do que antes, uma realidade nacional, mas que veem na formação profissional integrada a educação básica o caminho para alçarem voos mais altos e, além disso, compreendem que, a educação pública de qualidade social além de ser uma realidade para suas vidas, representa o exercício do direito do cidadão a educação por toda vida.

Cordel da Primeira Alternância

Maria do Socorro Libório dos Santos
Melissa Michelotti Veras
Câmpus Maués, IFAM



Eram duas professoras
Do Proeja Indígena de Agroecologia
Uma alternância promissora
Que iria marcar nosso dia
Empolgadas e sem hesitar
Embarcaram para a partilha.

Navegaram naquela aventura
Com uma esperança nas mãos
Valorizar nossa cultura
Cientes de sua missão
Envolver jovens e adultos
Garantindo educação.

Conhecimentos da academia
Levaram em suas bagagens
E de lado ele ficou
Para entender a realidade
Nada dentro da caixinha

E sim a interdisciplinaridade.

Para linguística ensinar
Era preciso contextualizar
Então veio o teçume
Com palhas de arumã tramar
Narrativas ganharam vida
E a oralidade a nos encantar.

Agroecologia era o tema gerador
E a realidade o nosso invento
A natureza conheciam o valor
A roça dava o sustento
A floresta o seu vigor
E os rios os encantamentos.

O sol ia nascendo
Para a escola se acordar
As professoras animadas
Com as sementes a germinar
Recarregavam as energias
Na bebida de guaraná.

Chegou a noite cultural
E a arte foi garantida
Dança e música do mãe-mãe
E história de muitas vidas
Nossa festa ornamentada
Com teçume e criançada

Encerraram com o plano de estudo
E o trabalho se mostrou
Foi um grande aprendizado
Aquilo que o povo sateré-mawé dizia
Ora elas ensinavam
Ora elas aprendiam.

Meus caminhos, os caminhos deles... nosso encontro na arte presente

Maria Edneide Torres Coelho
Câmpus Petrolina, IF Sertão



Começo esta história narrando a trajetória escolar dos meus pais porque ela forjou a Arte-Educadora que me tornei. Meu pai frequentou a escola do vilarejo onde morava e teve a felicidade de ter boas professoras. Minha mãe aprendeu a ler na roça com uma moça da região que ensinava não por formação, mas por ser uma das poucas pessoas alfabetizadas. Da mesma forma, depois de aprender, minha Tia

Lili (in memória) tornou-se a professora da escolinha erguida por meu pai ao lado da casa do meu avô. Anos depois na cidade meus pais adultos, casados, já com os filhos na escola formal, fizeram o Ginásio e seguiram, minha mãe no Magistério, meu pai na Contabilidade em turmas cheias de jovens numa época em que não existia a Educação de Jovens e Adultos como a concebemos hoje. Ambos atuaram pouco tempo nessas profissões por questões impostas pela vida. Ela dedicou-se ao seu artesanato e ele, pelos estudos e bom desempenho progrediu no emprego de servidor público.

Me graduei na Licenciatura em Educação Artística na

UFPE e nas aulas da professora Kalina descobri a Arte-Educação. Em 2002 me formei e só então minha mãe me revelou que eu realizava o seu sonho – ser professora de Arte. Naquele momento eu compreendi a dimensão que a profissão que escolhi adquirira. Na minha prática docente já lecionei em todos os níveis da educação e nada foi mais desafiador que dar aula na EJA. Para vive-lo sempre tive o conhecimento como guia e como motivação enxergar meus pais na sala de aula.

Em 2013 cheguei no IF Sertão-PE Campus Petrolina onde a disciplina Arte é ofertada no V Módulo dos cursos de PROEJA, quase na reta final e isso durante anos me preocupou por dois motivos: primeiro porque a noção de tempo no PROEJA é paradoxal. O adulto que volta a sala de aula tem urgência em concluir seus estudos porque corre atrás de um tempo perdido, da mesma forma que o tempo parece curto para aprender tudo que precisa numa outra dinâmica que lhe exige persistência e determinação. E eu desejava tempo com eles, porque aquela poderia ser a primeira experiência com a Arte-Educação que teriam e eu tinha muito para compartilhar. Segundo, porque chegar nessa reta final com a disciplina Arte, historicamente vista como “descanso” do esforço mental das demais disciplinas no ambiente escolar e como supérfluo na vida social, correspondia ter que ressignificar o sentido da Arte na vida destes alunos dentro e fora da escola neste contexto da emergência da conclusão.

Antes de cada aula inaugural imaginava a ideia que teriam da Arte, que papel ela teve em suas vidas e como estabelecer esse diálogo. Tudo me parecia ser mais importante para eles do que “fazer brincadeira de criança depois de velho”. Nesta busca experimentei várias metodologias, formatos, abordagens e as turmas colaboravam, realizavam as atividades, mas mantinham o distanciamento. A informação chegava, mas a essência da Arte não. Começava as aulas perguntando sobre suas trajetórias até que em 2016 refletindo sobre isto identifiquei que as questões se davam num tempo passado e por isso se esgotavam, não produziam material para a criação artística enquanto expressão. Então, mudei

a perspectiva. Queria entender quem eram esses alunos no presente e como se enxergavam na Instituição de Ensino usando a Arte como mediação do diálogo. Selecionei várias imagens e as usei para ativar noções de autorrepresentação: “Se tivesse que escolher uma dessas imagens para lhe representar, qual seria?”; “O que essa imagem lhe diz sobre a vida e sobre você?”. A partir daí emergiram identificações, preferências estéticas, memórias antigas e recentes e eu segui perguntando: “O que é ser aluno do PROEJA?”; “Como usar a Arte para falar sobre isso?”. O meu horizonte se expandiu com os resultados. Me libertei dos estereótipos e finalmente vislumbrei que existem muitos PROEJAS dentro do PROEJA. Enquanto uma turma se compreendia como vencedora, guerreira, a outra se via como discriminada, desassistida. Mas ambas se sentiam invisibilizadas. Eles compreenderam aonde a Arte poderia levá-los e de forma poética se fizeram notar pela comunidade acadêmica como integrantes da rede de ensino. Foi emocionante ver a Arte acontecer de forma tão significativa apropriada por eles em uma performance para expressar como se entendiam, se sentiam.

De lá para cá, passei a cuidar desse caminho encontrado para chegar aos alunos do PROEJA, não esquecendo de refletir sobre atalhos ou mudanças de curso, mas tendo os alunos e seu momento presente como condutor da caminhada.

Maria Jeanna Oliveira
Câmpus Cubatão, IFSP

Minha primeira experiência com turmas da Educação de Jovens e Adultos¹ foi no ano em que completaria 29 anos de magistério (iniciei com 17 anos). Inicialmente, ao ser designada para assumir as turmas da EJA 1 e 2, confesso que fiquei muito pensativa no sentido de como trabalhar com alunos de faixas etárias diversificadas e tanto tempo fora do ambiente escolar (sala de aula). Após o primeiro dia de aula, percebi que meus laços com a educação da EJA estariam ligados para sempre.

Num início de uma noite fria, me preparava para mais um dia de aula na EJA 271. Após a correção da atividade, a aluna Patrícia pediu para conversar com a turma e que seria rapidinho. Falei que poderiam conversar enquanto fazia a frequência. Como não poderia deixar de acompanhar a conversa, percebi que Patrícia estava relatando o porquê da ausência da aluna Márcia nas últimas três aulas e, de que forma poderiam ajudá-la (os que pudessem).

Logo pensei que, a qualquer momento terei que me oferecer para organizar “essa ajuda”, mas, para minha surpresa, não precisei fazer nada porque eles se organizaram de forma surpreendente, emocionante e gratificante.

Patrícia contou que o marido de Márcia estava desempregado a três meses, que estavam passando necessidades e, que estavam com as contas de energia atrasadas por isso, estavam sem energia. Era inverno rigoroso então, Márcia que estava com bebê pequeno (quando ia para as aulas ela levava a criança também) não podia dar banho frio na criança então, não tinha como ir as aulas, lembrando que estavam sem gás e que estavam cozinhando no fogão de lenha. Patrícia

1 A turma era formada por 12 alunos e os nomes relatados são fictícios.

fez questão de contar que foi visitar Márcia e que ela em momento algum havia pedido ajuda, somente relatou o porquê de não estar indo ao Campus.

Após citar o valor das três contas, Patrícia tinha como ideia inicial a de fazerem uma coleta para pagar pelo menos uma conta para que pudessem religar (com três meses de atraso, a empresa faz o desligamento temporário). Imediatamente, os alunos começaram a perguntar de que forma poderiam ajudar então pensei, é agora que vou “entrar” para ajudar na organização e, para meu espanto, não precisei fazer nada porque eles me surpreenderam. Paulo ergueu o braço e falou que pagaria as duas primeiras contas. Maria disse que pagaria a terceira, Manoel falou que estavam esquecendo da taxa de religação e que ele pagaria essa taxa e, para encerrar, cada doaria alimento não perecível que deixariam na casa de Patrícia para que ela levasse a casa de Márcia. A maior preocupação deles estava em não expor a situação que a colega se encontrava para os demais alunos, porque talvez, isso pudesse envergonhá-la e fazer com que desistisse de concluir o curso. A turma que era muito unida, de certa forma, pensou em tudo, realizaram um ato de solidariedade que não precisou ser divulgado para que desse certo.

E assim o fizeram, saiu tudo do jeitinho que programaram e imaginem quem apareceu na aula seguinte? Sim ela mesmo, a aluna Márcia com sua filhinha, prontas para mais uma aula.

Pois é... Saí de casa para ensinar e, retornei com um aprendizado inesquecível. O que dizer desses alunos, de suas atitudes, da união de uma turma. E, para encerrar... Sim, teve formatura sim. Todos se formaram e, imaginem dentre outros, quem também estava lá, a filhinha da Márcia.

Mariglei Severo Maraschin
Colégio Técnico Industrial de Santa Maria, UFSM

FIDA, Maria e Transformação!

Ora nesse momento que me desafio a escrever à Edição do livro “Histórias que merecem ser contadas”, a ser lançado no III Encontro Nacional de EJA EPT (PROEJA) busco em minha memória sujeitos, histórias e espaços para pensar esta política tão importante e cada vez mais necessária no nosso querido e sofrido Brasil.

Divido em três partes, sem gostar da divisão, que expressam minha historicidade e a historicidade da EJA, com maior ênfase na EJA EPT.

FIDA foi a primeira palavra que descobriu meu aluno de alfabetização José. A partir da palavra geradora FELICIDADE, o homem trabalhador e aposentado viu/leu sua primeira palavra que estava diretamente relacionada ao seu trabalho. Desta palavra e deste ser que muito aprendi percebi que a primeira relação que trabalhadores estudantes fazem é com seu trabalho, sua vida, seu modo de existir. Esta lembrança que retoma minha primeira inserção na EJA – o MOVA – Movimento de Alfabetização do RS, que ocorreu de 1999 a 2002 no governo Olívio Dutra. Aí inicia minha paixão pela política de EJA.

MARIA foi a jovem de 13 anos que passou a fazer parte de minha turma de EJA séries iniciais da Rede Estadual quando fui professora de EJA de uma escola. Ali naquele espaço-lugar tive a “missão” de alfabetizar jovens, adultos e idosos. Maria era uma adolescente/criança grávida que não conseguia adaptar-se a uma classe regular de crianças em alfabetização, não sabia ler e conviver. Ela encontrou em minha turma carinho, compreensão e respeito pelo tamanho da responsabilidade que precisava assumir – ser mãe e tamanha dificuldade que a acompanhava – não saber ler e es-

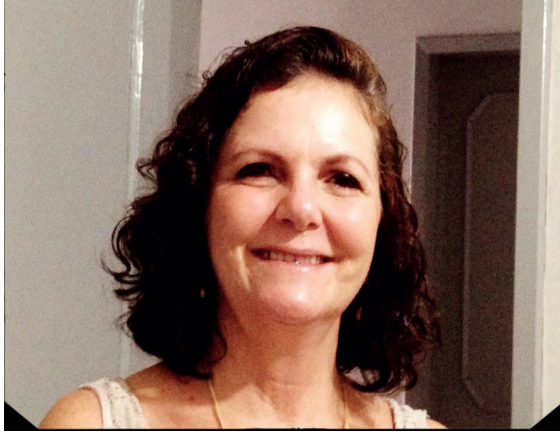
crever. Ali percebi como é enorme o desafio de ser professora da EJA.

TRANSFORMAÇÃO é o nome do processo e movimento que passo a fazer parte desde 2008. Ingresso na Rede Federal e passo a atuar na gestão, na pesquisa, na formação e na militância da EJA. Também passo a liderar a partir de 2015 um grupo de pesquisa que tem como uma das linhas de pesquisa a EJA EPT – Transformação – Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Políticas Públicas e Trabalho Pedagógico na Educação Profissional. E assim passo a observar o sonho de uma política que busca levar escolarização integrada a profissionalização. Vivendo a política, pesquisando a política encontro muitos homens, mulheres, jovens, adultos e idosos, professores e estudantes que vêm nos cursos FIC, Médio ou na pesquisa espaços de transformação: possibilidades de tornarem-se profissionais reconhecidos ou de melhorarem de emprego, mulheres que libertam-se de amarras e buscam o crescimento contínuo, pesquisadores que se reinventam e assumem com empoderamento este espaço de pesquisar, construir sínteses, avançar e transformar sujeitos e instituições. Neste espaço me reanimo todos os dias para lutar pela EJA EPT.

Transformar-se ou possibilitar transformações combina e muito com a luta da EJA e da EJA EPT. Eu tive a oportunidade de ir me constituindo professora nesses espaços formais e informais de práticas, de vivências. Acredito que esta historicidade me faz humana, com olhar aguçado para as dificuldades de aprender e de ser neste vasto mundo. Olhar para as expectativas de Josés, de Marias e de inúmeros estudantes e pesquisadores que fazem e são a política de EJA nesse país nos compromete com a educação emancipadora, coletiva e que desvela a “dialética das disputas” (MARASCHIN, 2015). Ter a coragem de ouvir, de entender e colocar-se no lugar daquele trabalhador estudante que adentra nossas instituições (hoje CTISM/UFSM) em busca de um diploma, de um espaço para recuperar o tempo de escola perdido. E, a todo o momento mostrar que é um sujeito de direitos e de possibilidades é algo que se faz, se promove, mas

que vai principalmente nos constituindo um professor com olhar diferenciado, comprometido e militante de uma educação crítica que se faz com os sujeitos (professores e estudantes). Que possamos cada vez mais engajar-se nessa luta, denunciar os avanços e retrocessos nas políticas e contribuir para um país com menos analfabetos e com maiores índices de escolarização e trabalho. Um país que se faz nesse grande MOVIMENTO de luta por e para educação e trabalho.

Marlúcia Alves Secundo White
Câmpus Aracaju, IFS



O nosso cotidiano na instituição, particularmente nas turmas de EJA, surpreende-nos com situações que, em alguns momentos, geram sentimentos como alegria, tristeza, esperança e, em outros, frustração, principalmente quando

nos deparamos com pessoas que, por necessidade, estiveram por longo período distantes da escola e chegam à instituição esperançosas de um futuro melhor. Pensando nesses sujeitos, vêm à tona lembranças de momentos intensos, vividos durante os 14 anos dedicados a essa modalidade.

Em julho de 2006, o Decreto nº 5.840 chegou aos Institutos Federais para ser cumprido, a rede federal precisava dar a sua contribuição ao PROEJA. Naquele momento, para muitos professores, foi um choque. Essa reação, até certo ponto compreensível, adveio da inexistência de um histórico de oferta dessa modalidade na instituição, mas a escola abraçou a causa e implementou três cursos. No início tudo foi mais difícil. Uma situação que nos causou muita frustração ocorreu logo no primeiro ano de implementação do Programa, quando alunos de uma determinada turma nos procuraram para comunicar que estavam pensando em desistir do curso, pois se sentiram rejeitados na instituição. Indagados

sobre o motivo, narraram que um professor, ao chegar à sala, perguntou o que estavam fazendo ali e completou afirmando que o mercado jamais os escolheria para contratar. Esse fato sinalizou um alerta para os gestores envolvidos. Apesar de a instituição ter proporcionado curso de aperfeiçoamento em EJA, a adesão não foi a esperada, por isso se tornou urgente sensibilizar a comunidade. E, assim, não só como professora, mas agora como coordenadora da modalidade, organizamos momentos com psicólogos, gestores e professores, e discutimos as dificuldades por que passávamos. Em seguida, vieram os “Diálogos Proeja”, oportunidade em que alunos, professores, pedagogos e coordenadores conversaram, desabafaram, acolheram-se e criaram ações. Foram momentos emocionantes para todos.

A caminhada continuou e, como professora, os textos produzidos chamaram-me atenção. Lembro-me de um aluno, que dizia “Professora, quando a senhora fala de Coesão, Coerência e Concordância na produção de texto eu entendo tudo. Mas quando escrevo até começo bem, depois esqueço e escrevo como falo.” Sua confissão me fez reconhecer que, por pertencer a uma camada desprestigiada socialmente, a sua realidade linguística era marcada pela diversidade e heterogeneidade. Esse aluno, quando soube que tinha sido aprovado no vestibular da UFS, foi à minha residência e, emocionado, agradeceu. Foi um dos momentos mais gratificantes da minha vida profissional. Tivemos outros alunos que deram prosseguimento aos estudos, mas tivemos, também, alunos que desistiram por motivos como ciúme do cônjuge, dificuldade financeira (mesmo com o auxílio da instituição), trabalho no mesmo turno das aulas e cansaço depois de um dia exaustivo. Alguns me procuraram arrependidos e pediram para retornar. E, como disse Clarice Lispector, “a palavra é o meu domínio sobre o mundo”. Através dela, pude observar que, para os alunos, a instituição é o alvorecer de dias melhores, a expectativa de um bom emprego e a garantia da resolução dos seus problemas. Os dois fragmentos que seguem revelam essa certeza. O primeiro, de um de pe-dreiro, amante da Literatura de Cordel “Eu escolhi fazer um

curso porque não quero ficar ouvindo o chefe falar o mesmo ‘descurso’ que o mestre que não tem curso não vai ‘podê’ trabalhar”. O segundo, de uma mãe, “a falta de uma estrutura de vida faz com que tenhamos objetivos e motivações de uma estimativa de vida melhor para nós mesmos. Então foi quando voltei a estudar”.

Acompanhar os desafios que são postos a esses estudantes é nossa obrigação. Houve situações que nos deixaram impactados emocionalmente. Como os cursos são noturnos, algumas mães traziam para a sala de aula os filhos. Uma aluna do 3º ano, residente a três quilômetros do Campus, todos os dias vinha empurrando um carrinho com uma criança de 6 meses. Dizia que não tinha com quem deixar e precisava concluir o curso. Uma colega, que residia próximo, acompanhava-a. Chuva não era impedimento. Algumas vezes, professores as levavam de volta. Enfim, são as histórias de vida aqui relatadas que nos motivam cada vez mais a lutar pela continuação de cursos dessa modalidade, mesmo quando temos que visitar escolas para conseguir formar as turmas; mesmo que não tenhamos o suporte para atendê-los em todas as suas necessidades; mesmo quando as aulas são interrompidas pelo choro de uma criança. Lembrando Paulo Freire, é nosso dever, “esperançar” pessoas através da Educação! É preciso ir em frente, nunca desistir!

Pedagogia do afeto: leitura e escrita nas salas de aula do Proeja

Mírian Freitas
Câmpus Juiz de Fora, IF Sudeste MG



Como professora de Língua Portuguesa de duas das turmas do PROEJA-Secretariado (ISUDESTE/JF-2014), pensava em buscar alternativas no processo ensino-aprendizagem que convidassem o aluno a atravessar novas ideias,

a criar novas concepções em relação à aprendizagem e a “voltar-se para si mesmo” na sua própria configuração e valores sociais. Aquela era a primeira vez que eu lecionava para turmas do Proeja, e desafios como esse sempre nos conduzem a refletir e, ao mesmo tempo, ousar. Afinal de contas, trabalhar com jovens e adultos é desafiador, pois nos conduz a uma realidade que carece de alternativas de ensino dinâmicas para que o desânimo e o cansaço, após um dia de trabalho não os deixassem desistir.

Diante dessas circunstâncias procurei pensar nas possibilidades de ações de ensino-aprendizagem mais envolventes, em que pudéssemos consolidar a prática ao prazer no universo educacional. Portanto, elaborei um projeto que buscava oferecer aos alunos, nas aulas de Língua Portuguesa, oficinas de leitura de múltiplos gêneros (poesia, crônica, conto) de autores diversos, que propiciassem a escrita de textos literários, cujo resultado final seria a publicação de

um livro escrito pelos próprios alunos.

Os objetivos eram despertar o hábito de leitura e incentivar a produção textual filtrada pelo imaginário e pelas experiências já vividas, contribuindo para a criação de uma escrita centrada na intimidade com os livros, nas reflexões e no despertar de ideias. Além disso, buscava-se promover a autonomia dos discentes e incluí-los no hall da geração dos novos autores, com a finalidade de lhes revigorar a autoestima e o compromisso de cidadania nos aspectos estudantil e social.

Os locais estabelecidos para a realização das oficinas foram as salas de aula, a biblioteca e o laboratório de informática, todos localizados no Núcleo de Línguas. A proposta era envolvê-los nas atividades de leitura e escrita, utilizando, estrategicamente, ambientes diferentes, além daquele habitual da sala de aula. Iniciamos as oficinas “Metaforizando” e os brainstorms de leitura e escrita na última semana do mês de setembro de 2014. Muitos desses textos refletiram passados, lembranças, sobrevivências: “[...] Hoje sei que Deus tem um propósito para cada um de nós/ E essa minha história é a minha prova maior de gratidão”.

Muitos emocionaram pela intuição, pela fé, pela (in-)consciência do bom e do belo. Assim como os personagens de Guimarães Rosa, que são seres especiais e parecem viver em outra dimensão, demonstrando uma sabedoria inata, intuitiva, esses alunos construíram, por suas próprias mãos, a antologia em prosa e verso — Alento —, cujo título foi também



uma sugestão e escolha deles, lembrando que “alento” é condição da pessoa que demonstra coragem, vigor; é ali-

mento, força, alívio nas horas difíceis.

Uma última surpresa inesperada que não estava prevista no projeto foi a oficina de pintura, em que os alunos participantes criaram aquarelas para ilustrar a capa e o corpo do livro. Assim, a linguagem se manifestou de múltiplas formas para dizer “eu existo”, “eu sinto”, “eu desejo”. A linguagem desses alunos está muito mais próxima de uma dinâmica afetiva, emocional e criativa do que de qualquer convencionalismo linguístico, reforçando o que pensava o célebre autor de Sagarana, para quem a gramática era inimiga da poesia.

E me permito dizer que os textos dessa antologia possuem, como na poesia mulçumana de Farid ud-Din Attar, a linguagem dos pássaros, o encanto das tessituras mais ternas, o desdobramento da vida. Em 2016, o livro *Alento* foi premiado na oitava edição do VIVALEITURA (MEC-MINC), como o primeiro finalista da categoria (n.2) “Escola promotora de leitura”.

Nivia Maria Vieira Costa
Câmpus Bragança, IFPA

Proeja é quase verbo.

Eu proeço, tu proejas, ele/ela proeja, nós proejamos, vós proejais, eles proejam.

Sim, porque ‘proejar’ é se manter firme, apesar de todos os ventos contrários.

Proejar é decidir, determinar-se, ter uma missão a cumprir.

Missão consigo, com quem se é ou com quem se quer ser.

Missão com o outro, com o país e com o planeta.

Proejar é caminhar juntos, de mãos dadas, mesmo que nem sempre tenhamos mãos estendidas ao nosso alcance.

Proejar é amar a si, amar a vida, amar o conhecimento, amar a existência do homem e mulher que se renovam a cada dia.

Proeja imprime ação, por isso pode ser verbo.

Mas também designa uma qualidade do ser, e seria facilmente um adjetivo.

Ele/ ela são proeja. Ser proeja é assumir uma identidade de quem sabe o que quer, de quem se assumiu enquanto ser em permanente formação e, apesar de estar no presente, vislumbra o futuro.

Futuro por tanto tempo negado. E diante de tantos ‘nãos’ da vida, agora, finalmente, a cortina se abre e ocorre a estreia para o espetáculo mais desejado e sonhado: ser o protagonista de seu próprio filme. Com direção, texto e enredo decididos por si.

Ser proeja é ter seu sonho realizado: de voltar a estu-

dar, de ser aluno da rede federal, de sentir-se reconhecido naquilo que faz.

Em tempos de pandemia, ser proeja é ser resistente, ser decidido a continuar, apesar de um (des) governo que insiste em fazer recuar e negar o direito, não apenas à educação, mas à vida.

Proeja, proveja, proseja – essa é nossa luta, essa é nossa missão! Sempre pró e avante!

Balbúrdia ou Educação Transformadora? A alegria de estudantes da EJA no 11 Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica

Pâmella Passos
Telma Alves
Câmpus Rio de Janeiro, IFRJ

A vida é feita de momentos felizes e esses não são fáceis e nem comuns de ocorrer, principalmente no campo do trabalho, onde as múltiplas tarefas e demandas, não só pedagógicas, fazem-nos esquecer que pode existir alegria em nosso ofício. O que vamos contar aqui não é incomum: duas professoras que se esbarram ao longo da vida profissional e passam a lecionar juntas no mesmo curso. O diferencial nesta história é que elas e mais cinco estudantes tenham se envolvido num projeto coletivo que pôde ser apresentado nacionalmente, gerando até hoje lembranças de alegria e realização.

Pâmella e Telma, também autoras desse relato, se conheciam do movimento dos profissionais da Educação, nas redes municipal e estadual do Rio de Janeiro. Em 2010, as duas se reencontraram no Campus Rio de Janeiro do IFRJ e passaram a dividir turmas do PROEJA/MSI. Apesar de pertencerem a áreas que geralmente são vistas como muito distintas e as vezes opostas: Pâmella de História e Telma de Matemática, possuem várias ideias em comum. Uma delas é que o trabalho docente, seja ele no interior da sala de aula ou na responsabilidade de coordenar, não deve se reduzir a cumprir tarefas diárias como preencher diários, corrigir exercícios e apagar pequenos incêndios de problemas que emergem no cotidiano escolar. Não!!!!

Para nós, o trabalho docente deve ser criativo e propositivo, numa constante luta para não se adaptar as engrenagens do dia a dia que, por vezes, nos massificam roubando o prazer de nossos encontros pedagógicos. Inúmeras con-

versas em lanches, mensagens, bares, corredores da escola e reuniões formais nos permitiam sempre pensar de forma livre e aberta em relação a nossa atuação como docentes.

Foi nesse contexto que soubemos do II Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica (II FMEPT) que aconteceria em Florianópolis, naquele ano de 2012. Para além de todas as impossibilidades que cercam a EJA nos IFs, nós queríamos levar nossos alunos da Educação de Jovens e Adultos para se apresentarem num evento nacional da Rede Federal.

O que apresentar? Uma inovação? Não, o nosso cotidiano! Pâmella queria apresentar um trabalho feito com a turma do 4º período em sua disciplina, onde alunos produziram diários de vida com o objetivo de compreender dificuldades e segregações sofridas por estes alunos da EJA, dentro do IFRJ. Telma, à época coordenadora do curso, compreendendo que é necessário dar visibilidade as dificuldades, apoiou a ideia e juntas construíram o caminho para que a ida deles se concretizasse.

Os cinco estudantes dessa turma foram os que conseguiram resistir às dificuldades de estudar à noite e não cederam à evasão. Esses mesmos rapazes, desenvolveram um projeto integrador de muita relevância sobre “Sensoriamento Remoto”, orientado pelo professor de Física que, com incentivo da coordenadora Telma, também acabou sendo apresentado II Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica.

O que relatamos aqui ocorreu num momento no qual o governo brasileiro investia na Educação Pública federal, isto possibilitou que os estudantes tivessem auxílio financeiro para esta viagem acadêmica. A organização da participação dos alunos no II FMEPT se deu pela Pro Reitoria de Extensão (PROEX) que fretou um ônibus para levar a comunidade estudantil do IFRJ ao Fórum.

Ao retornar dessa experiência, nossos alunos da Educação de Jovens e Adultos nos falaram da alegria de viajar junto com outros estudantes do IFRJ e de se sentirem perententes a instituição. Orgulhosos, exibiam seus crachás en-

quanto assistiam estudantes e professores do Brasil inteiro em palestras e atividades culturais. Neste processo eles não apenas contaram suas histórias, mas as reescreveram, criando futuros possíveis.

Durante todo II FMEPT vimos sorrisos nos rostos desses alunos, seja na programação oficial do evento, ou quando no momento de lazer, jantávamos ou passeávamos juntos. Fazer este relato num tempo de sucateamento da Educação de Jovens e Adultos e ataques à educação pública no Brasil, é relembrar Sérgio Vaz, poeta da periferia de São Paulo: “Sorridir enquanto luta, é uma forma de confundir os inimigos”. Para alguns isso é balbúrdia, para nós, é educação transformadora!

A professora, a Geografia e a EJA-ÉPT - trajetória em construção

Patrícia Mendes Calixto
Câmpus Charqueadas, IFSul

Sou professora de Geografia desde 2001. Minha primeira experiência como docente foi com estudantes do EJA, em Rio Grande/RS. Recém formada, trabalhei com portuários. Não foi nada do que imaginei. Ainda bem! A experiência mostrou que o currículo que aprendi não cabia ali. Não do jeito que aprendi.

Quando cheguei ao IFSul - Câmpus Charqueadas, em 2013, a pergunta sempre foi como trazer a Geografia para vinte encontros de noventa minutos? Quais sentidos e perspectivas envolveria nas escolhas dos temas para estudantes de Fabricação Mecânica? Como poderia conduzir uma aprendizagem com sentido para quem, muitas vezes, vive a ausência de conforto material, de sono, muitas vezes, de trabalho e ainda ter que lidar com uma carga de leituras e atividades nas quais eles precisavam mergulhar?

Ao me deparar com os desafios impostos pela realidade fui questionando para que serve a Geografia para este público adulto e, algumas vezes, mais vivido do que eu? Com uma trajetória pelo mundo do trabalho que eu desconhecia ou conhecia pelo universo dos livros? Como fazer com que a ciência fizesse sentido e não corroborasse com o senso comum de que a Geografia escolar era desnecessária. Portanto, as incertezas, os desafios eram maiores pra mim do que pra eles. Mas quem eram eles?

Eu não sabia quem eram eles. Pesquisei e descobri que a maioria eram homens, pais, maridos, filhos, profissionais. Um sem fim de papéis que impediram em outros momentos o retorno à vida escolar. As mulheres eram esposas, mães ou ambos, ou ainda mães “solo” que muitas vezes não podiam estar ali porque tinham responsabilidades que a sociedade

disse que cabia apenas a elas. De todo modo, foram esses homens e mulheres, trabalhadores que, sem oportunidade durante a escolarização na idade certa, me orientaram nos passos iniciais sobre o trabalho docente com o Proeja em Fabricação Mecânica.

Afinal o que me disseram sobre o que ensinara no EJA? Me disseram que o estudo do espaço era importante, disseram que se soubessem algumas coisas sobre seus lugares de origem talvez a trajetória de vida tivesse sido menos dura. Por causa da Geografia? Não, por causa da escola! Por causa da oportunidade de debater e colocar seus argumentos, mesmo que incertos, para análise. A possibilidade de compreender o mundo onde estão inseridos é um despertar, é sair da zona da sombra e tornar-se luz. Por que, antes de tudo, a escola possibilita que sejam ouvidos. A escola possibilita conhecer outros mundos.

A escola tem um papel fundamental nesse processo de socialização que muitas vezes é suprimido pela dureza de precisar colocar sua energia totalmente na busca do alimento e do abrigo. Muitos terão seu primeiro contato com arte, literatura, cinema, ali, no banco da escola. Portanto, é uma redescoberta a cada dia. As palavras começam a ter um sentido dentro de um mundo que desenha seus próprios sentidos servindo a um sistema no qual estamos inseridos. A simples classificação não serve mais. Eles querem mais. Merecem mais.

E, quando a escola começa a fazer sentido e trazer a alegria para casa há temores. Há desconfiança. Medo de perder. A família tem medo de perdê-lo. Uma vez que encontra o conhecimento, quer mais. Então, a família também precisa estar na escola. E foi por isso que o Campus Charqueadas através da Orientadora Educacional buscou as famílias e mostrou que juntos à escola elas seriam os pilares desses indivíduos que desabrochavam, homens e mulheres.

O EJA – EPT é justiça social. É a oportunidade para muitos que executaram atividades para outros tantos que seguiram o rumo em direção às normativas sociais. Fizeram a casa, colocaram a eletricidade. Puxaram a água. Conserta-

ram os canos. Limparam o jardim. Plantaram e colheram. Transportaram os alimentos. Transportaram a gente. Confeccionaram a roupa. Consertaram o portão. Carregaram as pedras. Lixaram o chão. Fizeram o pão. Serviram os pratos. Lavaram a louça. Cuidaram dos filhos deles e dos nossos. Dos pais deles e dos nossos. Deles? Nem sempre, mas de nós, muitas vezes.

O que descobri sobre o papel da Geografia? Conduzir a compreensão do mundo. Ajudar a desvelar os papéis sociais. Destacar a importância desses papéis, mostrar suas correlações com o mundo físico, econômico, social, ambiental. Não nos cabe julgar as escolhas, se houve, mas afirmar o direito à escola e à aprendizagem.

A sala de aula é, antes de tudo espaço para a palavra. Para a fala. Para a palavra através da fala fazer sentido. É preciso dar sentido. O sentido é construído junto. Nós, professores, eles estudantes e a ciência através de nós.

O PROJETO tem feito falta!

Paula Reis de Miranda
Câmpus Rio Pomba, IF Sudeste MG



Enquanto o professor de Matemática passa exercícios de análise combinatória no quadro, os alunos discutem a respeito de um show que acontecerá na cidade, na próxima sexta-feira.

Ana [cochicha]:
Deixa eu te mostrar.

Ana leva uma folha de papel verde na direção da estagiária. A estagiária não escuta a aluna e não percebe seu movimento em sua direção, pois estava atenta à conversa dos alunos com o professor de Matemática.

Ana [continua falando baixo]: Professora... professora...

A aluna aumenta um pouco o tom de voz e fala pausadamente: Pro-fes-so-ra. (A turma escuta e começa a rir).

Ana: Fala baixo, gente, para não chamar a atenção.

O professor de Matemática percebe que os alunos estão rindo no fundo da sala, então sorri e pergunta: Como é que é?

Ana: Eu tô chamando: professora [sussurrando]. Professora [fala em tom um pouco mais alto], pro-fes-so-ra [em voz alta]. Eu tava chamando ela pra não chamar a atenção de todo mundo. Mas ela estava olhando pra lá.

Professor: Tem certeza?

Ana: Eu tive que gritar no final, uai. [A aluna ri, e toda a turma ri em seguida].

O professor vira-se para a lousa e continua a passar a matéria. O celular da aluna Clara toca, ela atende e continua copiando. A aluna Clara fala ao telefone com seu esposo: Vou com a Ivy, tá? Então tá. Beijo. Tchau.

Bia: Esse Proeja vai fazer falta o ano que vem.

Ana: Pra nós e pra eles.

Professor: Vamos lá então? (O professor motiva os alunos para que resolvam os exercícios e a aula continua...)

O episódio acima ocorreu em uma aula de Matemática. A aluna Ana, juntamente com os demais colegas, preparava uma mensagem de despedida, que seria copiada na tal folha de papel verde, para a professora de Inglês, pois esta se afastaria da instituição. Apesar de a estagiária não ser aluna da turma, Ana importou-se em incluí-la entre os signatários da mensagem. Com o intuito de lhe entregar o papel para que a estagiária lesse e assinasse. Em sua fala, Ana se apresenta como aluna adulta preocupada em “não chamar a atenção de todo mundo” e, assim, em não atrapalhar o andamento da aula. Todavia, ela também nos mostra que o ambiente escolar não engessa as relações sociais aí criadas. Quando se dedicam a escrever uma mensagem para a professora com quem não conviverão mais, os estudantes desse curso de ACS - PROEJA mostram-se solidários com as situações de vida daqueles envolvidos em sua formação, preocupam-se em constituir a turma numa coletividade (na qual a estagiária também era incluída) e em manifestar seu reconhecimento do papel dos docentes em sua formação profissional e pessoal.

Ao mesmo tempo em que a situação se desenrola, o celular da aluna Clara toca, ela atende e conversa com seu esposo sobre a carona que a colega Ivy lhe oferecera. Enquanto isso ocorre, o professor de Matemática, Clara e os demais colegas agem naturalmente, continuam copiando a matéria e prestando atenção na lousa. Essa ocorrência rea-

firma a situação do aluno e da aluna do PROEJA – pai, mãe, esposo, esposa, trabalhador – com necessidades, preocupações e responsabilidades diferentes das dos demais alunos da instituição, o que os obriga a estarem disponíveis para um eventual chamado de suas atividades profissionais ou familiares.

A naturalidade do professor e dos alunos ao lidar com o telefonema que não interfere no curso da aula, a vivência social que a inserção no PROEJA possibilita – e que, naquela situação, se deixa reconhecer na oportunidade de participarem juntos de uma atividade de lazer (o show), na organização da homenagem à professora, bem como na possibilidade da carona entre colegas –, o clima ameno da aula favorecido pela camaradagem do professor, e mesmo por seu interesse pelas brincadeiras dos alunos levam as alunas a comentarem, num tom nostálgico, que "esse PROEJA vai fazer falta". Apesar de todos os impasses da execução da proposta do PROEJA, os alunos do curso de Agente Comunitário de Saúde - PROEJA do IF Sudeste MG - Campus Rio Pomba afirmam e compreendem que “esse Proeja vai fazer falta”, como tem feito em muitas instituições para homens, mulheres, trabalhadores, jovens e adultos, que tinham nesse Programa a possibilidade de uma formação que os capacitaria, para além do mercado de trabalho, para o mundo do trabalho e para a vida.

Sobre o que acontece fora dos limites da nossa percepção¹

Ramon Marcelino Ribeiro Júnior
Câmpus Goiânia Oeste, IFG

"Como em um tabuleiro de xadrez:
jejo diferente, jogo diferente", (Vigotski, 2001)

Me recordei da seguinte história, de uma das estudantes que colaborou com minha pesquisa de doutorado, em razão de uma conversa com um amigo espanhol sobre a necessidade e a dificuldade de se avaliar o esforço. Essa estudante me levou às lágrimas durante sua entrevista – algo não raro durante o processo de produção dos dados da minha investigação – ao narrar, entre outros episódios significativos, uma situação em que ambos participamos, porém com diferenças importantes em relação a *q1 lue* e como alguns aspectos eram por nós percebidos. Tema que ela aborda, num contexto de reflexão sobre trabalhos em grupo, da seguinte maneira:

[...] você se molda, pra você poder se encaixar. Às vezes você acha assim, nossa mas, é... “professor enjoado, nossa, mas que sala insuportável”, o defeito não tá no professor só, não tá só no colega, às vezes tá na gente e a gente não vê. É tão fácil julgar, é tão fácil ver os problemas dos outros, o defeito dos outros, aí quando você começa se enxergar, aí muda... muda bem mais as coisas (Rosa² – Trecho de entrevista narrativa)

Rosa me fez lembrar o modo como Richard Rorty recorre a Willian James para tratar do mesmo tema, chamado pelo segundo de “uma certa cegueira nos seres humanos”.

1 Referências

RORTY, R. Contingência, Ironia e Solidariedade. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, L. A Construção do Pensamento de da Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

2 Nome inventado

Segundo Rorty:

O exemplo jamesoniano dessa cegueira foi sua própria reação, durante uma viagem pelos montes Apalaches, a uma clareira em que a floresta fora derrubada e substituída por um jardim lamacento, uma cabana de madeira e alguns chiqueiros. No dizer de James “A floresta fora destruída; e o que a havia “aprimorado”, tirando-lhe a vida, era medonho, uma espécie de úlcera, sem um único elemento de graça artificial que compensasse a perda da beleza da Natureza”, mas, prossegue James, quando um lavrador sai da cabana e lhe diz que “a gente não fica feliz aqui enquanto não começa a cultivar um desses descampados [...]”. (RORTY, 2007, p. 81)

As considerações do lavrador movem as fronteiras da percepção de Willian James, pois ele havia deixado escapar alguns aspectos essenciais daquela situação. Ao se encontrar com o relato do agricultor, James termina por reconhecer que “estava perdendo todo o significado interno da situação [...] quando eles olhavam para aqueles tocos medonhos, aquilo em que pensavam era uma vitória pessoal”. (JAMES apud RORTY, 2007, p. 81)

Desde que aprendi, no ano de 2006, sobre a dependência que a observação – no sentido de percepção (algo que já é proposicional, discursivo) e não meras “imagens na retina” – tem da teoria, ou seja, das nossas redes de conceitos, passei a me preocupar com aquilo que não percebia. Este é um tema chave para a avaliação.

Em uma aula do primeiro semestre do curso de Rosa – em um curso EJA-EPT da minha instituição – pedi aos estudantes que formassem grupos para a realização de uma atividade. Rosa ficou sozinha e solicitou minha ajuda para entrar em um grupo. Não me lembro exatamente do que disse a ela, no entanto terminei por não ajudá-la e ela decidiu, diante da minha negligência, ir mais cedo para casa. Naquele dia, eu só viria a saber anos depois pela entrevista já citada, que ela foi seguida por um carro, passou por uma situação muito difícil, e, por essa razão, pensou em abandonar a escola. Não o fez, embora esse fato gerou um grande

afastamento entre nós.

Esta situação durou até o final do semestre. No último dia de aula, Rosa estava fazendo uma prova de recuperação. Aos poucos seus colegas foram entregando e saindo. Logo ela era a única na sala. Terminado o tempo, me pediu que corrigisse a prova pra saber como havia se saído. Corrigi e vi que com aquela nota não havia alcançado a média. Evidentemente que todos esses aspectos merecem ser problematizados, porém não há espaço para fazê-lo. Eu havia notado sua vontade de aprender, traduzida no esforço demonstrado durante as aulas e inclusive naquele dia mesmo da prova. Ela estava ali tentando, tentando sem se entregar. Então decidi dizer-lhe algo assim: “Fique tranquila. Percebi seu esforço. E o esforço vale muito. Você está aprovada. E no próximo semestre vamos juntos aprender mais”.

Ocorreu uma transformação em nossa relação, que passou a ser muito boa – arrisco a dizer – e assim permaneceu. Aconteceu que eu não havia notado nada disso até a entrevista de pesquisa, realizada com ela já no oitavo e último período do curso. Com efeito, não sei exatamente como vou fazer, mas quero estar mais atento e passar a avaliar melhor o esforço e outras dimensões afetivo-volitivas que são estruturantes da nossa conduta nos diferentes contextos que atravessamos e que nos atravessam.

Não podemos responder voluntariamente ao que se encontra para além dos limites da nossa percepção e, sem dúvidas, esse “para além” sempre nos fará companhia. Embora, quando aprendemos movemos esses limites, e como sempre estamos aprendendo, sempre estaremos ampliando o alcance de nossa percepção, algo que tem impacto direto nos cursos de ação que vamos escolher e tentar realizar.

Roberto Martins de Souza
Câmpus Paranaguá, IFPR



Este relato compõe uma síntese da reconfiguração assumida nos cursos EJA/FIC no Câmpus Paranaguá, Instituto Federal do Paraná (IFPR), especialmente, na oferta dos

cursos de Auxiliar em Agroecologia com ênfase na soberania alimentar e o curso de Defensores Populares na temática dos direitos humanos. Nesse breve relato informamos a adoção da concepção de EJA baseada na educação popular, que tem como ponto de partida e referencial as vivências, identidades, lutas e saberes construídos pelos sujeitos da EJA nas relações sociais, culturais e políticas vivenciadas nos espaços sociais que reivindicam tempos de direitos humanos nas periferias de Paranaguá.

Adotamos desde o início de nossas ações educativas a concepção da EJA/EPT a partir de um olhar de educação em direitos humanos baseado no diálogo com as organizações populares locais. Nesse sentido, escapamos dos limites de um “Programa” para assumir a histórica identidade da EJA, agora articulada à EPT. A EJA/EPT no campo dos direitos e não da mera segunda oportunidade, passa a ser pensada como criação de espaços pela educação continuada ao longo da vida, o que nos facultou mudanças nas estruturas cur-

riculares que excluem suas formas de trabalho, trajetórias de vida, a luta por moradia, a memória, cultura e identidade coletiva. Essas situações tornam-se mais visíveis quando conhecemos a região onde o Campus está localizado, concentrando grande contingente de trabalhadores informais e formas diversas de trabalho: catadores de reciclados, diaristas, autônomos, desempregados, biscateiros, mulheres que trabalham nos serviços da casa e são mães, dentre outros, que geram seu autoemprego como estratégia de reprodução social e econômica.

Para atender o público e não somente indicadores de produtividade, apostamos na modalidade de EJA/EPT adaptada ao tempo do trabalhador/a. Essa possibilidade de diversificar e flexibilizar a oferta da Educação Profissional – EP articulada à EJA correspondeu até o momento com a realidade local dos trabalhadores/as da periferia, impossibilitados em sua maioria de frequentar uma proposta PROEJA Técnico, em condições de pouca estruturação, falta de pessoal capacitado e recursos de assistência estudantil no IFPR. Outra mudança significativa se explicita ao adotarmos a concepção da EJA como norteadora da ação educativa profissional e tecnológica, ao invés da perspectiva predominantemente tecnicista e desenvolvimentista de perfil funcional, resgatamos à metodologia da educação popular de viés cultural, centrada na formação humana e emancipatória. Nessa orientação, mudam-se os critérios de definição para a oferta dos cursos profissionalizantes, uma vez que se consideram as situações-problema como definidoras principais das propostas de cursos de qualificação profissional e, não mais as demandas do mercado do trabalho como prioridade.

Essa mudança formativa visa potencializar primeiramente o sentido da cidadania e dos direitos básicos, além de fornecer status de dignidade aqueles que estão no mundo do trabalho informal em cenários de baixa empregabilidade e escolaridade. Não se trata de oferecermos o mínimo para quem teve negado historicamente seus direitos básicos, mas importa criarmos um ambiente inicial que estimule e envolva os sujeitos EJA à se reencontrar com a educação escolar e

profissional e seu encantamento, a partir de sua experiência da “descoberta” de seus direitos e potencialidades no mundo do trabalho. Por isso, muitos estudantes EJA/FIC retornaram definitivamente à escola para concluir a educação básica e continuamente permanecem buscando processos seletivos no IFPR em novas modalidades, assim como seus familiares, desmitificando a imagem elitizada do Campus.

Ao observar as situações-problema buscamos transformá-las em propostas pedagógicas que tem por finalidade superar as contradições sociais locais: saneamento, energia elétrica, segurança alimentar, direito à moradia, fortalecimento da cultura local, a comunicação popular, a inclusão digital e o direito das mulheres. Conhecer essas particularidades locais e suas contradições sociais, nos permitiu compreender a heterogeneidade peculiar das identidades coletivas, tempos e espaços de vida e trabalho, violação de direitos humanos a serem superadas e construir relações sociais com os sujeitos da periferia, pressuposto fundamental da ação educativa. Tem-se, com isso, os elementos básicos para iniciar o delineamento da configuração proposta à EJA/EPT, de forma mais adequada e apropriada ao planejamento da modalidade de ensino, proposta curricular e metodologia a ser ofertada.

Aula no cinema: entre suspenses e romances

Roberto Remígio Florêncio
Câmpus Petrolina Zona Rural, IF Sertão

A sessão de um filme em tela grande e som estéreo, ainda que inacessível à parte da população, é uma tecnologia e diversão consolidada em todo o país. O mais antigo cinema da região, o São Francisco, em Juazeiro-BA, foi inaugurado na década de 1950, mas hoje, em seu histórico edifício modernista, funciona uma loja de produtos importados. Em Petrolina-PE, no prédio do cine com o nome da cidade, foi instalada uma igreja, e o Cine Massangano deu lugar a um pequeno centro comercial. Alavancada por mudanças mercadológicas, veio a onda das confortáveis salas dos shoppings centers, o que promoveu a renovação do circuito, bem como a perda do charme de outrora. Mas, analisar esse processo é assunto para outro momento, o que pretendo é dizer que, para mim, parecia que “ir ao cinema” tratava-se de uma programação casual na vida das pessoas. Daí, começam as minhas surpresas: dos alunos das duas turmas do PROEJA Agroindústria, nenhum deles havia entrado em um cinema. Eram 7 alunos do 3º ano e 8 do 2º, com características distintas: idades entre 18 e 66 anos; trabalhadores rurais, comerciantes e desempregados; moradores da zona rural ou de pequenas cidades vizinhas; casados, solteiros, separados. (...) No componente curricular de Língua Portuguesa, em que o professor é convidado a envolver habilidades de produção textual, normas da língua padrão, arte literária e a criticidade das interpretações textuais, surgiu a ideia de construirmos conhecimentos a partir da experiência de um texto diferente, como um filme no cinema. A possibilidade de irmos ao shopping gerou uma grande excitação e todos passaram a querer conhecer o cinema. Como professor, no labor dos gêneros técnicos (resumo, resenha...) e com o obje-

tivo de abordar a Literatura Brasileira, eu poderia também aprofundar temas como as tecnologias digitais, a história do cinema e a participação desse elemento na construção sociocultural. As opções preferidas da turma eram comédia e ação, e havia uma sessão especial de “O auto da compadecida”, em homenagem aos 90 anos do escritor Ariano Suassuna, ícone da literatura regional. Durante o filme, com suas cenas hilárias, foi mesmo o comportamento dos estudantes que me chamou a atenção. Eles se mostravam deslumbrados: assistiam a todos os lances, riam e se assustavam nos momentos devidos, emocionavam-se, torciam, comiam avidamente a pipoca até o aplauso no instante final. No entanto, a inquietação de uma aluna me marcou profundamente. Era a Lurdinha¹, a filha de um casal que estudava na mesma sala. Eles eram muito humildes. Moravam a uma distância de 25 quilômetros da estrada onde pegavam o transporte até o campus, também distante 25 quilômetros da cidade. Eram agricultores e cultivavam apenas para subsistência, em seu pequeno lote, onde se mantinham firmes, rodeados por grandes fazendas irrigadas e latifúndios de áreas de caatinga. A vida no interior do sertão semiárido, sem acesso à água por da irrigação, não é fácil. As estiagens são longas e a produção agropecuária fica comprometida. Lurdinha era a filha caçula do casal. Os irmãos emigraram em busca de melhores condições de vida. Ela ficou, pela timidez ou pela responsabilidade de cuidar dos pais idosos. A moça praticamente não assistiu ao filme, olhava tudo ao redor, imaginava os rostos das pessoas no escuro da sala, corria os dedos pelo estofado das poltronas, sentia o som estéreo que saía das invisíveis caixas de som, roçava o pé descalço pelo carpete macio. Na aula seguinte, os comentários da experiência eram sobre o deleite que foi assistir a um filme tão intenso, cheio de aventura e comédia, em um espaço tão grandioso e confortável como aquele. O enredo foi trabalhado como exemplo de narrativa, evidenciamos a produção de resumos e um breve estudo literário da obra original. A excitação dos alunos era total, mas Lurdinha não conseguiu elaborar seu

1 Nome fictício.

texto. Ao fim das aulas daquele dia, já no ponto do ônibus, com muito jeito, eu perguntei a ela porque não conseguira escrever seu resumo. Ela, disfarçadamente, me chamou a um canto e confessou: “Professor, eu não consegui prestar atenção ao filme. Eu estava encantada demais com o cinema”. “Tudo bem, isso é normal, era a primeira vez que você estava num cinema”, tentei consolar. “Não, professor. Eu já tinha ido”. Esta informação causou em mim extrema admiração: como assim? “Eu fui com um rapaz, professor. Ele escolheu um suspense, mas naquele escuro, foi só romance, professor.” Por isso ela olhava tanto para as pessoas, queria certificar-se de que não poderia ser vista na escuridão da sala. “Ah, então você está namorando escondido, heim?”, tentei brincar. “Não, professor, era apenas um crush”. O ônibus chegou nessa hora.

Roberto Rodrigues Cunha Lima
Câmpus Natal - Zona Norte, IFRN



Era o segundo semestre de 2012. Chegava ao fim mais uma aula do professor Roberto Rodrigues Cunha Lima, no laboratório de Química do Campus. Lucimar Fernandes de Lima era uma das alunas daquela pequena turma de EJA.

Lucimar então revelou ao professor Roberto que gostaria de desenvolver uma pesquisa naquele laboratório, que ficara

interessada após saber de outras pesquisas realizadas na área de Química, apesar de confessar certa dificuldade com os conteúdos abordados na disciplina.

Após a resposta de que poderia ser estudada a proposta de um projeto, Lucimar se antecipou, explicando que era cabelereira e gostaria de desenvolver um produto para combate à pediculose. Explicou que o problema despertara a sua atenção em virtude da constante problemática envolvendo a infestação por piolhos, sobretudo atingindo crianças em fase escolar.

Desafio aceito! Ficou definido após algumas reuniões que seria desenvolvida uma pesquisa visando à produção de um gel à base de quitosana para a remoção de piolhos e lên-

deas. O objetivo envolvia o reaproveitamento de resíduos de pesca e carcinocultura para obtenção de um produto acessível a populações socioeconomicamente vulneráveis.

Após um ano, com o produto piloto já desenvolvido, o trabalho foi apresentado em mostra tecnológica interna, a primeira edição da Mostra de Ciência e Tecnologia da Zona Norte de Natal (MOCITEC-ZN), que contou com a participação de um representante da Mostra Internacional de Ciência e Tecnologia (MOSTRATEC) - a maior mostra científica da América do Sul na categoria de ensino básico.

Apesar de a MOSTRATEC nunca ter aberto, até então, inscrição para projetos desenvolvidos por alunos da EJA, o trabalho de Lucimar foi escolhido para apresentação na edição posterior do referido evento, realizado na cidade de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, em 2014.

Lucimar iniciava, então, um percurso marcado pelo enfrentamento de desafios e enorme capacidade de suplantar barreiras com trabalho e dedicação.

No dia da abertura da MOSTRATEC, foi comunicado a Lucimar e Roberto que os organizadores do evento estavam muito satisfeitos com a primeira participação de uma aluna da EJA, mas que o trabalho não iria concorrer a prêmios ou classificação, até pela faixa etária da estudante.

Na cerimônia de encerramento do evento veio a surpresa: o trabalho foi anunciado como classificado em terceiro lugar na área de saúde e recebeu um credenciamento para uma mostra tecnológica realizada em Milão (Itália), no ano seguinte. Na rampa de acesso para receber os prêmios no Teatro Feevale, Lucimar foi inicialmente barrada porque somente os estudantes deveriam acessar o palco. Foi barrada por causa da idade... Explicou que era ela a estudante e subiu ao palco para a premiação.

A estudante potiguar fez então as suas primeiras viagens de avião. Em 2014, entre Natal/RN e Porto Alegre/RS, e no ano seguinte entre Natal/Brasil e Milão/Itália. Lucimar completou 40 anos de idade na Itália.

Na mesma época, e após vencidas todas as etapas burocráticas, o processo de solicitação de registro de patente

de invenção do Gel de Biopolímero para Prevenção e Tratamento da Pediculose foi protocolado no escritório local do INPI e foi cadastrado sob o número BR 10 2015 025179 3.

Assim, uma aluna da modalidade EJA, de uma escola pública, a partir de um projeto proposto e inspirado em sua experiência de vida, alcançou um registro de solicitação de patente no INPI.

O brilhantismo de Lucimar marcou sua passagem pelos setores, laboratórios e salas de aula do nosso Campus do IFRN. As oportunidades oferecidas e a importância da pesquisa na formação dos estudantes foram percebidas por Lucimar e aproveitadas além de suas expectativas.

Sorte nossa, mesmo após concluir o Curso Técnico Integrado de Comércio, na modalidade EJA, Lucimar continua frequentando o atual Lapern – Laboratório de Pesquisa em Recursos Naturais, e segue sua jornada de conquistas.

Rosilene Lima da Silva
São Luís/Maracanã, IFMA

Minha história se confunde com a de tantas outras: Marias, Franciscas, Joanas, Sebastianas...

Vim de uma época em que a única escolha era procriar.
Estudar nem pensar!

Só cabia a mim aprender a lavar, passar, cuidar e cozinhar.

E assim se repetia mais um ciclo em minha vida;
Sem oportunidades, sem escolhas, sem perspectivas.

Às vezes corrida, às vezes consentida ...

Seguia, ainda menina, com quase nada, para formar uma nova família

E a esperança do novo logo se desmoronava.

O que eu sentia, o que se passava era o que eu já conhecia dentro de meu antigo lar.

Vieram os filhos, as dificuldades, as alegrias e as adversidades.

Porém, prometi para mim que com eles seria diferente, pois eles iriam estudar, mesmo contra a vontade do pai, trabalhei dobrado e consegui meus filhos formar.

Uma de minhas meninas me incentivava a ir para a escola, logo eu, já uma senhora.

Mas, ela falou algo que me inculcou, disse ela que um grande educador já afirmara: “A leitura do mundo, precede a leitura da palavra”.

Fiquei uns dias pensando naquela afirmação, de certa forma, bem lá no fundo, sabia que ele tinha razão.

1 Poema realizado a partir de minha prática profissional com as mulheres-mães, estudantes da EJA. Foi inspirado por meio dos resultados de pesquisa sobre Origens, Motivações e Perspectivas, com as estudantes do 3º ano do curso técnico em Cozinha no IFMA-Campus São Luís-Maracanã.

Juntei toda a minha coragem e no fim da tarde segui para a escola, queria conhecer essa tal EJA e o que tinha para me oferecer nessa altura de minha vida e, para minha surpresa, me deparei com vários senhores e senhoras de minha vizinhança, notei neles um brilho no olhar, os sorrisos e a professora me recebeu com tanta gentileza.

Me senti à vontade, entusiasmada, sentimentos e novos conhecimentos passaram a me acompanhar a partir daquele dia.

Ao chegar em casa, com caderno, lápis e borracha, todos queriam saber de onde eu vinha e os respondi de peito inflado: Venho da escola!

Quase todos me apoiaram, ficaram felizes com minha decisão, menos meu marido que me disse que já era muito velha para essa tal de escolarização.

No entanto, não me abati! Bati firme o pé no chão e disse que não iria desistir não!

E assim se foi ano, após ano, com o supletivo passou voando!

E muita coisa pude aprender e também compreender coisas do meu cotidiano, como: desigualdade social, patriarcalismo, relacionamento abusivo e empoderamento.

Fiquei exigente, consciente e questionava porque as coisas não poderiam ser diferentes, meu marido não gostou e foi-se embora dizendo que já não havia mais amor.

Contudo, o que ele não sabia era que por meio do conhecimento, um novo amor havia sido despertado e crescido: o meu amor próprio.

Juntei todos os cacos de uma vida dedicada em um relacionamento difícil, por vezes abusivo e decidi não desistir, continuar a caminhada. Soube da oportunidade de um curso técnico no Instituto Federal, a princípio me assustei, será que daria conta de um curso em uma instituição federal?

Mas, novamente juntei toda a minha coragem e fui me inscrever e ao longo desses três anos, essa oportunidade mudou a minha história, isso já posso dizer.

Já tenho meu próprio negócio, é pequeno, precisa melhorar, mas já ajuda no sustento de meu lar e tenho também

algo que ninguém pode me tomar, o conhecimento e o desejo de cada vez me aprimorar.

Sei que a caminhada não acabou, mas considerando tudo o que já passou, sou uma nova pessoa que graças à EJA deu a minha vida uma nova certeza: “Educação não transforma o mundo, educação muda às pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

Viva a EJA! Paulo Freire presente! Presente! Presente!

Ruti Angela Barbosa Oliveira
Câmpus Venâncio Aires, IFSul

Sou Assistente em Administração no IFSul há sete anos. No ano de 2014, passei a atuar como Coordenadora de Estágios. Meu local de trabalho é no setor de Registros Acadêmicos, desta forma, também atendia a demandas de Registros. Com isso, acompanhava de maneira indireta os casos de evasão do curso Proeja Secretariado ofertado pelo Câmpus e isto me causava certo tipo de inquietação.

No ano de 2018, ingressei no Programa de Mestrado ProfEPT do IFSul Câmpus Charqueadas. À medida que ia me apropriando dos conhecimentos adquiridos nas disciplinas, ia amadurecendo meu tema de pesquisa. Considerando a inquietação já citada, decidi que meu fenômeno de estudo seria, na modalidade do Proeja, os estudantes que entram, permanecem e aprendem. Porque também decidi realizar uma pesquisa focada nos aspectos positivos, pois me pareceu mais interessante e significativo investigar o que estava dando certo, tanto em relação às práticas no Câmpus, como em relação ao comportamento dos estudantes. E, mais importante, porque eu penso que se deve ter uma postura positiva perante a vida.

A partir das minhas leituras, a partir do desenrolar e resultados da pesquisa aconteceu toda uma transformação, toda uma mudança de percepção e de perspectiva minhas em relação ao público do Proeja. Posso começar dizendo que este é um Programa de resgate social e de cidadãos de direito e que, por isto, deve ser consolidado como política pública de emancipação e de diminuição das desigualdades sociais do nosso país. E que devemos, sim, cobrar do Estado e das Instituições esta responsabilidade.

No entanto, o que de mais importante aconteceu foi a minha transformação, uma admiração, respeito e carinho

que passei a ter por estes educandos. Sujeitos que percorrem o caminho do trabalho para a escola em busca de uma formação, de uma profissionalização, que lhes foi negada, por incontáveis motivos, no tempo considerado regular. Entendi que estes são sujeitos de coragem, muita coragem. Coragem para voltar para a escola e coragem para permanecerem até a conclusão do curso.

Desconstruí alguns preconceitos pessoais que eu tinha por desconhecer totalmente a realidade e o percurso de vida de estudantes que tiveram interrompida essa etapa formativa tão importante. E ao desenvolver um documentário, que foi meu produto educacional, acredito ter aberto um espaço para dar voz a estes estudantes muitas vezes silenciados e com pouca visibilidade na própria Instituição. Para tanto, entrevistei estudantes que haviam ingressado no ano de 2016 e se formado no ano de 2018. Nessa produção, os estudantes egressos narraram seus percursos de vida e contaram histórias sobre seus relacionamentos com a escola, apresentando desafios que envolveram o processo da formação escolar, revelando suportes e apoios encontrados dentro e fora da escola para concluir o ensino médio.

Embora eu mesma tenha produzido este documentário, me emociono muito a cada vez que assisto, talvez porque eu me reconheça nas suas histórias. Considerando que também passei por dificuldades na minha infância, penso que o grande diferencial foi ter tido uma mãe que, na sua sabedoria intuitiva, decidiu que suas filhas não teriam o mesmo destino que o seu e despendeu todos os esforços, a fim de que pudessem estudar até a conclusão do ensino médio.

Esta é uma produção que se configura como um recurso de valorização das conquistas do público do Proeja, aporte motivacional para estudantes desta modalidade quanto à permanência na escola e instrumento de sensibilização para gestores e servidores quanto à relevância e quanto ao compromisso social, que é a oferta desta modalidade em uma instituição como os Institutos Federais.

O documentário desenvolvido é intitulado “Narrativas dos Sujeitos do Proeja do Curso Secretariado do IFSul

Câmpus Venâncio Aires” e está disponível em: <https://youtu.be/zUmkMOBWh8I>.

Quero deixar registrado que o papel dos Técnicos Administrativos também se configura como de educadores, que podem desenvolver práticas e ações que contribuam para o processo de ensino e de aprendizagem.

Por fim, considerando que sou servidora pública, que me foi permitido um afastamento para este momento de qualificação, busquei realizar uma pesquisa que se configurasse como uma contribuição política e social e que demonstrasse como se dá o empoderamento das classes populares por meio da educação.

Importância das histórias de vida no processo de ensino e de aprendizagem

Sabrina Chapuis de Andrade
Câmpus Alvorada, IFRS

Durante minha trajetória acadêmica já havia trabalhado com diferentes públicos: jovens, adultos, em cursos técnicos, graduação e pós-graduação. Mas, foi no Campus Alvorada do IFRS que eu tive a primeira atuação docente em um curso de PROEJA.

Muito diferente de todos alunos que eu já tinha convivido até então, os alunos do Curso Técnico em Cuidados de Idosos Integrado ao Ensino Médio tinham, cada um, histórias de vida muito peculiares. Em uma mesma sala de aula encontrávamos pessoas na faixa etária dos 20 anos e também pessoas com mais de 60 anos. Cada um deles tinha histórias lindas de vida. Mas, também, tinham histórias de grandes dificuldades e de superações maiores ainda. Os desafios para poder continuar com o Curso eram diversos. O cansaço do dia a dia era com certeza o maior inimigo nas noites de aulas. Estudar tantos componentes de ensino, ter de relembrar conhecimentos que tinham sido abordados no ensino fundamental, que a maioria já não estudava há tantos anos, e dedicar-se a aprender a complexidade física e mental dos seres humanos, em especial dos idosos, era uma provocação diária a ser superada por cada um.

Eu, nesse contexto, me via mais instigada ainda. Planejar as aulas para as turmas desse curso, muitas vezes, levava dias e mais dias. Afinal, eu acreditava que tinha o dever, mais do que nunca, de oferecer momentos agradáveis para os alunos, possibilitando um aprender e ensinar de forma mais leve, que não tornasse a jornada dos estudos ainda mais difícil. Entretanto, eu sou professora dos componentes das áreas técnicas, específicas da área da saúde. Dessa forma, o desafio era maior ainda. Planejar aulas com abordagens

mais práticas (ainda que dentro da própria sala de aula), problematizar assuntos cotidianos, discutir e abordar temáticas presentes na vida daqueles alunos eram algumas das estratégias que utilizava para tornar os momentos de aula mais interessantes e até mesmo ser uma “fuga” para os tantos problemas da vida que esperavam lá fora.

Contudo, infelizmente, nem todos conseguiram vencer tantas adversidades. A cada semestre víamos que a turma ficava menor. O sentimento de perda na turma, entre os alunos e também na instituição, entre os servidores, era nítido. A cada reunião de colegiado de turma tentávamos traçar estratégias em conjunto para que não perdêssemos mais nenhum aluno ao longo do caminho. Nosso objetivo era que todos e todas pudessem participar da festa da formatura e comemorar o êxito ao concluir essa jornada. Afinal, é muito dolorido cumprir o período letivo e ver que perdemos alunos ao longo do caminho. Alunos que são na verdade os protagonistas dessa linda história que é o aprender e o ensinar.

Particularmente, os aprendizados que adquiro trabalhando com as turmas do PROEJA possibilitam que eu entenda melhor as fortalezas que nossos alunos enfrentam. Mais do que nunca, esses alunos nos ensinam lições de vida e de superação.

Frente a tanta diversidade de experiências, busco me atualizar e propor atividades de ensino que valorizem as vivências e os conhecimentos dos estudantes. Entendo que o papel do professor é possibilitar o processo de ensino e de aprendizado, mas não podemos esquecer que o ambiente em que isso ocorre pode (deve!) ser acolhedor e envolver afeto, fortalecendo o vínculo. É a partir disso que poderia citar aqui nomes de tantos estudantes que marcaram história em nosso campus. Alunos e alunas que passam por nosso campus e deixam conosco um pouco de suas histórias. Todos e todas são muito especiais e são eles e elas que fazem nosso curso ser, também, muito especial.

Sabemos que nesse processo as provocações são inúmeras. Manter um curso de PROEJA é, atualmente, um desafio para qualquer instituição de ensino, devido à alta evasão es-

colar. Contudo, apesar de todos as dificuldades, o processo de ensino e de aprendizagem deve ser oportunizado a todos e todas. Afinal, viver, por si só, é um grande desafio; mas, juntos, valorizando a história de vida uns dos outros, os desafios podem ser mais facilmente superados.

Muito estranho: a história de uma pessoa que tinha tudo para não dar certo

Sérgio Adalberto Pavani
Colégio Técnico Industrial de Santa Maria, UFSM

Depois de 20 anos trabalhando na indústria pesada, resolvo mudar de vida e “virar” professor no Colégio Técnico Industrial de Santa Maria, onde estudei por apoio e incentivo de um tio que aqui lecionou. Meu tio era uma pessoa correta, gentil e dura ao mesmo tempo. Na indústria, normalmente em cargos de chefia, aprendi que não podemos utilizar a mesma linguagem e ter a mesma atitude com todos igualmente, mas por que digo isto? Pois em um belo dia (quase toda a história com final feliz assim inicia), surge repentinamente como um bólido silencioso, a então coordenadora do PROEJA do CTISM, que estava na sua primeira edição, e me interpela:

- Professor, tu que trabalha com pessoas diferentes, poderia achar um espaço, como estagiário ou bolsista, para um aluno?

Perguntei quem era, suas particularidades e descobri assim que ninguém ficou animado em dar uma oportunidade a este aluno. Bem, estas particularidades, que fui informado e que depois foram sendo reveladas não eram, por assim dizer, muito animadoras, pois tratava-se de um homem alto, forte, de mãos simplesmente enormes e que estava em recuperação em uma clínica de recuperação de dependentes químicos.

Ao conhecê-lo, em uma entrevista particular, fiquei um pouco apreensivo, pois além de um tamanho avantajado tinha um olhar muito estranho, que escapavam de seus olhos ameríndios, que variava entre um vazio perdido e o olhar de uma fera, pois o seu tratamento, nesta fase inicial, o colocava sempre medicado, com remédios fortes, para ajudá-lo a superar os vícios a serem abandonados.

Nos conhecemos e aos poucos começamos a trabalhar. Perguntei o que ele sabia fazer, a resposta foi desanimadora, mas vamos lá.

- Alguém já pediu algo na escola? Perguntei meio desanimado, não sabendo por onde começar.

- Sim, responde o Muito Estranho, uma extensão para alimentar um computador, mas não sei fazer, acho que a droga desmanchou o meu cérebro.

Com calma, fomos ao almoxarifado do CTISM e nos armamos de fios, plugs, tomadas, alicates, chaves de fenda e começamos a montar uma extensão elétrica para um computador. Medir o comprimento do fio, cortar, desencapar, abrir os terminais, fixar os fios, fechar tudo. Na segunda tentativa, escuto o mesmo lamento:

- Está muito difícil, acho que a droga queimou o meu cérebro.

Porém, alguns dias depois, encontro o Muito Estranho com uma “braçada” de extensões e um sorriso na cara. Mas aí começou a surgir uma certa confiança mútua. Abri uma oportunidade para trabalhar em um projeto, onde dezenas de alunos de um Projeto denominado Escola de Fábrica, vindos de cidades distantes vinham para trabalhar disciplinas práticas no CTISM aos finais de semana. Com aquele tamanho e agora um olhar mais firme, o coloquei como Fiscal de Corredor, sendo que sua função era “puxar” os alunos para os laboratórios, o que passou a fazer muito bem. Mas o ponto mais importante da história do Muito Estranho foi quando precisei formar uma equipe composta de professores e monitores para um período de 2 meses na cidade de Cruz Alta e o designei para auxiliar de soldagem, devendo ensinar a “pontear” com eletrodos revestidos, o que ele já deveria saber. Mas fiquei surpreso com sua resposta:

- Professor, tenho medo da solda.

Comecei a rir, não para ofender Muito Estranho, mas aquilo não era possível. Compreendi o seu medo, pois tratava-se do resultado de um processo falho no ensino-aprendizagem deste conteúdo, pois alguém com o passado de Muito Estranho não poderia ter medo. Mas vamos lá, sempre em

frente. No grupo, tínhamos um excelente soldador industrial, que fazia parte dos monitores contratados para o Projeto, jovem atencioso e competente. Ele tinha uma semana (5 noites) para que Muito Estranho pudesse ser minimamente competente para a empreitada.

Lá fomos a Cruz Alta, com o professor Muito Estranho na equipe de prática de Soldagem. Três meses depois, temos a formatura da turma (mais de 200 brasileiros) e, como coordenador, começo a indagar com os formandos qual tinha sido o melhor professor do curso, e Muito Estranho é citado por quase todos os alunos. Qual o motivo? Porque Muito Estranho era um deles e sabia respeitá-los e incentivá-los a seguir em frente.

Aquele que era um verdadeiro pária da sociedade conclui o seu curso, mas resolve continuar e conclui mais três cursos técnicos na área industrial, sendo aprovado (sem favores) em cada um deles e, antes disto, passa a trabalhar como um técnico industrial.

Portanto, não é porque alguém seja Muito Estranho, grande, internado em clínica de recuperação que deva ser descartado. É necessário que saibamos, como professores, saber falar como eles e respeitar o seu passado, não como uma maneira de ser condescendente, mas ter a força de chegar ao nível HOJE de cada aluno Muito Estranho, para que AMANHÃ possa ser um igual, através da nossa força, da nossa inteligência, da nossa determinação e da nossa bondade. Assim um Muito Estranho passa facilmente despercebido como um cidadão correto e produtivo.

Espelha

Vanessa de Oliveira Dagostim Pires
Câmpus Sapucaia do Sul, IFSul



Foi depois do dia inteiro
De fazer o almoço, lavar a
roupa, dar comida pra criança
Arrumá-la, levá-la pra es-
cola

Depois de ir pro trabalho
correndo pra chegar antes do
sinal

De entrar na sala e ver o
sol se pondo pelas frestas da
janela

De lanchar no intervalo
com pressa

Separar o material, fazer
as cópias

E mandar mensagem pra
ver se a criança chegou bem

Depois de dar aquela corridinha básica ao banheiro
De dar “tchau” para quem tá indo e “oi” pra quem tá
chegando

Foi depois de correr pra sala para empatar com o sinal
E dar “boa noite” e me concentrar na programação
De conferir, com uma passada de vista, quem já chegou
e quem vai chegando

Enquanto começo a escrever no quadro e contar o que
preparei pra hoje com uma empolgação que ressurgiu quase
milagrosamente

Foi depois de algum tempo ainda que você chegou

Entrou de cabeça baixa, disse “boa noite” bem baixi-
nho e foi se sentar no local habitual, no canto da sala perto
da porta (porque quando for a hora de sair você não pode

perder o último ônibus)

Você me cumprimentou de forma tímida e lançou o seu olhar

Eu te vi e foi como um espelho

Na mesma hora eu soube, pelo seu olhar e cabelo cansados do dia todo fora de casa

Soube da preocupação de saber se as suas crianças estão bem

Se recolheram a roupa que você estendeu bem cedinho

E se esquentaram a comida que você deixou pronta na geladeira

Metade de você estava naquela sala, conosco

Mas a outra metade estava na casa que você deixou no início do dia e esperava voltar logo mais

A noite avançou

Pessoas se levantando

Papéis aparecendo na minha mesa

Você ficou, me olhou diretamente e me aproximei

Tentei recuperar a sua última atenção que ainda era possível para a folha que você segurava e que estava em branco

Procurei as melhores palavras para esta tarefa

Você respirou fundo, olhou pro papel mais uma vez

E tentou

Afastei-me um pouco, em silêncio, para que nada atrapalhasse o seu momento

Talvez o único do dia em que estivesse fazendo algo exclusivamente pra si

Logo mais você se reaproximou, me entregou a folha e me pediu pra fazer uma pergunta

“É claro”, eu respondi

Pensando que seria sobre a aula, sobre o texto que estava na folha, sobre a escrita de alguma palavra

E então você me perguntou: “Como a senhora consegue, professora?”

Então eu soube que você também me via

Que ao olhar nos meus olhos você também sabia

Respirei aliviada e respondi sorrindo: “Eu também não consigo”.

O PROJETO no Theatro São Pedro de Porto Alegre

Vinícius Silveira Borba
Câmpus Charqueadas, IFSul



A história que conto, pois merece ser contada, tem como protagonistas os estudantes do Curso Técnico Integrado em Fabricação Mecânica do IFSul - Câmpus Charqueadas. Muitas vezes é fora do ambiente escolar que o estudante vê o

professor como pessoa e esta mudança no olhar pode ser o ponto de partida para ocasionar uma transformação positiva nas dinâmicas que envolvem a diária troca de conhecimento em sala de aula.

A vivência de acompanhar um grupo de estudantes da educação de jovens e adultos ao teatro foi possível graças a uma ação conjunta que envolveu vários atores, o primeiro deles foi a Rádio Mix FM, localizada na Região Metropolitana de Porto Alegre, que realizou um concurso cultural em outubro de 2018. O desafio era voltado para as escolas públicas que deveriam enviar para o "Programa Cafezinho", um dos programas da referida rádio, uma resposta para a seguinte pergunta: Por que sua escola precisa assistir o espetáculo *Adolescer* no Theatro São Pedro?

A peça *Adolescer*, importante ator nesta história, estreou nos palcos de Porto Alegre em 2002 e, com um texto atual, aborda temas comuns do universo jovem, como os atuais "memes", e também assuntos mais sérios, como o rela-

cionamento entre adolescentes, pais e professores, a relação com o excesso de informações, as mudanças corporais e as emoções. Escrito pela diretora, professora e pedagoga Vanja Ca Michel, o roteiro conta com pequenos fragmentos de textos do médico e psicanalista José Outeiral, do educador Rubem Alves e do escritor Moacyr Scliar.

Confesso que não me recordo exatamente qual a frase que foi contemplada com os ingressos, pois enviei ao concurso cultural várias sentenças relacionando a escola com o caráter transformador, acessível, emotivo, verdadeiro e encantador do espetáculo *Adolescer*, o qual eu já havia assistido algumas vezes. Ao ficar sabendo do resultado, que foi divulgado durante a programação da rádio, ao invés de convidar uma das tantas turmas do ensino médio diurno, composta por adolescentes, eu pensei: Por que não levar o PROEJA?

No contexto desta pequena história é preciso ressaltar a importância de mais dois atores, o primeiro deles é o campus que viabilizou toda a logística de transporte através das ações sensíveis e ágeis da chefia de gabinete e do motorista, ambos técnicos administrativos da nossa instituição. E o outro personagem é o Teatro São Pedro em si, pois há algo mágico ali, algo que não sou capaz de descrever, mas que o torna um lugar ideal para alguém que descobre os encantos do teatro pela primeira vez. E tal encantamento foi fundamental para causar as impressões e transformações que relato a seguir.

Mais importante do que relatar a ocasião e os fatores que envolveram esta ação é registrar as transformações sociais e humanas desencadeadas pela própria ação. A saída do ambiente escolar para realizar uma atividade cultural foi transformadora, superando as expectativas acerca do que uma escola é capaz e proporcionar para um indivíduo. Muitos estudantes estavam indo ao teatro pela primeira vez, muitos externaram pensar que nunca teriam a oportunidade, a capacidade ou o merecimento de estar naquele lugar vivenciando aquele momento. Como já disse, o Teatro São Pedro de Porto Alegre é mágico! E a magia estava nos olhares dos estudantes que expressaram a dúvida sobre poder

rir, poder chorar ou poder aplaudir naquele lugar e naquele momento. São em momentos como este que entendemos a dimensão e a importância humana e social do papel das pessoas que fazem acontecer o PROEJA.

De volta à sala de aula, presenciei relatos de pais que, graças aos tocantes textos e interpretações da peça *Adolescer*, mudaram a maneira de interagir com seus filhos, procurando entrar no mundo deles e melhor compreendê-los. Ouvi depoimentos de estudantes jovens e adultos que resignificaram suas existências, que elevaram as suas autoestimas ao descobrirem que são capazes de vivenciar momentos incríveis e frequentar lugares até então inimagináveis. De volta à sala de aula, estudantes que ainda não haviam se manifestado durante as aulas, passaram a fazer perguntas e tirar suas dúvidas, pois alguma barreira se rompeu ao ver o seu sisudo professor de geometria andar de ônibus, entrar na fila e sentar ao lado dele para rir, chorar e bater palmas em um teatro mágico.

Wanda Silva Rodrigues
Câmpus Cubatão, IFSP



Sinto o meu corpo ficar cansado, os meus olhos doerem, a minha coluna já não é a mesma como antigamente. Conforme me levanto para ir atrás de outra xícara de café sem açúcar para despertar a minha consciência e os ossos do meu corpo velho,

fico pensando sobre os meus afazeres que tenho, paro e penso, não seria a hora de me aposentar e viver debaixo de um coqueiro e descansar?

Logo esse pensamento dissipa da minha mente, quando me lembro dos meus meninos e meninas do PROEJA, mas não posso esquecer-me da menina de Letras que juntas investigamos o sucesso dos alunos que partiram para ganhar o mundo. Essa menina que hoje é minha monitora, um dia, ajudou o tio com a lição de casa. Ele não sabia a diferença entre “ç” e “ss”. Conseguiu responder a ele, enquanto brincava de boneca, jamais cogitando que algum dia seria professora. A garota, que colecionava gibis da “Turma da Mônica”, aprendeu a ler sozinha, auxiliando os irmãos a ler quando entraram na escola.

Um sorriso breve se faz presente em meus lábios, pois essa vivência em que meus pés fizeram por todas as escolas, finalmente os fez criarem raízes no IF. Assim como, estes pés retornam para o lugar que estava antes, ouvindo os meus colegas da docência discutirem na preparação de aulas em

mais uma reunião, mas logo a minha atenção é na mensagem no aplicativo de conversa, a menina de Letras escrevendo sobre Izabel.

Lembro-me da Izabel, a minha aluna batalhadora, a sua vida não foi nada fácil. Teve que abandonar os estudos para trabalhar. Com dezenove anos, foi morar com o primeiro namorado e começou a cursar o primeiro ano do Ensino Médio, mas sequer terminou o segundo ano. Nasceu seu primeiro filho.

Sua vontade de retornar aos estudos se fez presente depois de um encontro com uma conhecida na rua, dizendo que a Federal estava ofertando o curso EJA profissionalizante focado na informática. Esse encontro foi o momento de retorno ao ambiente escolar. Sem medo algum, fez inscrição e ingressou no PROEJA do Instituto Federal. As primeiras aulas de informática foram um tormento, pois nem sabia onde era o botão de ligar e desligar um computador. A vontade de estudar para vencer na vida era muito grande. Passou por muitas provações, pois trabalhava em São Paulo fazendo faxina na casa de uma médica e sua casa ficava num bairro afastado de Cubatão.

Para assistir às aulas no Instituto, percorria um trecho do caminho de bicicleta, depois a deixava em um local específico e seguia a pé até o ponto de ônibus. Pegava o Circular, descia e percorria um trecho a pé para chegar no horário da aula. Um dia, sua bicicleta foi roubada, mas esse episódio não a fez desistir. Um dia, a assistente social da Instituição soube da sua situação e a ajudou a preencher a documentação para receber auxílio estudantil.

Os professores aconselharam-na a prestar a prova do ENCEEJA na época, mas ela preferiu continuar o curso até se formar para adquirir mais conhecimento. Formou-se no curso de “Auxiliar de Informática”, prestou o ENEM e, atualmente, faz curso EAD em Licenciatura em Matemática. Continua trabalhando como diarista e pretende fazer outras graduações futuramente.

Esse meu cansaço ainda persiste, mas quando penso em meus alunos e naqueles que passaram por mim, uma

energia se renova. Nasci para educação e mudar as vidas dos meus alunos, eles são os protagonistas das vidas deles e da minha vida. Agradeço mentalmente a cada um, mas logo me despeço da minha menina de Letras, e retorno para minha reunião enquanto desfruto do café.

2º COLETÂNEA NACIONAL

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



III ENCONTRO NACIONAL
EJA-EPT, SEDIADO NO IFAL



**INSTITUTO
FEDERAL**
Sul-rio-grandense

Câmpus
Sapucaia do Sul